



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
PUBLICIDADE E PROPAGANDA

**FUNK CARIOCA:
ENTRE A DEMONIZAÇÃO E A GLAMOURIZAÇÃO**

VITÓRIA BARBOSA VERÍSSIMO

Rio de Janeiro

2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
PUBLICIDADE E PROPAGANDA

**FUNK CARIOCA:
ENTRE A DEMONIZAÇÃO E GLAMOURIZAÇÃO**

Monografia submetida à Banca de Graduação
como requisito para obtenção do diploma de
Comunicação Social – Publicidade e
Propaganda.

VITÓRIA BARBOSA VERÍSSIMO

Orientador: Prof. Dr. Micael Herschmann

Rio de Janeiro

2022

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP - Catalogação na Publicação

V517f Veríssimo, Vitória Barbosa
Funk Carioca: entre a demonização e a glamourização /
Vitória Barbosa Veríssimo. -- Rio de Janeiro, 2022.
92 f.

Orientador: Micael Herschmann.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola
da Comunicação, Bacharel em Comunicação Social:
Publicidade e Propaganda, 2022.

1. Funk carioca. 2. Mídia. 3. Rennan da Penha.
4. Ludmilla. 5. Valesca Popozuda. I. Herschmann,
Micael, orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

FUNK CARIOCA: ENTRE A DEMONIZAÇÃO E A GLAMOURIZAÇÃO

Vitória Barbosa Veríssimo

Trabalho apresentado à Coordenação de Projetos Experimentais da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação Publicidade e Propaganda.

Aprovado por



Prof. Dr. Micael Herschmann – orientador



Profa. Dra. Fernanda Carrera



Prof. Dr. Leonardo De Marchi

Aprovado em: 22 de março de 2022

Grau: 10,0

Rio de Janeiro/RJ

2022

AGRADECIMENTOS

Após quatro anos de muitos desafios e correria, sou muito grata à oportunidade que tive de aprender tanto e conhecer pessoas incríveis na universidade que mais sonhei em estudar desde criança, a UFRJ. Fiquei extremamente feliz com o resultado e com a determinação que tive para alcançar meus objetivos, mesmo diante de um cenário pandêmico que parece interminável, e não só nesse momento como também em toda a minha trajetória no curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda.

Primeiramente, agradeço e dedico este trabalho aos meus pais, João Carlos e Maria Aparecida, e a toda minha família, que nunca me deixaram faltar nada desde que me entendo por gente, batalharam para me dar uma educação exemplar e sempre me apoiaram. Amo vocês!

Um obrigada a todo o corpo docente da ECO/UFRJ e a esta banca admirável, especialmente ao meu orientador, Micael Herschmann, que me deu todo o suporte, apoio e confiança para que eu tivesse a possibilidade de entregar uma monografia incrível com o tema que eu desejei trabalhar desde o início, além do seu excelente atendimento e simpatia todas as vezes que eu precisei de ajuda na construção dessa pesquisa.

Aos meus amigos, deixo minha eterna gratidão por me acompanharam nessa longa trajetória sem deixar que eu descredite no meu potencial. Quem tem um amigo realmente tem tudo! A começar pela Evelyn, que é a Lumena da minha Karol Conká, a Flaca da minha Maritza e a Tia da minha Tamera desde o primeiro dia de aula, obrigada por ser você e por ser a melhor amiga que poderia ter no mundo, minha *soulmate*, te amo! Meus presentes da UFRJ – Luiza, Fábio, Kevin, Thais, Gabriel, Leticia, Thiago, Osta, Matthielle, Ana Bea, Victor M. e o grupo Frigideira –, amo vocês e quero levá-los comigo para sempre! Meu melhor amigo da vida, Victor Fernandes, obrigada por sempre estar comigo durante todos esses anos, junto com Bea, Karyna e Bia, amo vocês! Meus amigos Let, João e Aline, que mesmo de longe me fizeram sorrir, e todos que não citei, mas sabem que tem um lugar especial no meu coração, obrigada por tudo!

Por fim, um agradecimento especial a mim mesma, que consegui superar minhas próprias expectativas, trabalhar muito e correr atrás dos meus sonhos com dedicação e determinação. Como já dizia MC Tha: “Eu sou guerreira que canta, encanta e vence a guerra, eu sou o passo mais largo que já andou nessa terra. E comigo ninguém pode!”. E daqui pra frente é só amor, sucesso e alegria, se Deus quiser! Obrigada UFRJ.

VERÍSSIMO, Vitória Barbosa. **Funk Carioca: entre a demonização e a glamourização**. Orientador: Micael Herschmann. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda). Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2022.

RESUMO

O trabalho tem o objetivo de analisar como o movimento do funk da cidade do Rio de Janeiro ocupa espaço na mídia através de uma dinâmica de demonização e glamourização do estilo musical nos veículos de comunicação do país, a partir do estudo de caso e da análise documental das carreiras de Rennan da Penha, Valesca Popozuda e Ludmilla. A partir de autores que se dedicaram à história do funk, pretende-se contextualizar o surgimento do movimento e utilizar recortes sociais de raça, gênero e classe para debater o que é definido como glamouroso *versus* criminoso pelos detentores do poder, que se apropriam e se beneficiam do movimento quando lhe é rentável. Dessa forma, busca-se compreender quais razões levam a mídia e o Estado a permanecerem tendo esse tipo de comportamento contra a cultura em que está inserido o funk.

Palavras-chave: mídia; funk carioca; Ludmilla; Rennan da Penha; Valesca Popozuda.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Manchete do <i>GI</i> sobre baile funk durante a pandemia.....	24
Figura 2 - Manchete do <i>GI</i> sobre pedido de prisão de funkeiros durante a pandemia.....	25
Figura 3 - Manchete do <i>GI</i> sobre multa do Copacabana Palace após festa clandestina durante a pandemia.....	25
Figura 4 - Foto de DJ Rennan da Penha segurando uma arma de brinquedo utilizada como prova para a prisão em 2ª instância.....	31
Figura 5 - A vida de luxo de Rennan da Penha: viagens, grifes e mimos para a namorada.....	33
Figura 6 - Pesquisa realizada no <i>Google</i> a fim de achar conteúdos sobre o funk divulgados no telejornal <i>RJTV</i>	36
Figura 7 - Foto com arma de brinquedo e palavra dos policiais levaram DJ Mozai à cadeia.....	37
Figura 8 - Em uma imagem, MC Poze do Rodo aparece segurando um fuzil com a camisa da argentina.....	38
Figura 9 - Manchetes publicadas no <i>EGO</i> sobre Valesca Popozuda durante o ano de 2009....	47
Figura 10 - Manchete do jornal <i>Meio Norte</i> sobre aplicação de piercing feito por Valesca.....	48
Figura 11 - De MC Beyoncé a Ludmilla: veja as transformações no visual da cantora.....	51
Figura 12 - Ludmilla dá entrevista anestesiada após fazer bichectomia: 'Boca dormente'.....	52
Figura 13 - Ludmilla mostra seu antes e depois de ficar famosa e diz: "Evoluir sempre".....	53
Figura 14 - Manchete no <i>Purepeople</i> sobre acusação de golpe de Ludmilla.....	55
Figura 15 - Manchete sobre possível rixa entre Ludmilla e Anitta.....	56
Figura 16 - Manchete que traz comparativo entre Anitta à Beyoncé.....	61
Figura 17 - Manchete de entrevista de Rennan da Penha ao <i>Extra</i>	63

Figura 18 - Rennan da Penha anuncia lançamento do selo Hitzada.....	64
Figura 19 - Rennan da Penha para a <i>Vogue</i>	66
Figura 20 - Manchete no portal <i>EGO</i> sobre mudanças estéticas de Valesca.....	67
Figura 21 - Novo clipe de Valesca Popozuda custou quase meio milhão de reais.....	68
Figura 22 - Beijinho No Ombro & Rala Preconceito.....	69
Figura 23 - Supermercados Mundial - Aniversário 2014 - Campanha Beijinho no Ombro.....	69
Figura 24 - Cadê a Valesca Popozuda que estava aqui? Funkeira está cada vez menos periguete.....	70
Figura 25 - Campanha Toda faxina é uma festa – Veja 2014.....	72
Figura 26 - Manchete sobre Valesca Popozuda eleita a diva pop de 2014.....	73
Figura 27 - Valesca Popozuda - Minha Poussey é o Poder.....	73
Figura 28 - Ludmilla - Festa das Cacheadas #todecacho.....	75
Figura 29 - Dia das Mães Riachuelo com Ludmilla – Riachuelo.....	76
Figura 30 - <i>Full lace</i> : a peruca que permite que Ludmilla seja quem ela quiser.....	76
Figura 31 - Ludmilla: cabelo natural com #todecacho.....	77
Figura 32 - Ludmila grava <i>single</i> e estampa capa de revista com o cabelo 100% natural.....	77
Figura 33 - Ludmilla estreia o bloco Fervo da Lud, no Centro do Rio.....	79
Figura 34 - Prêmio Multishow: Ludmilla ganha como 'cantora do ano' e é vaiada ao receber prêmio por 'Onda Diferente'.....	81
Figura 35 - Após vencer Prêmio Multishow, Ludmilla lança 'Rainha da favela'.....	82

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 O SURGIMENTO DO FUNK: UM BREVE CONTEXTO HISTÓRICO	16
2.2 Os primórdios do funk no Rio de Janeiro	17
2.3 O funk e a cultura urbana periférica	20
3 O PÂNICO MORAL E OS ESTUDOS CULTURAIS NA CRIMINALIZAÇÃO DO FUNK NA MÍDIA E NA SOCIEDADE	23
4 PRESO NA GAIOLA: A PERSEGUIÇÃO CONTRA O DJ RENNAN DA PENHA ..	30
5 “SOU FEMINISTA DESDE QUE NASCI”: A TRAJETÓRIA DE VALESCA POPOZUDA NO FUNK	40
6 DE MC BEYONCÉ À LUDMILLA: A IMAGEM DA MULHER NEGRA DE SUCESSO	50
7 A GLAMOURIZAÇÃO DO FUNK CARIOCA	58
7.1 Rennan da Penha segue o baile.....	62
7.2 A revolução do Beijinho no Ombro de Valesca Popozuda.....	66
7.3 Ludmilla dá “Hello” para o mundo e segue sua carreira numa “Nice”	74
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	84
9 REFERÊNCIAS	88

1 INTRODUÇÃO

Para quem nasceu na cidade do Rio de Janeiro (RJ), o gênero musical funk com certeza fez parte ou marcou algum momento da vida, seja ele numa festa, num baile, encontro com amigos ou até mesmo no cotidiano. Apesar de ainda muito marginalizado, o ritmo revela uma cultura diversa, provinda da periferia, que se espalhou por todo o país, entre as mais diversas classes sociais.

O movimento funk engloba não só a música, mas também uma cultura ampla que tem raízes na década de 1970, época que o gênero estava chegando aos poucos no país, mais especificamente na cidade do Rio de Janeiro, com origem nos ritmos da cultura negra norte-americana, como o *soul*, e, posteriormente, ganhando força em nível nacional por volta da década de 1990. Segundo um levantamento interno do *Spotify*, divulgado pelo portal *Virgula* em 2019, o funk está entre os gêneros mais consumidos e, desde 2014, o ritmo cresce ao menos 51% ao ano¹. E não para por aí: o estilo também está entre as 200 músicas mais ouvidas em 51 países, com maior número de ouvintes no Brasil, Estados Unidos, Portugal e Argentina.

A partir desse panorama, portanto, e de toda a minha vivência com o funk desde a infância, tornou-se um desejo trazer cada vez mais para o ambiente acadêmico o estudo desse gênero musical tão popular e entender de que maneira esse movimento, que é perseguido e marginalizado desde as suas origens, começou a romper fronteiras e que, hoje em dia, transformou-se no ritmo que faz o Brasil dançar.

O objetivo principal aqui estudado é compreender de que forma o movimento funk carioca está ocupando espaço na mídia atualmente, uma vez que a trajetória do gênero é marcada por uma demonização pela grande mídia e pelo Estado. Com essa questão, busca-se entender como e por que essa perseguição – que ocorre concomitantemente a uma glamourização – ainda não acabou e por quais razões os veículos de comunicação e o poder público permanecem tendo esse tipo de comportamento contra a cultura em que está inserido o funk. Ademais, para assimilar esse paradoxo do gênero musical, pretende-se realizar um recorte racial e de classe sobre o que é definido como glamouroso *versus* criminoso pelos detentores do poder e pela mídia, que se apropria e beneficia do movimento quando lhe é rentável.

Com a finalidade de responder à questão da pesquisa já apresentada, será utilizada a abordagem qualitativa como metodologia. De acordo com Flick (2009), a pesquisa qualitativa

¹ GIAMATEI, Crícia. SP ouve mais funk que rio; veja os 10 funks mais tocados no spotify. *Virgula*, 5 out. 2019. Disponível em: <https://www.virgula.com.br/musica/sp-ouve-mais-funk-que-rio-veja-os-10-funks-mais-tocados-no-spotify>. Acesso em 5 nov. 2021.

destina-se à análise de casos concretos em suas peculiaridades locais e temporais, isto é, ela explora uma variedade de perspectivas sobre o objeto estudado a partir dos significados sociais e subjetivos relacionados a ele. Dentro dos muitos caminhos que podem ser percorridos na metodologia qualitativa, além do estudo da bibliografia relacionada ao tema já existente, o escolhido para a pesquisa será o estudo de caso. De acordo com Yin (2001), os estudos de caso são a estratégia favorita em questões de pesquisa do tipo “como” e “por que” e quando o pesquisador possui pouco controle sobre os fenômenos contemporâneos estudados, estando os mesmos inseridos em algum contexto da vida real. Esse método é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de modo a possibilitar um conhecimento detalhado sobre o tema (GIL, 2008). Outrossim, será adotada uma estratégia de amostragem documental e de sujeito direto, uma vez que a questão da pesquisa depende de uma população culturalmente representativa: os funkeiros. A amostra utilizada será criteriosa de natureza não probabilística, ou seja, será coletada uma amostragem intencional em que os objetos estudados são selecionados de acordo com um critério específico (GUNTER, 2002). Dessa forma, os sujeitos escolhidos para serem analisados foram Rennan da Penha, Valesca Popozuda e Ludmilla, uma vez que os três iniciaram suas carreiras no funk, são pessoas negras, de origem periférica e relevantes no meio musical, que passaram e continuam passando pela dicotomia levantada pela questão de pesquisa – glamourização x demonização do funk. Em paralelo, com o objetivo de preencher as lacunas encontradas com a questão da pesquisa, será feita uma análise documental de jornais e portais de notícias *online* com manchetes que possuem uma perspectiva de criminalização ou enaltecimento do funk e dos funkeiros cariocas, *podcasts*, músicas, entrevistas, ações publicitárias e documentários disponíveis na Internet.

A bibliografia utilizada para esta monografia tem como base principal os estudos culturais de Stuart Hall, com os livros *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais* (2003), *A identidade cultural na pós-modernidade* (2006) e *Cultura e Representação* (2016). Para Hall (2006), as identidades não são nunca unicamente identificadas, elas estão cada vez mais fragmentadas e em constante processo de mudança e transformação. No movimento funk existe uma pluralidade de identidades regidas pelo espaço e contexto social em que cada um vive. Segundo o autor, as identidades têm etapas marcadas na própria história: o primeiro sujeito é o do Iluminismo, um indivíduo centrado e dotado de razão; o segundo é o Sociológico, um sujeito que é formado a partir da interação social com os outros, e há também o sujeito pós-moderno, o qual não possui uma identidade fixa, mas sim várias, podendo elas serem contraditórias ou não resolvidas (HALL, 2006). Hall ainda sugere que estas “crises de identidade” da pós-

modernidade são características marcantes dos tempos atuais e ajudam a romper com estruturas passadas que antes proporcionavam segurança no mundo social.

Ademais, para abordar os recortes sociais serão utilizadas as reflexões de bell hooks (2005, 2019a, 2019b), para discorrer sobre o feminismo negro e o racismo na vida das mulheres negras, com o livro *O feminismo é para todo mundo* (2019), *Olhares Negros: Raça e Representação* (2019) e o seu artigo *Alisando o nosso cabelo* (2005), aliado a obra *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir (1967). Para embasar a história do funk no Rio de Janeiro e como a mídia o condena, serão utilizados os autores Hermano Vianna, Micael Herschmann e João Freire Filho com suas importantes investigações em *O Mundo Funk Carioca* (1988), *Funk e Cultura Popular Carioca* (1990), *O Funk e o Hip-Hop invadem a cena* (2005), *Funk Carioca: entre a condenação e aclamação da mídia* (2009) e o artigo *Resiliência e polinização da música negra que vem ocupando os espaços urbanos do Rio de Janeiro* (2021), além do capítulo “Mídia, Pânico Moral e Funk Carioca” da coletânea *Comunicação, Cultura e Consumo* (2005) para a compreensão da teoria do pânico moral instaurada pela mídia. De forma complementar, também serão utilizados principalmente os pensamentos de Adriana Facina (2009, 2014), Adriana Lopes (2011) Facina e Lopes (2012), Juliana Bragança (2017) e Ágata Pauer (2021) para aprofundar o estudo sobre a criminalização da cultura negra e periférica da cidade.

Para o desenvolvimento desta monografia, no segundo capítulo será brevemente explicitado o contexto histórico em que o movimento funk surgiu ao chegar na cidade do Rio de Janeiro a partir da década de 1970, ainda sem produções nacionais e apenas com a propagação de ritmos como o *soul* e o *blues* – enquanto o hip-hop já crescia internacionalmente –, e como em 1990 ganhou força em nível nacional com as produções já sendo realizadas dentro do próprio país, a partir do lançamento do CD *Funk Brasil*, de DJ Marlboro. Para este capítulo, além dos estudos fundamentais de Vianna (1988) e Herschmann (2005) sobre a história do funk carioca, serão utilizados os artigos *Funk-se quem quiser: no batidão negro da cidade carioca* (2011) de Adriana Lopes, *Cultura de rua e políticas juvenis periféricas: aspectos históricos e um olhar ao hip-hop em África e no Brasil* (2015) dos autores Barros, Lima e Martins, e *Da Favela Para O Mundo: Articulações Entre O Local E O Global No Funk Brasileiro* (2015) de Débora Faria. Para complementar os estudos sobre a cultura urbana periférica, serão essenciais os estudos de Mylene Mizrahi (2012, 2015) sobre a estética do movimento, além das obras de Patricia Rangel (2013), Jorge Barbosa (2014), Débora Faria (2015) e Priscilla Ferronato e Anerose Perini (2015) para falar das articulações e identidades culturais da favela.

O terceiro capítulo compreenderá como se dá a criminalização do funk carioca na mídia e na sociedade a partir das teorias de pânico moral e estudos culturais. Para isso, serão fundamentais o texto de Freire Filho e Herschmann (2005) sobre a relação do funk carioca com o pânico moral e os artigos de Facina e Lopes (2012), Facina (2009, 2014), Bragança (2017) e Coutinho (2020) para a compreensão de como foi o início dessa criminalização. Ademais, os estudos de Hall (2006, 2016) para entender como os sujeitos assumem diferentes identidades culturais a partir do contexto social em que se inserem, além do levantamento de manchetes de jornais impressos e *online* que demonstram a diferença do tratamento do funk quando é do ponto de vista do entretenimento para a elite e para a favela. Adicionalmente, para fazer a assimilação da perseguição histórica dos ritmos negros no Brasil, será utilizada a obra de Sodré (1998) sobre o samba.

O quarto capítulo, por sua vez, analisará o caso do DJ Rennan da Penha, de 27 anos, expondo toda sua trajetória até ser condenado à regime fechado e o discurso criminalizante atribuído a ele pela mídia. Para isso, foi realizada uma análise documental do que saiu na grande mídia como a *TV Globo* e jornais como *GI*, *Extra* e *O Globo* sobre o seu caso, além da importante contribuição da pesquisa de Araújo e Rodrigues (2021) ao comparar como a veiculação de notícias sobre a prisão de jovens negros é diferente da de jovens brancos e de Trotta (2016) para refletir como o funk é uma música que incomoda as elites. Para entender a dinâmica racista que o sistema penal funciona, será utilizado o texto de Flauzina (2006) que é substancial para assimilar como ele é prejudicial para a população negra.

O quinto capítulo seguirá a mesma dinâmica do anterior e estudará o caso de Valesca Popozuda, de 43 anos, uma das precursoras do funk feminino carioca. Por abordar toda a trajetória da cantora desde o início de sua carreira, a brilhante dissertação de Mariana Gomes Caetano (2015) sobre a representação feminina através do funk com foco na cantora Valesca se faz fundamental para este capítulo. Com aprofundamento nas questões de empoderamento feminino no funk, apontado por Pereira (2016) e Buitrago (2014), e do pertencimento de Popozuda no movimento feminista, com conceitos de hooks (2019), Beauvoir (1967), Keenan (2008) e Berth (2019), será discutido como isso foi tratado nas músicas da artista e como a mídia também lidou com o seu posicionamento. Outrossim, para entender a insistência do tabu contra a liberdade sexual feminina encontrada nas letras de Valesca Popozuda e a erotização de seu corpo durante sua carreira, consoante ao conceito de dominação masculina e percepção social do corpo de Bourdieu (2012, 2014), serão analisadas manchetes de portais de notícias de famosos como o *EGO* e *Meio Norte*, junto com o documentário *Sou Feia Mas Tô Na Moda*

(2005) de Denise Garcia, crucial para revelar também o pensamento de diversos funkeiros sobre as narrativas atribuídas ao funk. A partir de Hall (2003), também será discutida a importância da existência de discursos contra hegemônicos no funk e a sua riqueza de diversidade concedida ao *mainstream*.

Já o sexto capítulo será sobre Ludmilla, de 26 anos, que teve seu início da carreira no funk e posteriormente consagrou-se como uma artista pop. Para seu estudo de caso, será levantada a problemática acerca de suas transformações estéticas para se inserir no cenário musical do pop acompanhado do racismo estrutural, com os estudos de hooks (2019) e Ribeiro (2018), trazendo a questão da aparência de mulheres negras num cenário em que a estética branca é tida como padrão. Além disso, a partir de manchetes veiculadas em emissoras como *RecordTV* e *Rede TV* e portais *online* como o *Extra*, *Purepeople*, *Catraca Livre*, *Jovem Pan*, *Uol*, *IstoÉ* e *RDI*, será analisado como a mídia envolve a artista em polêmicas, ao colocá-la como vilã em determinadas situações, com embasamento de Hall (2016), Collins (2002) e Carrera e Carvalho (2020) sobre a representação e imagens de controles midiáticas de pessoas negras.

O sétimo capítulo delineará como se dá a glamourização no funk carioca junto com sua hibridização com a música pop, com base na carreira desses artistas e em como atualmente suas obras são divulgadas em portais, ações publicitárias e produções audiovisuais, além de premiações e reconhecimento internacional. De modo complementar, será utilizada a obra de Leal (2014) para contextualizar o início da glamourização do funk, a partir da década de 2010 com o surgimento de Naldo Benny e Anitta, com *hits* de funk *melody* e pop, além de trechos do episódio do *podcast Corredor 5* com a empresária Kamilla Fialho. Ademais, será discutida a assimilação de como a mídia se apropria e beneficia culturalmente até de artistas que ela persegue e marginaliza, e a abordagem com perspectiva crítica sobre o racismo estrutural, a partir de Almeida (2019), que não isenta que pessoas negras em posições glamourizadas sofram preconceito, assim como os artistas citados.

Para observar o prestígio de Rennan da Penha, será explorado como os veículos de comunicação como *Folha de S. Paulo*, *Extra*, *O Globo*, *Metrópoles*, *Uol* e *Vogue* passaram a tratá-lo após ter sua liberdade concedida, e compreender como a mídia abriu espaço, consoante ao que aponta Herschmann (2005), para que ele tivesse visibilidade nacional, mesmo que inicialmente de forma negativa ao divulgar sua prisão. Já para Valesca, será analisada sua glamourização a partir da limpeza de imagem realizada pela artista e sua equipe após sua participação no *reality show A Fazenda* e como os portais de notícia (*EGO*, *R7*, *Uol* e *GZH*)

foram impactados com essa mudança, trazendo o texto de Pauer (2021) para embasar o embranquecimento cultural sofrido pela artista para que ela fosse respeitada nacionalmente. Por último, para observar a glamourização de Ludmilla, será destacado como o *pop* foi essencial para sua entrada no *mainstream*, as ações publicitárias que a artista protagonizou e a importância de sua representatividade, junto do que Hall (2003) e Arantes e Theodoro (2020) falam sobre as rupturas e o caráter contraditório das mídias. Ademais, a discussão sobre o racismo sofrido durante toda sua trajetória mesmo em uma posição de fama consolidada, sendo levantadas as problemáticas acerca das transformações estéticas e do alisamento capilar conforme os textos de Gomes (2019) e hooks (2005).

Por fim, serão apresentadas as considerações finais deste trabalho, que busca contribuir com o debate acadêmico deste ritmo que é amado e discriminado pela sociedade brasileira, considerando os recortes de raça, classe e gênero. E observar, portanto, como o Estado e os veículos de comunicação possuem papel crucial na manutenção deste paradoxo do início até o auge do movimento funk carioca.

2 O SURGIMENTO DO FUNK: UM BREVE CONTEXTO HISTÓRICO

2.1 A origem nos ritmos da cultura negra norte-americana

Diferentemente do que é conhecido atualmente, o ritmo funk, derivado do termo *funky* – uma gíria de origem na comunidade negra americana, que antes tinha um significado pejorativo (“malcheiroso”) e depois sofreu uma ressignificação tornando-se um dos símbolos do orgulho negro – teve o início da sua trajetória a partir do *blues*, surgido entre os anos 30/40 no norte dos Estados Unidos.

Vianna (1988) expõe que esse gênero musical que inicialmente era rural, ganhou novos formatos e chegou no que conhecemos hoje como *rhythm and blues*. Dentro dele, surgiram várias vertentes, como o *soul*, que era uma mistura do *R&B* com a música gospel – pelo fato da população negra passar por um projeto de evangelização cristã na época – e teve como pioneiros principalmente os cantores James Brown, Ray Charles e Sam Cook durante a década de 60, e o *funky*, um estilo mais revolucionário da chamada *black music* que já carregava consigo um teor pejorativo e uma marginalização ligada a raça, classe e cor.

Em 68, o soul já se havia transformado em um termo vago, sinônimo de “black music”, e perdia a pureza “revolucionária” dos primeiros anos da década, passando a ser encarado por alguns músicos negros como mais um rótulo comercial. Foi nessa época que a gíria *funky* (segundo o Webster Dictionary, “foul-smelling; offensive”) deixou de ter um significado pejorativo, quase o de um palavrão, e começou a ser um símbolo do orgulho negro. Tudo pode ser *funky*: uma roupa, um bairro da cidade, o jeito de andar e uma forma de tocar música que ficou conhecida como funk. Se o soul já agradava aos ouvidos da “maioria” branca, o funk radicalizava suas propostas iniciais, empregando ritmos mais marcados (“pesados”) e arranjos mais agressivos. (VIANNA, 1988, p. 11)

Concomitantemente, com a ascensão e comercialização da música negra, nos guetos americanos, mais especificamente em Nova York, surgiu a figura dos DJs, que realizavam mixagens de batidas já existentes criando músicas novas e totalmente diferentes. Conforme explica Herschmann (2005), entre as técnicas utilizadas estava o *scratch*, que consiste na produção de sons ao “arranhar” o disco de vinil para frente e para trás repetidas vezes em um toca disco, criado por Grandmaster Flash, discípulo do DJ jamaicano Kool Herc.

Junto a isso, despontaram outros elementos, como o *rap*, quando Grandmaster Flash passou a dar o microfone para as pessoas improvisarem um discurso falado e batalharem entre si, surgindo então o que conhecemos atualmente como MCs, os *masters of ceremony*. Também apareceram elementos como o *break*, o *grafitti* e o estilo de vestimenta dos *b-boy*, que utilizavam roupas de marcas esportivas como *Nike* e *Adidas*. Tudo isso integrou o *hip hop*, que

usava os ritmos do *funky* com batidas mais pesadas e som arrastado. Na década de 70, o *hip hop* atraía mais de 3 mil pessoas em bailes de Nova York organizados por Flash, enquanto no Rio de Janeiro alguns bailes *soul* já tinham um público de mais de 15 mil pessoas.

No Brasil, o movimento do funk e *rap*, apesar de terem as mesmas raízes no *blues* e serem colocados às margens da sociedade, eram tratados de formas distintas. Segundo Herschmann (2005), o funk é considerado perigoso por produzir uma conduta inconsequente, que faz apologia a delinquência, e o *hip hop* é considerado perigoso por sua postura radical e super politizada, por produzir discursos que incitam intolerância, racismo e revolta de minorias.

2.2 Os primórdios do funk no Rio de Janeiro

O movimento funk surge no país com a apropriação de diversos estilos musicais americanos. Apesar de atualmente ser uma manifestação predominante nas periferias, não foi exatamente de lá que os bailes funks nasceram. De acordo com Hermano Vianna (1988), os primeiros bailes, conhecidos como “Bailes da Pesada”, promovidos por Big Boy e Ademir Lemos, atraíam aproximadamente 5 mil dançarinos de todos os bairros da cidade e eram realizados na zona sul, no Canecão, aos domingos, no começo dos anos 70, com a programação musical composta por estilos como *rock*, *pop* e *soul*, até que os diretores do local decidiram “intelectualizar” a casa e o Canecão passou a ser considerado o palco nobre da MPB nos anos seguintes.

Consequentemente, esses bailes foram transferidos para clubes no subúrbio carioca, sendo transformados em “Bailes de Subúrbio”, com a união de discípulos dos bailes da zona sul que montaram diversas equipes de som que traziam um ritmo muito mais dançante.

Foi a equipe Soul Grand Prix que, em meados da década de 70, inaugurou a nova fase dos ritmos funky no Rio de Janeiro, rotulada pela imprensa como “Black Rio”. As explicações para a mudança do ecletismo inicial dos Bailes da Pesada para o *soul* não são muito elaboradas. Em geral, os articuladores desses novos bailes diziam que se tinham optado pela música mais dançante. (HERSCHMANN, 2005, p. 23)

Na década de 80 os bailes de subúrbio começaram a ter seu ritmo alterado, com mais batidas e influenciado pelo charme, *hip hop* e *funky* norte-americanos. Nos anos 90, esses bailes ficaram muito famosos chegando a serem realizados aproximadamente 300 por fim de semana, o que fez essas festas ganharem prestígio entre os jovens de camadas médias e criarem até pontos de encontros fixos tanto nos clubes quanto nas comunidades (HERSCHMANN, 2005). Na mesma época, o funk ganhou força em nível nacional com a imprensa “redescobrimo” os bailes suburbanos, que apareceram em matérias em vários jornais e revistas (VIANNA, 1988),

além do lançamento na mesma década do CD *Funk Brasil*² do DJ Marlboro, muito popularizado junto com outras produções nas rádios e televisões.

Todavia, a crescente fama do movimento não apaga a demonização que o mesmo estava sofrendo: paralelamente, a grande mídia associava os funkeiros ao crescimento da violência na cidade, com as supostas “invasões” e “arrastões” nas praias da zona sul. Esse era um fenômeno que não era novo (HERSCHMANN, 2005), porém passou a ser atribuído aos jovens racializados de segmentos mais populares que, em sua maioria, eram funkeiros. Apesar da imagem marginalizada concebida, foi dessa forma que o ritmo se popularizou ainda mais pelos noticiários do país (LOPES, 2011).

De forma paradoxal, ao mesmo tempo que o poder da mídia e do Estado tentavam criminalizar o funk, os MCs e artistas começaram a despertar o interesse da indústria musical, conforme propõe Herschmann (2005, p. 91): “a mesma mídia que demoniza é aquela que também abre espaços nos jornais e programas de televisão”. Eles eram convidados para participar de programas de auditório e de produções audiovisuais, como por exemplo o filme *Lua de Cristal* (1990)³, estrelado por Xuxa, que contou com a breve participação do DJ Marlboro. Numa entrevista para o primeiro episódio da websérie “Funk Brasil Entrevista”⁴ do canal do *YouTube Mídia Ninja*, em 2021, DJ Marlboro conta sobre sua proximidade com a artista e que foi convidado pela mesma a ser DJ residente do programa “Xou da Xuxa”, muito famoso na década, ajudando o funk a se consolidar cada vez mais.

Enquanto o funk crescia rapidamente no Rio de Janeiro, o *hip hop* tinha como “principal centro irradiador” a cidade de São Paulo (HERSCHMANN, 2005). O *rap* também ganhou espaço nos bailes, os “bailes *blacks*”, e os seus passos de dança remetiam aos passos marcados do funk. Inicialmente, a cultura *hip hop* preocupava mais os jovens em desenvolver seu lado artístico, sem lidar com temas políticos. Porém, a partir de 1990, a nova geração de *rappers* passaram a cantar músicas ligadas às questões sociais de pobreza, raça e direitos civis (BARROS; LIMA; MARTINS, 2015). De modo semelhante, na mesma década, o funk passou a levar o termo “*rap*” no nome de algumas das primeiras composições mais famosas do gênero: o “Rap da Felicidade”⁵, dos funkeiros Cidinho e Doca, o “Rap do Silva”⁶, do MC Bob Rum, e

² DJ MARLBORO. *Funk Brasil*. Rio de Janeiro: Polydor: 1989.

³ LUA de Cristal. Direção de Tizuka Yamasaki. Rio de Janeiro: Columbia Pictures, 1990. 1 DVD (95min).

⁴ JOÃO Brasil entrevista DJ Marlboro | Websérie Funk Brasil Entrevista. [S.l.: s. n.], 2021. 1 vídeo (56 min). Publicado pelo canal Mídia Ninja. Disponível em <https://youtu.be/OYtDVn81kqs>. Acesso em 6 nov. 2021.

⁵ CIDINHO & DOCA. Rap da Felicidade. Rio de Janeiro: Columbia: 1994. Disponível em: <https://youtu.be/z34HcBcqTas>. Acesso em 6 nov. 2021.

⁶ MC BOB RUM. Rap do Silva. Rio de Janeiro: Spotlight Records: 1996. Disponível em: <https://youtu.be/ZLCKxP802yM>. Acesso em 6 nov. 2021.

o “Rap das Armas”⁷, da dupla MC Júnior e Leonardo (FARIA, 2015). Em todas essas músicas, os MCs também reivindicam direitos e posicionam-se politicamente acerca de temas como a pobreza e desigualdade.

Com o passar dos anos, o funk foi se consolidando cada vez mais como um estilo musical que veio para ficar e romper fronteiras. O aumento da sua presença na televisão e nas estações de rádio do país, junto da ascensão de cantores como Latino, Claudinho & Bochecha e da equipe de som Furacão 2000, fez com que a indústria fonográfica notasse o sucesso das vendas desse gênero. Posteriormente, com o surgimento do “funk *melody*” – músicas de funk com letras mais românticas e sem palavrões –, o movimento teve ainda mais destaque na mídia (HERSCHMANN, 2005). Em 2009, o ritmo foi reconhecido como “movimento cultural e musical de caráter popular” através da Lei nº 5543 (RIO DE JANEIRO, 2009) de autoria do atual deputado federal Marcelo Freixo (PSOL) e de Wagner Montes (PDT), também deputado na época.

Atualmente, com a internet e a presença massiva das redes sociais, o funk já se reinventou diversas vezes (como no surgimento do funk ostentação e do 150bpm), garantiu seu lugar nas maiores gravadoras do país, ganhou muitos adeptos e tem seu espaço em premiações nacionais de música, como o Prêmio Multishow, nos bailes de favela, em festas de elite, em produções audiovisuais e em propagandas, além de ter sucessos que são mundialmente ouvidos e dançados. O *TikTok*, por exemplo, nos anos de 2020 e 2021, trouxe o fenômeno das dancinhas que deram a oportunidade a diversos MCs do RJ ainda desconhecidos de viralizar nacionalmente. Ademais, um estudo da plataforma de tendências *Winnin Insights*⁸ divulgou em 2021 os cinco gêneros musicais mais consumidos no *TikTok* pela Geração Z no mundo e, entre eles, está o funk em 5º lugar. A música “Tudo no Sigilo”⁹, do recifense Vytinho NG e da fluminense MC Bianca, por exemplo, viralizou no aplicativo e tornou-se a trilha sonora principal da campanha publicitária “Começa no TikTok”¹⁰ em canais de TV aberta em 2020. Outro exemplo também é a canção “Modo Turbo”¹¹, lançada no fim de 2020 com produção assinada pelo DJ de funk Rennan da Penha, que no início de 2021 já havia sido visualizada por

⁷ MC JÚNIOR E LEONARDO. Rap das Armas. Rio de Janeiro: Columbia:1995. Disponível em: <https://youtu.be/Rj-Q-cgG70I>. Acesso em 6 nov. 2021.

⁸ Disponível em <https://www.winnin.com/reports/o-impacto-do-tiktok-no-consumo-de-musica-online>. Acesso em 6 nov. 2021.

⁹ NG, VYTINHO; MC BIANCA. Tudo no Sigilo. Brasil: DJ Pedro Henrique: 2020. Disponível em: <https://youtu.be/qLq8egSxsZk>. Acesso em 6 nov. 2021.

¹⁰ Disponível em <https://youtu.be/6lIZ9pLkCzI>. Acesso em 6 nov. 2021.

¹¹ SONZA, Luísa et. al. Modo turbo. São Paulo: Universal Music: 2020. Disponível em <https://youtu.be/QcS9ZndErHc>. Acesso em 07 nov. 2021.

quase 151,5 milhões de vezes apenas pela *hashtag* #modoturbochallenge no aplicativo (MAIA JÚNIOR, 2021).

O movimento, portanto, se faz muito presente nos principais veículos midiáticos atuais, não só em noticiários, mas também em propagandas, programas de TV, novelas e diversos outros tipos de produções audiovisuais.

2.3 O funk e a cultura urbana periférica

A crescente expansão dos bailes funks cariocas nas periferias também impactou a cultura urbana local. Vianna (1988) comenta que os homens tentavam vestir-se como surfistas da Zona Sul, apropriando-se de marcas mais baratas de *surf wear* e as meninas sempre vestiam roupas curtas, coladas e que valorizavam o corpo das dançarinas, com cores vivas. Muitos também utilizavam bijuterias e cordões de prata, padrões que são vistos até os dias atuais com o uso de correntes, pulseiras e anéis nas cores prata ou ouro, que constituem um símbolo de poder e ostentação nas comunidades em que moram (RANGEL, 2013).

Mesmo que ainda carreguem estigmas de pobreza e violência, as favelas possuem pluralidade, ricas expressões estéticas e modos significativos de representarem e afirmarem suas diferenças culturais (BARBOSA, 2014). Nos últimos anos, com a institucionalização do funk, foi possível observar algumas ações governamentais que investiram na cultura, principalmente durante o governo de Sérgio Cabral e Eduardo Paes, cujas secretarias de cultura e educação viam interesse no funk como um instrumento mediador de suas ações e políticas públicas (MIZRAHI, 2015), o que em seguida culminou no reconhecimento do movimento como cultura.

Com as viradas de década, a cultura urbana periférica já passou por diversas modas e renovações influenciadas pelo funk: nos anos 2000, por exemplo, virou febre nos bailes ter o cabelo tingido de loiro, relaxado, usar extensões capilares, entre outros. Na moda, surgiram grifes de estética funkeira como a HBS e a PXC, em que as roupas recorriam aos brilhos e modelagens ajustadas, ícones do gosto e do estilo indumentário funk (MIZRAHI, 2012). As gravações dos DVDs “Tsunami”¹², produzidos pela equipe de som Furacão 2000, também revelaram a ascensão dos grupos de funks como Os Hawaianos, Gaiola das Popozudas, entre vários outros MCs que marcaram a história do movimento e são famosos até hoje.

Trata-se de uma das mais fortes subculturas fashions já vistas no País. As popozudas saíram da Zona Norte e das favelas para, embaladas pelo som do funk, influenciarem até mesmo um nicho aparentemente oposto, o das “patricinhas”, registrou a jornalista

¹² FURACÃO 2000. Tsunami. Rio de Janeiro: Furacão 2000: 2006. 1 DVD.

Erika Palomino, numa edição do Caderno Moda, da Folha de S. Paulo, dedicada à divulgação da São Paulo Fashion Week 2001. [...] Palomino resumiu, para o leitor neófito, o cobiçado estilo das meninas do funk “O look é sexy, claro. Calças justíssimas, muito jeans, top para deixar a barriga de fora e cabelón.”¹³ (PALOMINO, 2001, p. 4 apud. FILHO; HERSCHMANN, 2005, p. 246)

Na década de 2010, o funk das periferias de São Paulo também ganhou espaço na mídia nacional e influenciou muito a cultura local, com exemplo dos funks de ostentação, que ajudou a glamourizar o movimento em todo o país e a evidenciar cada vez mais o gosto da juventude pelo consumo de roupas de marca, além dos “rolezinhos”, que eram encontros marcados por jovens funkeiros moradores da periferia através das redes sociais, que lotavam os shoppings da cidade e ocupava os noticiários em 2013 por conta do seu suposto perigo (FARIA, 2015). Esses eventos nasceram “da proliferação de produções culturais advindas da periferia e do desejo desses jovens de ocupar e de se movimentarem em outros espaços públicos do meio urbano – não somente na periferia em que habitam” (FERRONATO; PERINI, 2015, p. 140).

Outro ponto interessante é que o funk ostentação marcou o sucesso de um dos maiores canais de música do *YouTube* do mundo: o *Kondzilla*, fundado pelo empresário e diretor Konrad Dantas, produtora de grandes hits de funk nacional, que romperam fronteiras e são conhecidos mundialmente, como “Baile de Favela”¹⁴, de MC João e “Bum Bum Tam Tam”¹⁵, de MC Fioti, que ganhou versão internacional com a participação do rapper norte-americano Future e do cantor latino J Balvin. De acordo com a revista *Exame*¹⁶, em 2018, o *Kondzilla* passou a ocupar “a posição de maior canal de música da América Latina, ultrapassando a marca de um bilhão de visualizações por mês”.

Enquanto isso, no Rio de Janeiro o funk ostentação também ganhava espaço com hits como “Os Caras do Momento”¹⁷ de MC Nego do Borel e “Bigode Grosso”¹⁸ de MC Marcellly, ao mesmo tempo que o funk “proibidão” continuava a crescer desde a década de 2000. Entretanto, como o sucesso do funk ostentação teve São Paulo como centro irradiador, esta não

¹³ PALOMINO, ERIKA. Cultura popozuda – conheça o estilo das meninas que estão dominando o verão no Rio. **Folha de S. Paulo**, Moda, 30 jan. 2001, p. 4.

¹⁴ MC JOÃO. Baile de Favela. São Paulo: KondZilla: 2015. Disponível em https://youtu.be/kzOkza_u3Z8. Acesso em 7 nov. 2021.

¹⁵ MC FIOTI. Bum Bum Tam Tam. São Paulo: KondZilla: 2017. Disponível em: <https://youtu.be/P7S2lKif-A>. Acesso em 7 nov. 2021.

¹⁶ WHINDERSSON Nunes não tem mais o maior canal do YouTube no Brasil. **Exame**, 5 fev. 2018. Disponível em <https://exame.com/casual/whindersson-nunes-nao-tem-mais-o-maior-canal-do-youtube-no-brasil/>. Acesso em 7 nov. 2021.

¹⁷ MC NEGO DO BOREL. Os Caras do Momento. Rio de Janeiro: Sony Music Entertainment: 2012. Disponível em https://youtu.be/NgB6N5_Jw4w. Acesso em 7 nov. 2021.

¹⁸ MC MARCELLY. Bigode Grosso. Rio de Janeiro: Tom Produções: 2013. Disponível em <https://youtu.be/4OwNRiKYcBQ>. Acesso em 7 nov. 2021.

será uma vertente aqui aprofundada, devido a pesquisa concentrar-se no cenário musical do funk carioca.

3 O PÂNICO MORAL E OS ESTUDOS CULTURAIS NA CRIMINALIZAÇÃO DO FUNK NA MÍDIA E NA SOCIEDADE

Conforme já abordado anteriormente, foram os “arrastões” nas praias da Zona Sul carioca que ajudaram a popularizar o funk na mídia na década de 1990. Foi nesse momento, portanto, que o ritmo passou a simbolizar um novo inimigo, o “traficante” (FACINA, 2014).

O Jornal do Brasil escreveu em editorial: “A invasão das praias pelas galeras funk e a implosão da insegurança são o retrato sem retoque da decadência dos costumes no Brasil.” O Globo não ficou para trás: “Os arrastões são quadros de um quadro patológico — a síndrome da debilitação acelerada do estado do Rio, social, econômica e política.” [...] O Jornal Nacional, da TV Globo, mostrou as cenas da manhã. Um texto contundente, falando em “horror”, “caos”, “pânico”, “terror”, era acompanhado de imagens impressionantes. Não havia dúvida: as praias cariocas tinham sido invadidas pelos bárbaros. [...] Só a revista Veja teve a serenidade de classificar o episódio de “pseudo-arrastão funk”, dizendo que ele serviu para gerar uma onda de pânico e ajudou a alimentar um debate histórico a respeito de uma possível ocupação das favelas pelo Exército. (VENTURA, 1994, p. 97-98)

Dessa forma, a mídia de massa juntamente com o Estado passou a reger o movimento de modo a tentar criminalizá-lo, com medidas como o projeto de lei 1.075/99 (RIO DE JANEIRO, 1999), do então deputado Sivuca, que tinha como finalidade proibir a realização de bailes e/ou quaisquer eventos do tipo funk no território fluminense (COUTINHO, 2020).

O funk tornou-se, então, um objeto de “pânico moral” para algumas esferas da sociedade, como de agentes da lei, intelectuais, religiosos, entre outros. O pânico moral, conceito de sociologia cunhado por Stanley Cohen em 1972, é um sentimento de medo, por vezes exagerado, difundido em um grande número de pessoas, pela emergência de um indivíduo ou um grupo que passa a ser definido como um mal que ameaça os valores e interesses sociais do corpo social. Essa reação excessiva “não era apenas míope, mas também contraproducente, servindo, apenas, para incrementar a polarização social” (FREIRE FILHO; HERSCHMANN, 2005, p. 243) e os jovens funkeiros acabavam por serem associados ao tráfico, à desordem e à depravação. Essa estigmatização, no entanto, não fez com que o estilo musical deixasse de existir, muito pelo contrário: indivíduos que faziam parte da mesma camada detentora de poder da sociedade que julgava o ritmo, também o dançava em festas de luxo na zona sul, sendo estas consideradas seguras e alegres, diferente de como os bailes de favela eram e continuam sendo classificados.

Ao som do funk, celebridades dançam na festa chique de Versolato. [...] Louras em saltinho fino jogaram suas bolsas Prada num pufe e foram para a pista tilintar seus rolexs ao som da música comandada pelo DJ Marlboro: eu sou podre, pobre, pobre/ de marré, marré, marré/mas sou rico, rico, rico de mulé. [...] Foi antontem na festa de inauguração da loja de Ocimar Versolato, em Ipanema. No evento da abertura, da

loja dada como a mais sofisticada do Rio, celebridades, uma delegada e até uma princesa Orleans e Bragança cantavam em uníssono e tentavam balançar e fazer trezinho, como as “cachorras” e “preparadas” dos bailes. Nas araras, vestidos com valor de carro zero: um longo em trama de jeans com tule não sai por menos de R\$19.000.¹⁹ (SANTOS, 2004, p. 3 apud. FREIRE FILHO; HERSCHMANN, 2005, p. 246)

Conforme Hall afirma em seus estudos de identidades culturais, no mundo contemporâneo existe o terceiro sujeito, o pós-moderno, que passa por diversas transformações ao longo da vida e torna-se fragmentado na medida em que assume diferentes identidades em momentos diferentes. Esse grupo de indivíduos, citado anteriormente na matéria do jornal *O Globo*, assume uma identidade vista como sofisticada em frente às câmeras e, em ocasiões oportunas, possui o mesmo comportamento dos funkeiros de comunidade ao se divertir, só que em ambientes diferentes. Consoante a Hall (2006, p. 117), essas identidades “são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes ‘posições de sujeito’, isto é, identidades para os indivíduos”. Para a visão da grande mídia, um evento – que por sua vez tinha público majoritariamente branco – era descolado e o outro – já com um público majoritariamente não-branco – ofensivo e assustador.

Um caso recente para trazer como exemplo é o de bailes funks no contexto da pandemia de COVID-19: por muitas vezes, jornais como *GI*, *O Globo* e *O Dia* noticiaram bailes funks no Rio de Janeiro, acusando a aglomeração, presença de criminosos, drogas, entre outros.

Figura 1 – Manchete do *GI* sobre baile funk durante a pandemia

Baile funk na Cidade de Deus atravessa a madrugada e provoca aglomeração; veja flagrantes de mais festas no fim de semana

Globocop flagrou às 6h10 desta segunda-feira (23) várias pessoas reunidas e sem máscara. Fim de semana foi de festas em vários pontos do RJ, com pessoas aglomeradas, apesar das restrições impostas pela pandemia.

Fonte: *GI*²⁰

¹⁹ SANTOS, Joaquim Ferreira. Festa *chic* na inauguração de loja. **O Globo**, Segundo Caderno, coluna Gente Boa, 21 out. 2004, p. 3.

²⁰ PEIXOTO, Guilherme. Baile funk na Cidade de Deus atravessa a madrugada e provoca aglomeração; veja flagrantes de mais festas no fim de semana. **G1**, Rio de Janeiro, 23 nov. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/11/23/baile-na-cidade-de-deus-atraversa-a-madrugada-e-provoca-aglomeracao.ghtml>. Acesso em 7 nov. 2021.

Na figura 2, por exemplo, o jornal destaca os nomes dos artistas funkeiros logo no título. Em seguida, o lide da matéria explicita que chefes do tráfico foram acusados na mesma lista com crimes como associação ao tráfico de drogas.

Figura 2 – Manchete do *G1* sobre pedido de prisão de funkeiros durante a pandemia

Polícia pede a prisão de MC Poze, Markinho do Jaca, Negão da BL e mais 11 por realização de bailes funk na pandemia

Lista inclui também chefes do tráfico de comunidades do Rio. Eles são acusados de infração de medida sanitária preventiva, epidemia e associação ao tráfico de drogas.

Fonte: *G1*²¹

Já no caso das festas clandestinas de luxo, o tipo de manchete era bem diferente, com teor menos agressivo, sem acusações diretas e com caráter mais expositivo, como demonstra a figura 3.

Figura 3 – Manchete do *G1* sobre multa do Copacabana Palace após festa clandestina durante a pandemia

Copacabana Palace vai ser multado em mais de R\$ 15 mil após festa para 500 pessoas

Secretaria de Ordem Pública e a Vigilância Sanitária decidiram pela autuação depois de analisar imagens divulgadas pela imprensa e publicadas em redes sociais. Hotel também será interditado para a realização de festas por 10 dias.

Fonte: *G1*²²

²¹ COELHO, Henrique. Baile funk na Cidade de Deus atravessa a madrugada e provoca aglomeração; veja flagrantes de mais festas no fim de semana. *G1*, Rio de Janeiro, 2 mar. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/03/02/policia-civil-pede-prisao-cautelar-de-organizadores-de-bailes-funks-durante-a-pandemia-no-rj.ghtml>. Acesso em 7 nov. 2021.

²² COPACABANA Palace vai ser multado em mais de R\$ 15 mil após festa para 500 pessoas. *G1*, Rio de Janeiro, 15 mai. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/05/15/apos-festa-de-luxo-para-500-pessoas-copacabana-palace-vai-ser-multado-em-mais-de-r-15-mil.ghtml>. Acesso em 7 nov. 2021.

A partir dessas manchetes, observa-se também a ação do Estado através de órgãos públicos como a polícia e a Secretaria de Ordem Pública da cidade. Enquanto nos bailes funks as atrações artísticas são acusadas de associação ao tráfico e infração de medida sanitária preventiva chegando à atitude extrema da polícia com um pedido de prisão, o tratamento com a festa de luxo ocorrida no Copacabana Palace, hotel tradicional da elite da cidade, foi bem diferente, havendo apenas multa e interdição do local.

Essa ação dos órgãos públicos é observada desde o início do surgimento dos bailes funk. Em meados da década de 90, por exemplo, houve uma intensa campanha da polícia militar para a interdição de bailes funks. No mês de março de 1992, o então coronel do 9º Batalhão de Polícia Militar, César Pinto, com o argumento de combater a presença de menores nas festas declarou “guerra” contra os bailes. No entanto, segundo a análise de Bragança (2017) sobre a matéria “PM ataca baile funk suburbano”²³ publicada em 1992 pelo *Jornal do Brasil*, essa perseguição do coronel surgiu por causa de incidentes violentos ocorridos próximos aos bailes, porém não dentro deles, demonstrando, assim, que a revolta dos agentes públicos não era relacionada à violência que ocorria na saída dos bailes e sim ao lazer de parcela da população. A solução ideal, portanto, seria um reforço da segurança nessa região, evitando episódios violentos, e “não premunir a ocorrência de catastrófico conflito entre policiais e funkeiros” (BRAGANÇA, 2017, p. 111).

Em 1995, o marco da repressão do funk na cidade foi a CPI municipal do funk, por reação ao sucesso do baile no Morro do Chapéu Mangueira, frequentado também por jovens de classe média, que foi impedido de funcionar pelos poderes públicos, sob a alegação da venda de drogas e da ausência de tratamento acústico. A CPI tinha como objetivo investigar a suposta associação do funk com o comércio varejista de drogas, chamado de “tráfico” no discurso criminalizante (FACINA, 2009). Um exemplo de caso recente foi o do funkeiro Rennan da Penha, o qual terá seu caso analisado e aprofundado no próximo capítulo deste trabalho, que em entrevista ao jornal *O Globo*²⁴, afirmou que precisou abandonar o Baile da Gaiola, festa que reunia em média 20 mil pessoas na Vila Cruzeiro, por conta da repressão policial. “Tudo que envolvia o evento dava muita polêmica. O jeito foi criar um novo projeto, mas na mesma rua, acredita?”, comenta o artista.

²³ TERESA, Irany. PM ataca baile funk suburbano. *Jornal do Brasil*, Caderno Cidade. Rio de Janeiro, 19 mar. 1992, p. 1.

²⁴ JUNIOR, Gilberto. Rennan da Penha fala sobre novo baile e fim da Gaiola: 'Repressão da polícia'. *O Globo*, 25 nov. 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/ela/gente/rennan-da-penha-fala-sobre-novo-baile-fim-da-gaiola-repressao-da-policia-25290121>. Acesso em 7 nov. 2021.

Outro exemplo que mostra a perseguição contra o funk, dessa vez pela mídia, é a matéria publicada também no *Jornal do Brasil*, em 25 de outubro de 1992, com o título “Movimento funk leva desesperança e violência do subúrbio à Zona Sul”.

Ao contrário dos jovens de classe média que lutaram pelo “impeachment” de Collor, hordas de adolescentes desassistidos chegam da Zona Norte para ocupar as avenidas litorâneas e se tornam a mais grave ameaça aos que moram entre o Leme e a Barra. [...] Eles não têm as caras pintadas pelas cores da Bandeira Brasileira e, muito menos, são motivo de orgulho [...]. Sem tinturas no rosto, os caras-pintadas da periferia levaram à Zona Sul [...] a disputa entre comunidades. Com isso, tornaram-se motivo de vergonha, diretamente associados ao terror da praia: os arrastões que disseminam o pânico.²⁵ (JORNAL DO BRASIL, 1992, p. 32-33 apud BRAGANÇA, 2017, p. 111-112)

O trecho expõe uma comparação racista feita pelo jornal ao equiparar os caras-pintadas – movimento estudantil de 1992 em que jovens de classe média, em sua maioria brancos, saíram nas ruas a favor do impeachment de Fernando Collor de Mello, então presidente do Brasil na época – aos arrastões associados a jovens periféricos funkeiros, em sua maioria negros. Ainda utiliza o termo “cara-pintada” para se referir a uma pessoa de cor e associar jovens negros ao crime (BRAGANÇA, 2017), reforçando o estereótipo de que os criminosos que causam balbúrdia e violência são todos negros. Consoante a Hall (2016), essa estereotipagem faz parte da manutenção da ordem social e simbólica, estabelecendo uma fronteira simbólica entre o que é “normal” e o que é “patológico” ou “perverso”, o “aceitável” e o “inaceitável”, e possui como característica a prática de fechamento e exclusão. Dessa forma, a construção desse estereótipo reforçou a exclusão de grupos de jovens funkeiros, majoritariamente pobres e não-brancos, de realizarem atividades de lazer, como ir à praia ou gostar de bailes, com a justificativa de que eles eram os culpados pela onda crescente de violência na cidade na época.

Consoante a Facina e Lopes (2012), o funk caracteriza-se como um ritmo contraditório que se aproveita dos seus estereótipos negativos como “lixo” e “vulgar” na cultura moderna. Essa demonização que torna o funk uma música que incomoda é baseada em dois principais argumentos: o primeiro vem de defensores de um suposto nacionalismo cultural que traz ideias de que o funk está atrelado a falta de educação, de consciência política, de moral e bom senso. O segundo é visivelmente racista que diz que funk é música de bandido, faz apologia à violência e ao uso de drogas e trata o gênero como “caso de polícia”.

Na impossibilidade de exterminar os que fazem, escutam e se identificam com o funk – afinal, quem limparia as casas, faria as comidas, engraxaria os sapatos, cuidaria dos filhos das classes dominantes – procura-se censurar e mesmo liquidar suas formas de lazer, de sociabilidade, pois despersonalizar o inimigo, sobretudo quando este é

²⁵ MOVIMENTO funk leva desesperança e violência do subúrbio à Zona Sul. *Jornal do Brasil*, 25 out. 1992. Rio de Janeiro, p. 32-33, ed. 200.

oprimido por uma sociedade que se ergue sobre suas costas, com a força de seu trabalho, é primordial para garantir sua submissão. (FACINA; LOPES, 2012, p. 195)

Essa perseguição aos ritmos negros é histórica e é similar ao preconceito disseminado durante o surgimento do samba, por exemplo, em um contexto pós abolição da escravidão, no qual a música ganhava força no seio da população negra que estava buscando novos modos de comunicação para se adaptar ao novo cenário urbano hostil (SODRÉ, 1998). Entretanto, o samba ao longo de sua história acabou integrando a cultura brasileira quando as elites nacionais decidiram criar um projeto de nação, incluindo o ritmo de forma hierarquizada e, criando assim, o mito da democracia racial. Já o funk ascendeu como expressão cultural num contexto diferente, o da onda neoliberal de desigualdades em que uma das ações prioritárias do governo é a de conter as classes subalternizadas, seja pela institucionalização do extermínio ou através da criminalização das pessoas pobres (FACINA; LOPES, 2012).

Para Facina (2009), o funk abre espaço para a ascensão social para aqueles que sonham em ser MCs e percebem que a perspectiva de carreira de um artista de funk parece mais atraente do que as outras disponíveis para essa camada social, pois esse estilo gira em torno de um comércio onde quem consome as músicas e frequenta os bailes muitas vezes também são criadores. No entanto, apesar de muitos funkeiros ganharem fama e visibilidade na mídia, grande parte deles ainda vive ou viveu às margens da sociedade. Em abril de 2014, o dançarino de passinho Douglas Rafael da Silva Pereira, jovem negro conhecido popularmente como DG, que integrava o grupo Bonde da Madrugada, foi encontrado morto na favela Pavão-Pavãozinho, em Copacabana. O inquérito, divulgado pelo *GI*²⁶, consta que ele foi assassinado por um soldado da Polícia Militar, que o confundiu como um traficante, mas a família afirmou que ele apenas tinha ido visitar a filha. O dançarino ficou famoso por trabalhar durante 4 anos no programa de televisão “Esquenta”, da *Rede Globo*, apresentado por Regina Casé. No mesmo ano, o tema “Jovem Negro Vivo” foi mote de campanha da Anistia Internacional, que denunciava dados alarmantes da época: 30 mil jovens (entre 15 e 29 anos) por ano são vítimas de homicídios no Brasil, e 77% deles são negros, sendo a maioria dos homicídios praticados por armas de fogo, e menos de 8% dos casos chegam a ser julgados²⁷. Em 2019, o estudo “Violência armada e racismo: o papel da arma de fogo na desigualdade racial”²⁸, do Instituto

²⁶ POLÍCIA Civil entrega inquérito sobre morte do dançarino DG. Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2015. 1 vídeo (3 min). *GI*. Disponível em <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/rj2/video/policia-civil-entrega-inquerito-sobre-morte-do-dancarino-dg-4010411.ghtml>. Acesso em 9 nov. 2021.

²⁷ ANISTIA Internacional Brasil lança manifesto que pede a redução da taxa de homicídios de jovens negros. *O Globo*, 20 nov. 2014. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/anistia-internacional-brasil-lanca-manifesto-que-pede-reducao-da-taxa-de-homicidios-de-jovens-negros-14613245>. Acesso em 9 nov. 2021.

²⁸ CRIANÇAS e adolescentes negras de até 14 anos morrem 3,6 vezes mais por armas de fogo do que crianças brancas, revela estudo do Instituto Sou da Paz. *Instituto Sou da Paz*, 19 nov. 2021. Disponível em:

Sou da Paz, revelou que dos 30 mil assassinatos por agressão armada naquele ano, 78% foram contra pessoas negras.

Consoante a Facina (2009), os denominados “inimigos” têm cor, classe e idade: são jovens negros, moradores de favela e funkeiros. Toda essa perseguição cultural e política legitima o genocídio invisível e silencioso de uma geração, “tramado nas teias da opressão de classe, demonstrando que a cultura é hoje uma arena central dos embates sociais” (FACINA, 2009, p. 9). O trecho “Me ver pobre, preso ou morto já é cultural”²⁹, da música “Negro Drama”, dos Racionais MCs, expressa muito bem essa realidade. A música, cantada por Edy Rock e Mano Brown, mostra a vida do negro em duas extremidades: o sucesso, com a condição de vida melhorada pela música ou futebol, e a lama, com a extrema pobreza e criminalidade.

<https://soudapaz.org/noticias/criancas-e-adolescentes-negras-de-ate-14-anos-morrem-36-vezes-mais-por-armas-de-fogo-do-que-criancas-brancas-revela-estudo-do-instituto-sou-da-paz/>. Acesso em 9 nov. 2021.

²⁹ RACIONAIS MCS. Negro Drama. 2002. Disponível em <https://youtu.be/u4lcUooNNLY>. Acesso em 9 nov. 2021.

4 PRESO NA GAIOLA: A PERSEGUIÇÃO CONTRA O DJ RENNAN DA PENHA

Conforme supracitado, neste capítulo será analisado o discurso criminalizante contra o funkeiro Rennan Santos da Silva, mais conhecido como DJ Rennan da Penha, idealizador do famoso Baile da Gaiola. Popularizado por ser um dos pioneiros da vertente 150 batidas por minuto, ou 150bpm, desde 2017, o DJ e produtor possui 27 anos, foi nascido e criado no Complexo da Penha e iniciou sua carreira há 13 anos produzindo músicas de forma caseira, escondido dos seus pais. Seu primeiro sucesso foi a música “Arrocha da Penha”³⁰, com MC Flavinho, lançada em 2015, que conta atualmente com mais 32 milhões de visualizações no *YouTube* e faz parte da vertente “funk arrocha”, que teve seu auge em 2017 na cidade do Rio de Janeiro misturando o ritmo nordestino com o funk carioca. Rennan começou a ganhar reconhecimento nos bailes do Complexo da Penha e se destacou quando passou a tocar no Baile da Gaiola, na Vila Cruzeiro, que se expandiu tanto que pessoas de diversos locais da cidade e figuras públicas passaram a frequentá-lo.

Através do seu *SoundCloud* e do seu canal no *YouTube*, Rennan publicava *podcasts* que continham um compilado de diversos funks do momento com mixagens em 150bpm e montagens. Sua ascensão o fez ser convidado para tocar em diversas festas por todo o Brasil, inclusive fora de comunidades, além de ganhar espaço com seu próprio programa na rádio *FM O Dia*, chamado *Baile do Rennan da Penha*. Nos dias de hoje, ele acumula mais de 1 milhão de inscritos e quase 198 milhões de visualizações no *YouTube*, e é produtor de hits como “Me Solta”³¹, com Nego do Borel, “Sextou”³² com Anitta, “Number One”³³ com Pabllo Vittar, “Hoje eu vou parar na Gaiola”³⁴ com MC Livinho, entre muitas outras colaborações com artistas de sucesso. Com o tempo, Rennan saiu dos pequenos estúdios dentro de favelas e assinou um contrato com a gravadora Sony Music em 2019, uma das maiores do país, além de ter sido indicado ao Grammy Latino no mesmo ano pela produção da música “Me Solta” e vencido o Prêmio Multishow 2019 na categoria “Canção do Ano” com o hit “Hoje eu vou parar na gaiola”.

³⁰ MC FLAVINHO. Arrocha da Penha. Rio de Janeiro: DJ Rennan da Penha: 2016. Disponível em <https://youtu.be/IR2vQevbGg>. Acesso em 30 nov. 2021.

³¹ NEGO DO BOREL. Me solta. Rio de Janeiro: KondZilla: 2018. Disponível em <https://youtu.be/FY3m6hMyh3g>. Acesso em 30 nov. 2021.

³² ANITTA; RENNAN DA PENHA. SexToU. Rio de Janeiro: Sony Music: 2021. Disponível em <https://youtu.be/3Ll3JPOfLs8>. Acesso em 30 nov. 2021.

³³ VITTAR, Pabllo; RENNAN DA PENHA. Number One. São Paulo: Sony Music: 2021. Disponível em <https://youtu.be/j2h8hchsl5Q>. Acesso em 30 nov. 2021.

³⁴ MC LIVINHO. Hoje eu vou parar na gaiola. Rio de Janeiro: Rennan da Penha: 2018. Disponível em <https://youtu.be/1ppPuobqt-g>. Acesso em 30 nov. 2021.

Mas toda essa trajetória foi marcada por muitos desafios e obstáculos ao longo do caminho. Em 20 de março de 2019, a Justiça do Rio de Janeiro determinou a prisão dos organizadores do Baile da Gaiola, e entre os acusados estava o DJ Rennan da Penha. Desde 2016, Rennan enfrentava uma denúncia de associação ao tráfico e chegou a ser preso no mesmo ano por seis meses depois de passar um tempo foragido. Logo em seguida foi julgado e absolvido por falta de provas. No entanto, em 2019 o Ministério Público resgatou o processo e o Tribunal de Justiça determinou a prisão do artista por supostamente atuar como “olheiro” do tráfico de drogas. Ele foi condenado a 6 anos e 8 meses em regime fechado com a alegação de que Rennan passava informações para traficantes via *WhatsApp* sobre a movimentação policial. Além disso, de acordo com o *G1*³⁵, uma testemunha no processo apontou Rennan como “DJ dos bandidos” e “responsável pela organização de bailes funks proibidos nas comunidades do Comando Vermelho, para atrair maior quantidade de pessoas e aumentar as vendas”. Em resposta, o empresário do artista, Bili Barreto, afirmou que “essa é uma prática de todos os moradores”, pois eles se avisam entre grupos de *WhatsApp* para protegerem a si mesmo e aos seus de operações e conflitos policiais.

Todo o processo apresentou diversas controvérsias. Na segunda instância, uma foto do DJ com uma arma longa foi considerada a chave para a sua prisão (figura 4). Contudo, o DJ afirmou que se tratava de uma arma de brinquedo, feita com madeira e fita isolante, para uma brincadeira de Carnaval. Mesmo assim, o TJRJ não deu ouvidos ao funkeiro e ignorou o fato de a arma ser de brinquedo ou não.

Figura 4 – Foto de DJ Rennan da Penha segurando uma arma de brinquedo utilizada como prova para a prisão em 2ª instância



Fonte: Captura de tela/*Fantástico*³⁶

³⁵ DJ RENNAN da Penha, do 'Baile da Gaiola', é considerado foragido pela polícia do RJ. **G1 Rio**, 2 abr. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/04/02/dj-rennan-da-penha-do-baile-da-gaiola-e-considerado-foragido-pela-policia-do-rj.ghml>. Acesso em 30 nov. 2021.

³⁶ VÍDEO mostra DJ Rennan com traficantes armados no Baile da Gaiola. Rio de Janeiro: Fantástico, 31 mar. 2019. 1 vídeo (7 min). Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/7501696/>. Acesso em 30 nov. 2021.

Uma observação interessante feita pelo advogado Guilherme Pimentel, que participou da fundação do Apafunk (Associação de Profissionais e Amigos do Funk), foi a comparação do porquê quando as pessoas se fantasiavam de Capitão Nascimento, na época de lançamento do filme *Tropa de Elite* (2007)³⁷, com armas de brinquedo, não foram alvos de críticas ou acusações de poderio bélico. A resposta é evidente: o personagem é branco, de um meio artístico que não é o funk e não é morador de favela.

“O que fica evidente é que quando esse meio artístico é o funk, é da favela, da negritude, isso é visto como perigo. É visto como se fosse o próprio bandido. E não é. As representações estão presentes em todas as partes, mas no funk vira caso de polícia”, observa Guilherme Pimentel. (ALBUQUERQUE, 2019)³⁸

Após a condenação, a defesa de Rennan entrou com um pedido de *habeas corpus* para que ele aguardasse em liberdade a decisão da terceira instância, que foi negado pela ministra Rosa Weber do Supremo Tribunal Federal (STF), com a justificativa de que a prisão do DJ não violava os princípios constitucionais, já que ele havia sido condenado em segunda instância. Rennan ficou 1 mês foragido e se entregou no dia 24 de abril de 2019 aos agentes da Secretaria Estadual de Administração Penitenciária (Seap) e foi levado até a 37ª DP (Ilha do Governador), ficando em regime fechado no Presídio José Frederico Marques, em Benfica e, logo depois, transferido para a penitenciária Bandeira Stampa, conhecida como Bangu 9.

Notícias como “A vida de luxo de Rennan da Penha: viagens, grifes e mimos para a namorada”³⁹ (figura 5), publicada em abril de 2019 no *Extra*, começaram a surgir destacando sempre a prisão do artista ao mesmo tempo em que explicitava a boa condição financeira que ele ostentava.

³⁷ TROPA de Elite. Direção de José Padilha. Rio de Janeiro: Universal Pictures: 2007. 1 DVD (118min).

³⁸ ALBUQUERQUE, GG. O que o caso do DJ Rennan da Penha diz sobre estado atual do Judiciário brasileiro. *Vice*, 24 abr. 2019. Disponível em: <<https://www.vice.com/pt/article/7xgvvz/o-que-o-caso-do-dj-rennan-da-penha-diz-sobre-estado-atual-do-judiciario-brasileiro>>. Acesso em 4 dez. 2021.

³⁹ A VIDA de luxo de Rennan da Penha: viagens, grifes e mimos para a namorada. *Extra*, 2 abr. 2019. Disponível em <https://extra.globo.com/famosos/a-vida-de-luxo-de-rennan-da-penha-viagens-grifes-mimos-para-namorada-23566845.html>. Acesso em 4 dez. 2021.

Figura 5 – A vida de luxo de Rennan da Penha: viagens, grifes e mimos para a namorada



Fonte: *Extra*⁴⁰

No contexto em que a reportagem foi divulgada, o título dá a entender que a vida de “luxo” vivida pelo DJ e pela namorada, ambos negros, pode não ser honesta. Araújo e Rodrigues (2021) analisam o trecho em que o jornal utiliza a expressão “quase que sem querer” para afirmar que Rennan teria criado o 150bpm, como se não houvesse esforço ou trabalho, como se fosse impossível que um jovem negro, pobre e periférico tenha conquistado tantos bens apenas por meio de sua arte.

As afirmações sobre Rennan denotam intenso caráter preconceituoso. Por meio da exposição de sua vida e suas fotos, o que deixa a interpretação perpassar a ideia de que fosse praticamente impossível um jovem pobre, periférico e negro usufruir das coisas que eles tiveram acesso pelos meios vinculados a produção cultural. Ou seja, induz que só uma coisa aproximou ambos do que eles tinham, o tráfico.

A matéria sobre o Rennan da Penha fomenta o racismo institucional cometido pelo judiciário e a criminalização do funk. Um ritmo idealizado e majoritariamente cantado, remixado e tocado por DJs e MCs negros, e a mídia, novamente, retroalimentou a imagem de expressão racista social. (ARAÚJO; RODRIGUES, 2021, p. 6-7)

⁴⁰ A VIDA de luxo de Rennan da Penha: viagens, grifes e mimos para a namorada. *Extra*, 2 abr. 2019. Disponível em <https://extra.globo.com/famosos/a-vida-de-luxo-de-rennan-da-penha-viagens-grifes-mimos-para-namorada-23566845.html>. Acesso em 4 dez. 2021.

Ainda na análise, Araújo e Rodrigues (2021) comparam a veiculação de notícias sobre a prisão de Rennan da Penha com alto nível de exposição da vida pessoal do artista com o caso de um casal que foi preso suspeito de vender drogas no Paraná, cuja matéria foi intitulada de “Casal é preso suspeito de vender nova droga sintética no Paraná, ‘Special K’”⁴¹. Diferentemente das notícias que falavam de Rennan, nessa matéria não constava nenhum tipo de foto ou exposição dos suspeitos, assegurando o sigilo da identidade dos dois, o que se configura como um privilégio que foi negado ao Rennan e à Lorena no texto do *Extra*. Além disso, o próprio título da manchete ainda coloca o casal de jovens brancos como suspeitos, com a preocupação e cuidado na redação mesmo com um dos suspeitos confirmando a autoria do crime em declaração a um dos investigadores (ARAÚJO, RODRIGUES, 2021).

Ao todo, foram 8 meses de prisão que contaram com a mobilização de fãs e admiradores do artista em gritos por justiça, com a campanha “DJ não é bandido” e a *hashtag* #LiberdadeparaRennandaPenha nas redes sociais. Em setembro do mesmo ano, no *Rock in Rio*, a cantora e dançarina Lelle, ex-integrante do Dream Team do Passinho, fez um show político e pediu a liberdade do cantor. Outros MCs como MC Cabelinho e MC Smith, que também já sofreram perseguição policial, protestaram em suas redes sociais a favor do DJ. No mês seguinte, Rennan venceu o Prêmio Multishow de Canção do Ano, enquanto ainda estava preso, e sua então namorada, Lorena Vieira, e seu empresário, receberam o prêmio pelo DJ e se manifestaram: “viva a favela, viva o Funk, viva a liberdade de expressão. DJ não é bandido! Favelado também merece valor!”, fala Lorena, junto de Anitta, seguido de um coro de liberdade pela plateia. Na época, a OAB saiu em defesa do artista com uma nota de repúdio:

O controle das classes sociais subalternas e marginalizadas pelo Estado brasileiro é realizado por intermédio de processo de criminalização cujo critério determinante é a posição de classe do “autor” e de sua cor de pele. [...] O funk é uma espécie de crônica do dia a dia dos moradores dos morros e favelas cariocas, com especial destaque para o “proibidão”, que sofre criminalização por suposta “apologia ao crime”. (OAB/RJ, 2019⁴²)

Enquanto o artista estava preso, em julho de 2019, Dennis DJ, artista de cachê milionário, que não é morador de favela e tem grande parte do público composto por jovens de classe média alta, levou o *hit* “Eu Vou Pro Baile da Gaiola”⁴³, de Kevin O Chris, produzido por

⁴¹ Casal é preso suspeito de vender nova droga sintética no Paraná, 'Special K'. *Extra*, 5 jul. 2019. Disponível em <https://extra.globo.com/casos-de-policia/casal-presosuspeito-de-vender-nova-droga-sintetica-no-parana-special-k-23787154.html>. Acesso em 4 dez. 2021.

⁴² EM NOTA, OAB/RJ manifesta preocupação com prisão do funkeiro Rennan da Penha. **OABRJ**, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em <https://www.oabRJ.org.br/noticias/nota-oabRJ-manifesta-preocupacao-prisao-funkeiro-rennan-penha>. Acesso em 4 dez. 2021

⁴³ O CHRIS, Kevin. *Eu vou pro Baile da Gaiola*. Rio de Janeiro: 2018. Disponível em <https://youtu.be/vfbDbqU2n2I>. Acesso em 5 dez. 2021.

DJ Rennan da Penha, para o quadro *Ding Dong*, no programa *Domingão do Faustão* (até então exibido na *TV Globo*) sem dar nenhum tipo de mérito para o colega de profissão, nem mesmo manifestar-se sobre sua prisão. Retrato do racismo estrutural do país, enquanto a mídia dava visibilidade a um artista branco se apropriando de músicas produzidas por Rennan sem os devidos créditos em rede nacional, a mesma apenas dava visibilidade ao DJ negro ao divulgar novas “pistas”, consideradas provas, para justificar sua prisão.

Conforme afirma Flauzina (2006), o racismo passa a se constituir no sistema penal dentro de um projeto estético fundamentado pelos parâmetros de pureza e limpeza social, que são chaves fundamentais para o recrutamento de indivíduos negros nesse sistema. Assim, com uma imagem de “caricatura do mal” que vem sendo historicamente construída, corpos negros nunca deixaram de ser alvos preferenciais do sistema a serem removidos do tão preservado convívio social sadio, sendo grande parte disso culpa da mídia, considerada uma modalidade contemporânea do panóptico, que vende a massa negra como autora natural de crimes violentos e cruéis nos telejornais do país.

Em novembro de 2019, após cumprir 8 meses de regime fechado, Rennan da Penha foi solto em decorrência da decisão do STF, de que um condenado só pode ser encarcerado quando esgotam-se todos os recursos, e do *habeas corpus* concedido pelo ministro Rogério Schietti Cruz, do Superior Tribunal de Justiça. No mês seguinte, o DJ deu uma entrevista exclusiva para o programa *Conversa com Bial*⁴⁴, da *Rede Globo*, e contou que ainda luta na justiça com seu advogado para provar sua inocência. No mesmo mês, ele foi contratado pela gravadora Sony Music e, em janeiro de 2020, gravou seu primeiro DVD⁴⁵ durante um megashow no Espaço Hall, antigo Barra Music, uma das casas de show mais prestigiadas do Rio de Janeiro, contando com a participação de artistas como Livinho, Luísa Sonza, Kekel, Pocah, Cabelinho, MC PH, MC Rebecca, entre outros grandes nomes do funk.

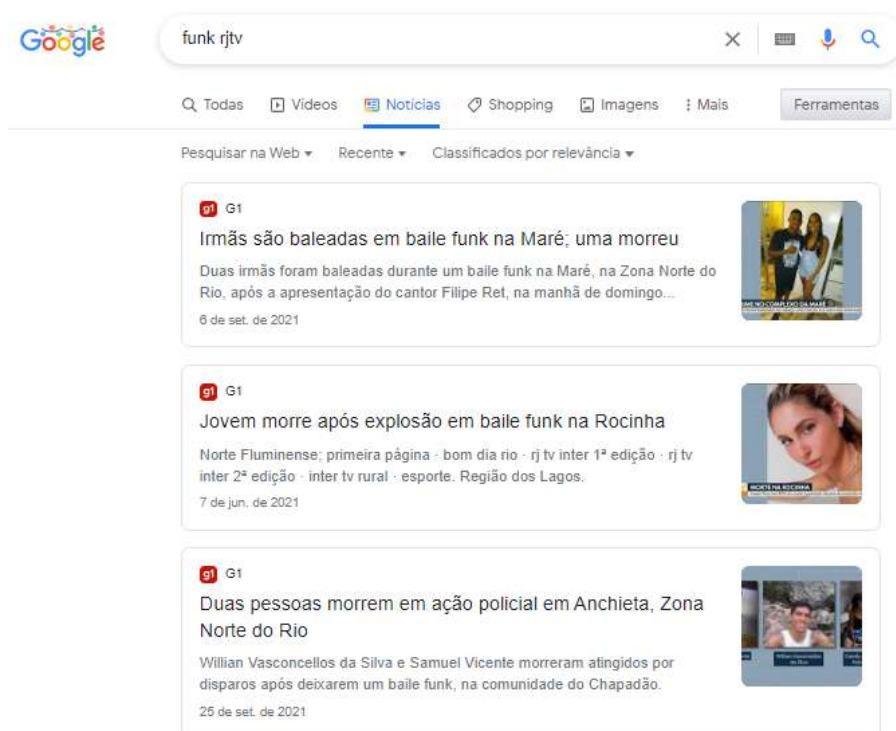
Apesar do estrondoso sucesso, para Vianna (1990) o consumo de funk no Rio não pode ser considerado uma imposição da indústria cultural e parece haver um acordo entre as mídias de massa com o objetivo de ignorar o movimento, principalmente o que ainda está nas raízes da favela, mostrando apenas uma visão elitizada sobre o funk ou notícias associadas ao crime. Em uma breve tentativa de pesquisa realizada no dia 11 de dezembro de 2021 na aba de notícias do *Google*, por exemplo, ao tentar verificar notícias sobre o gênero musical que saíram no

⁴⁴ RENNAN da Penha conta que assistiu à homenagem a ele no Rock in Rio dentro da prisão. **Conversa com Bial**, São Paulo: TV Globo, 12 dez. 2019. Programa de TV. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/8162032/>. Acesso em 5 dez. 2021.

⁴⁵ RENNAN DA PENHA. *Segue o Baile*. Rio de Janeiro: Sony Music: 2020. Disponível em <https://youtube.com/playlist?list=PL2FQiLowuBWfhavwflqTObjJibWmRyGHp>. Acesso em 5 dez. 2021. 1 DVD.

programa *RJTV*, da emissora *Globo*, a primeira página contém em maior parte notícias que denunciam violência, aglomeração e mortes. É difícil localizar uma notícia que comemore o lançamento ou sucesso de alguma música de funk como acontece quando são pesquisadas notícias de outros estilos como o pop, rock ou MPB.

Figura 6 – Pesquisa realizada no *Google* a fim de achar conteúdos sobre o funk divulgados no telejornal *RJTV*



Fonte: Print da autora

Outro exemplo prático de criminalização do funk foi o fim do Baile da Gaiola devido à repressão da polícia. Para continuar oferecendo lazer aos moradores da comunidade, Rennan da Penha contou ao *O Globo*⁴⁶ que precisou criar um novo projeto, na mesma rua em que acontecia o Baile da Gaiola, chamado de “Baile das Estrelas”, pois, segundo ele, o Baile da Gaiola estava sempre envolvido em polêmicas, o que poderia ser prejudicial para o seu processo e sua imagem.

Um caso semelhante, também de um DJ do Baile da Gaiola, foi a prisão de Moisés Herculano da Silva Rocha, o DJ Mozai da Penha, em 25 de agosto de 2019. Conforme noticiado

⁴⁶ JUNIOR, GILBERTO. Op. Cit.

pelo jornal *O Globo*⁴⁷, ele também era um dos idealizadores do Baile da Gaiola juntamente com Rennan e possuía um mandado de prisão por tráfico de drogas e associação ao tráfico. Contra Moisés, foram usadas fotos retiradas de seu *Facebook*, em que ele aparece com uma *airsoft*, arma de pressão usada em jogos (figura 7). Em março de 2021, passado 1 ano e 7 meses de sua prisão, o DJ foi absolvido.

Figura 7 – Foto com arma de brinquedo e palavra dos policiais levaram DJ Mozai à cadeia



Fonte: Arquivo/*Ponte*⁴⁸

Em julho de 2020, outro funkeiro foi investigado por ligação ao tráfico, o MC Poze do Rodo, cujo nome é Marlon Brendon Coelho Couto da Silva. Na época, ele foi considerado foragido pela Justiça por não ter sido encontrado. Segundo o inquérito, divulgado pelo *G1*⁴⁹, ele fazia parte do Comando Vermelho, maior facção criminosa do Rio e, de acordo com a polícia, incita a violência, faz apologia ao tráfico e participa de shows pagos por criminosos. Em fotos que constam na investigação, Poze também aparece com armas, ostentando fuzis e granadas, porém, o artista relata que as fotos eram da época que ele ainda fazia parte do tráfico, entre os anos de 2015 e 2016, mas que abandonou o crime quando virou MC de funk. Por

⁴⁷ POLÍCIA prende Mozai da Penha, DJ do 'Baile da Gaiola'. *O Globo*, 25 ago. 2019. Disponível em <https://oglobo.globo.com/rio/policia-prende-mozai-da-penha-dj-do-baile-da-gaiola-23903709>. Acesso em 13 dez. 2021.

⁴⁸ STABILE, Arthur. Foto com arma de brinquedo e palavra dos policiais levaram DJ Mozai à cadeia. *Ponte*, 19 ago. 2020. Disponível em <https://ponte.org/foto-com-arma-de-brinquedo-e-palavra-dos-policiais-levaram-dj-mozai-a-cadeia/>. Acesso em 13 dez. 2021.

⁴⁹ LEITÃO, Leslei et. al. MC Poze é considerado foragido, investigado por ligação ao tráfico. *G1*, 7 jul. 2020. Disponível em <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/07/07/mc-poze-e-considerado-foragido-investigado-por-associacao-ao-trafico.ghtml>. Acesso em 13 dez. 2021.

decisão da juíza Daniella Alvarez Prado, a prisão do artista foi revogada por entender que se trata de um réu com atividade laborativa lícita e de endereço residencial fixo.

Figura 8 - Em uma imagem, MC Poze do Rodo aparece segurando um fuzil com a camisa da argentina



Fonte: *G1*⁵⁰

Em outubro de 2020, MC Cabelinho e MC Maneirinho, também muito famosos na cena do funk carioca, foram intimados pela Justiça por suposta apologia ao crime na música “Migué”⁵¹, lançada no mesmo ano. MC Maneirinho contou ao *O Globo* que, apesar da primeira reação ter sido de espanto, percebeu que esse obstáculo seria apenas uma batalha para o funk no geral. Segundo Paulo Joiozo, advogado do MC, “a música somente teve a intenção de mostrar a realidade das favelas no Brasil e que a letra não faz menção a nenhum fato criminoso e se restringe a narrar uma situação hipotética e indeterminada”⁵².

MC Cabelinho, que também é ator e contracenou com atrizes como Taís Araújo e Regina Casé na novela “Amor de Mãe” (2019)⁵³, também negou a apologia ao crime e disse que só faz música contando sobre sua realidade. “Às vezes me pergunto quanto isso vai acabar, quando vão parar de olhar para a gente dessa forma, ver todo favelado como criminoso”,

⁵⁰ LEITÃO, Leslei et. al. MC Poze é considerado foragido, investigado por ligação ao tráfico. *G1*, 7 jul. 2020. Disponível em <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/07/07/mc-poze-e-considerado-foragido-investigado-por-associacao-ao-traffic.ghtml>. Acesso em 13 dez. 2021.

⁵¹ MC CABELINHO; MC MANEIRINHO. Migué. Rio de Janeiro: LED Co.: 2020. Disponível em <https://youtu.be/vp3Gx32g4Mw>. Acesso em 13 dez. 2021.

⁵² QUEIROGA, Louise. MC Maneirinho fala de vitória na Justiça após acusação de apologia ao crime: 'uma batalha não só minha, mas do funk todo'. *O Globo*, 18 ago. 2021. Disponível em <https://oglobo.globo.com/cultura/musica/mc-maneirinho-fala-de-vitoria-na-justica-apos-acusacao-de-apologia-ao-crime-uma-batalha-nao-so-minha-mas-do-funk-todo-25160804>. Acesso em 13 dez. 2021.

⁵³ AMOR de Mãe. Direção de José Luiz Villamarim. Rio de Janeiro: TV Globo, 2019. Telenovela.

comenta o músico em entrevista ao *GI*⁵⁴. Quase um ano depois, em agosto de 2021, o processo foi arquivado após um protesto da promotora Renata Silveiras França Fadel, do Ministério Público do Rio (MPRJ), em que afirma que a música sequer faz menção a um fato, apenas narra cenas hipotéticas e indeterminadas.

Todos esses casos possuem pontos de semelhança: os artistas em questão são funkeiros, ainda possuem a favela como sua realidade e foram investigados mesmo com provas insuficientes. Em razão disso, é possível dizer que a polícia baseia suas acusações em funkeiros, em sua maioria negros e periféricos, que trabalham divulgando sua música em bailes de comunidades que, muitas vezes, são dominadas pelo tráfico. No entanto, apesar dessas favelas terem comando do tráfico, não significa que todos que estejam nela ou em seus eventos façam parte de associações criminosas. Em todos os casos, os MCs tiveram suas prisões absolvidas e, mesmo assim, a polícia segue tentando, a todo custo, criminalizar esses funkeiros por supostas ligações ao crime. O que também é curioso pensar é que todas essas prisões aconteceram em momentos em que os artistas estavam em alta, o que corrobora com a reflexão de Trotta (2016) de que o funk é uma música que incomoda, principalmente quando invade ambientes prestigiados do espaço urbano como praias e palcos de casas noturnas famosas. “O funk que transcende os lugares e os indivíduos que aderem a ele voluntariamente funciona também como dispositivo de presença e incômodo” (TROTТА, 2016, p. 93).

⁵⁴ ORTEGA, Rodrigo. MC Cabelinho é intimado a depor e nega apologia ao crime: 'Não falo nada além da realidade'. *G1*, 29 out. 2020. Disponível em <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/2020/10/29/mc-cabelinho-e-intimado-a-depor-e-nega-apologia-ao-crime-nao-falo-nada-alem-da-realidade.ghtml>. Acesso em 13 dez. 2021.

5 “SOU FEMINISTA DESDE QUE NASCI”: A TRAJETÓRIA DE VALESCA POPOZUDA NO FUNK

Nascida e criada no bairro de Irajá, localizado no subúrbio carioca, Valesca dos Santos, popularmente conhecida como Valesca Popozuda, nasceu em 1978 e, junto com nomes como Tati Quebra Barraco e Deize Tigrona, é considerada uma das mulheres precursoras do funk carioca.

Desde criança, teve a vida atravessada por casos de violência contra a mulher: com 10 anos precisou apagar fogo na perna de sua mãe que seu padrasto havia incendiado. Alguns anos depois, recebeu a notícia de que sua irmã mais próxima, por parte de pai biológico, veio a óbito após ter sido enforcada pelo próprio marido. Com 14 anos, a cantora saiu de casa porque seu padrasto não gostava da ideia de ela frequentar bailes funks. Muito nova, a artista chegou a trabalhar em lanchonetes, postos de gasolina e borracharia, mas seu sonho mesmo era ser uma atriz de sucesso. Com 19 anos, Valesca engravidou de Pardal – Leandro Gomes de Castro –, seu então empresário, e deu à luz ao seu primeiro e único filho, Pablo.

Com a ajuda de Pardal e junto de seu filho ainda com meses de vida, Valesca fundou o grupo Gaiola das Popozudas e iniciou sua carreira como dançarina, fazendo diversos shows pelos bailes do Rio de Janeiro. Quando começou a cantar pelo grupo, a artista pensou em desistir diversas vezes, mas venceu as adversidades e seguiu na luta. Na época, diversos bondes e grupos de funk surgiram, além da ascensão de novos MCs, mas foi a Gaiola das Popozudas que mais conseguiu fama, projeção nacional e durou mais tempo na cena carioca. Entre seus primeiros sucessos estão “Late Que Eu Tô Passando”⁵⁵ e “Agora Sou Piranha”⁵⁶, classificados como “funk proibidão”, lançados em 2007 e considerados até hoje clássicos do funk feminino.

Como forma de resistência da mulher que vive na periferia, o discurso de empoderamento no funk encontrado nessas músicas rompe com um sistema patriarcal que, na maior parte das vezes, oprime, agride, invisibiliza e não legitima a voz da mulher. Esse empoderamento implica numa noção de processo não linear, não cumulativo e se dá em cenários de conflito dinâmicos, relacionais, sem muitas distinções, numa debate constante entre instituinte e instituído (PEREIRA, 2016).

⁵⁵ GAIOLA DAS POPOZUDAS. Late Que Eu Tô Passando. Rio de Janeiro: Furacão 2000: 2007. Disponível em <https://youtu.be/rGnm0pSiS3g>. Acesso em 25 dez. 2021.

⁵⁶ GAIOLA DAS POPOZUDAS. Agora Eu Sou Piranha. Rio de Janeiro: Furacão 2000: 2007. Disponível em <https://youtu.be/f4HjWuo225U>. Acesso em 25 dez. 2021.

No decorrer da trajetória do funk, por volta dos anos 2000, foi percebida a instauração de uma violência simbólica contra as mulheres em suas letras, ao objetificá-las através de músicas com teor erótico e sensual, que colocava em evidência uma visão machista inserida num sistema patriarcal, tratando-se de uma ideologia de dominação masculina. Conforme destaca Bourdieu (2012), a ordem masculina tem uma força que dispensa justificativas, a visão androcêntrica faz ela ser aceita e a impõe como neutra, sem necessidade de argumentar discursos que precisem legitimá-la. Essa dominação é percebida por exemplo na música “Tá de chico”, do MC Bola de Fogo, que desvaloriza o corpo da mulher e ignora o não consentimento da mesma durante uma relação sexual, falando de abuso e utilizando termos vulgares (BORGES JÚNIOR et al., 2018).

Eu chamei ela pra fazer um sexo: “Vamo faze um sexo?” Mas ela falou: “Hoje não porque eu tô menstruada”! Mas não tem problema! Tá de chico é o caralho, cala boca aí vagabunda, se a xota tá com sangue, eu vou botar na sua bunda!!! Unda, unda, eu vou bota na sua bunda!! (MC BOLA DE FOGO, 2005⁵⁷)

Apesar disso, o neofeminismo das funkeiras⁵⁸ revela uma resistência no movimento e luta pelo domínio do próprio corpo, além de letras que mostram combater a violência contra a mulher e o feminicídio que, por muitas vezes, poderia vir a ser frequente na vivência de pessoas próximas dessas artistas. De acordo com a pensadora bell hooks, em seu livro *O feminismo é para todo mundo* (2019), o movimento feminista antes de tudo, em 1970, incentivava as mulheres a pararem de olhar seus próprios corpos como propriedade dos homens, isso não só em ambientes acadêmicos, mas também no lar e no meio profissional. Fomentava também a exigência de controle sobre suas sexualidades, a necessidade de métodos contraceptivos eficientes e seus direitos reprodutivos, além do fim dos abusos e a urgência de uma união feminina pela sororidade na luta contra a injustiça patriarcal.

Em entrevista ao jornal *El País*, em 2015, Valesca Popozuda declarou “feminismo para mim é todo o ato de lutar pelo que nos indigna, nos deixa triste. Sou feminista desde que nasci. Vim de um berço onde a minha melhor inspiração foi e continua sendo a minha mãe.”⁵⁹ No entanto, a funkeira se tornou objeto de estudo e tema de debates de diversas vertentes da luta feminista que chegaram a apontar contradições no seu feminismo. Exemplo disso foi a

⁵⁷ MC Bola de Fogo. Tá de Chico. Rio de Janeiro: 2005. Disponível em <https://www.letras.mus.br/bola-de-fogo/292205/>. Acesso em 26 dez. 2021.

⁵⁸ Termo utilizado por Janaína Medeiros (2006) para qualificar as músicas nas quais as mulheres MCs passam a se impor no movimento funk como protagonistas, cantando músicas de conteúdo erótico explícito que não necessariamente as objetificam, mas sim revelam certa liberdade sexual e defende o prazer feminino como um todo.

⁵⁹ NOVAES, Marina. Valesca Popozuda: “Sou feminista desde que nasci”. *El País*, 8 ago. 2015. Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2015/08/08/cultura/1438995784_578115.html. Acesso em 26 dez. 2021.

publicação de Alana Moraes no blog do coletivo Marcha Mundial das Mulheres (MMM), intitulada de “Valesca Popozuda: sua buceta também pode ser nossa!”⁶⁰, na qual Caetano (2015) analisou em sua dissertação de pós-graduação na Universidade Federal Fluminense (UFF). Ao longo do texto, Moraes dá sinais de que enxerga contradições no discurso de Valesca e discorre que, pelo fato da funkeira dizer que mulheres podem utilizar seu corpo para conseguir bens materiais, ela não pode ser feminista, como se tivesse poder para escolher quem pode ou não se autointitular parte do movimento (CAETANO, 2015).

Conforme afirma Beauvoir (1967), para os homens os impulsos eróticos são aceitos com orgulho e tratados como forma de poder, já os desejos das moças são considerados na maioria das vezes vergonhosos e seu corpo inteiro é aceito com embaraço, e é neste ponto que essas funkeiras rompem com esse pensamento da sociedade, elas expõem os seus desejos e se permitem expressar sensualidade sobre seus próprios corpos.

Na virada do século XX para XXI, o contexto da terceira onda do feminismo foi crucial para o surgimento dessas artistas. Esse movimento evidenciou o fato de que a categoria “mulher” não é mais universal, incluindo debates de raça, classe e gênero, para que o feminismo passasse a englobar o máximo de diversidade possível entre as mulheres. O termo “terceira onda” foi cunhado pela jovem feminista negra Rebecca Walker, em seu ensaio para a *Ms. Magazine*, em 1992, chamado *Becoming the Third Wave* (“Tornando-se a Terceira Onda”), e reformulou a feminilidade como uma oportunidade para as mulheres reivindicarem o controle sexual e criarem posições de sujeito feminino através da sexualidade, independentemente da orientação (KEENAN, 2008).

A ascensão das mulheres com o funk “proibidão” gerou muitas discussões e manifestações acerca da ambiguidade observada nas letras das MCs que geram uma linha tênue entre a objetificação da mulher e o empoderamento. Este último, a partir da perspectiva o feminismo negro, “é um fator resultante da junção de indivíduos que se reconstroem e desconstroem em um processo contínuo que culmina em empoderamento prático da coletividade, tendo como resposta as transformações sociais que serão desfrutadas por todos e todas” (BERTH, 2019, p. 37). Caetano (2015) disserta em sua tese que o empoderamento se dá conforme a capacidade ou habilidade de um indivíduo fazer escolhas.

O empoderamento é o meio pelo qual as pessoas a quem esta habilidade foi negada poderão construir esta capacidade em determinadas condições. Entre estas condições está a real existência de alternativas e, nesse caso, a pobreza e o desempoderamento

⁶⁰ MORAES, Alana. Valesca Popozuda: sua buceta também pode ser nossa!. **Blog da Marcha Mundial das Mulheres**, 30 dez. 2013. Disponível em <https://marchamulheres.wordpress.com/2013/12/30/valesca-popozuda-sua-buceta-tambem-pode-ser-nossa/>. Acesso em 26 dez. 2021.

são complementares, já que as dificuldades de se sustentar podem excluir a possibilidade de escolha, afetando homens e mulheres de maneiras distintas devido à desigualdade de gênero. Outra condição é que estas alternativas devem ser enxergadas, isto é, não basta que elas simplesmente existam, a pessoa deve ter pleno acesso às informações que façam com que ela veja as alternativas disponíveis para que ela tome suas decisões. (CAETANO, 2015, p. 100-101)

Ao pensar na realidade do público dessas funkeiras que era constituído em sua maior parte por mulheres da favela, pobres e, muitas vezes oprimidas pelos maridos, é importante entender que em um contexto no qual não era comum a denúncia de violência doméstica, era Valesca Popozuda quem denunciava a submissão dessas mulheres e ressignificava termos como “puta”, por exemplo, apropriando-se da palavra para usá-la como sinônimo de mulher independente, autônoma, confortável com o seu próprio corpo e livre para ter relações sexuais com parceiros que ela bem entender a fim do seu próprio prazer e da exaltação de sua sensualidade (BUIRAGO, 2014). Caetano (2015) afirma que o empoderamento feminino é uma questão essencial no funk em razão da origem de classe das funkeiras e do seu maior público consumidor.

Só me dava porrada e partia pra farra. Eu ficava sozinha esperando por você. Eu gritava e chorava que nem uma maluca. Valeu, muito obrigado mas agora virei puta! [...] Se um tapinha não dói, eu falo pra você, segura esse chifre quero ver tu se foder! [...] Eu lavava e passava, tu não dava valor. Agora que eu sou puta você quer falar de amor? (GAIOLA DAS POPOZUDAS, 2005)⁶¹

Vale destacar que não foi somente Valesca Popozuda a romper com tabus de liberdade sexual e controle sobre o corpo feminino. MC Sabrina, MC Carol, Tati Quebra-Barraco, Deize Tigrona e MC Rebecca também são alguns nomes do movimento que expressam essa realidade da mulher negra, favelada e funkeira carioca, além de criarem um local de fala e resistência, mostrando através do funk que elas também tem voz diante de um cenário que antes era dominado por homens com discursos machistas e misóginos (COSTA, 2016).

No início dos anos 2000, o que a mídia circulava era a sua preocupação com as letras de funk proibidão que, segundo eles, estavam associadas à prostituição de menores e disseminação de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) nos bailes. Lopes (2011) destaca fragmentos de matérias veiculadas na *Folha de S. Paulo*, em 09/03/2001, e no jornal *O Dia*, em 08/03/2001, que tratavam das “Grávidas do Funk”.

⁶¹ GAIOLA DAS POPOZUDAS. Agora virei puta. Rio de Janeiro: 2005. Disponível em <https://www.letras.mus.br/gaiola-das-popozudas/1350205/>. Acesso em 27 dez. 2021.

‘Grávidas do funk’ preocupam prefeitura

Secretaria da Saúde denuncia caso de meninas que afirmam ter engravidado depois de manter relações sexuais em bailes

A Secretaria Municipal de Saúde do Rio está denunciando casos de meninas que afirmam ter engravidado depois de manter relações sexuais dentro de bailes funk. O mais grave, segundo a secretaria, é que as meninas nem sabem quem são os pais de seus filhos.

[...] O alerta foi dado na Secretaria de Saúde depois que M., com idade inferior a 14 anos e portadora do vírus HIV, disse ter engravidado num desses bailes, em janeiro. “A secretaria trabalha com fatos-sentinela”, explica o secretário Arouca. “Quando aparece um caso assim, ficamos em alerta. Para mim, é um caso de saúde pública e está sendo tratado como tal. Mas não podemos ter atitude repressiva. Temos que trabalhar na prevenção.”

Embora a secretaria afirme que existem outros casos, não revela os nomes das meninas, suas idades e as comunidades onde moram, por temer que, se expostas, elas não façam o pré-natal. Pessoas que frequentam os bailes negam que haja relações sexuais públicas durante a festa. “Eu vou a muitos bailes, mas nunca vi ou ouvi isso. Costumo frequentar os bailes de Austin e de Olinda com minhas amigas”, diz Jaqueline Amarante, 16, grávida de sete meses.

Folha de S.Paulo (09-03-2001)

Dança do sexo nos bailes funk

Secretaria de Saúde revela que adolescentes estão engravidando e pegando doenças em novo trenzinho do funk

Depois de brigas e *strip-tease*, só mesmo o sexo no meio dos salões de bailes funk poderia surpreender; é isso que está acontecendo. O secretário municipal de Saúde, Sérgio Arouca, revelou que está aumentando o número de jovens grávidas que têm chegado aos postos de saúde municipais contando a mesma história: vão aos bailes de saia, sem calcinha, e mantêm relações sexuais com os meninos enquanto dançam em fila indiana, formando um trenzinho, ou sentada no colo dos rapazes, fazendo a chamada dança das cadeiras.

As adolescentes estariam sendo dominadas dentro dos salões. “Pelo que estamos vendo, é uma ação imperativa. A menina que não se submete acaba ficando de fora da turma”, conta o secretário. O pior é que as meninas não sabem quem é o pai da criança que esperam, porque mantêm relações com vários rapazes durante o baile e não sabem qual deles foi responsável pela gravidez.

O Dia (08-03-2001) (LOPES, 2011, p. 51-52)

Em seu artigo, Lopes (2011) aponta que o título da matéria da *Folha de S. Paulo* passa por um processo de “nominalização”, uma estratégia textual/discursiva que consiste em transformar ações ou atividades em coisas, construindo dessa forma uma culpabilização do funk pelos casos de gravidez das adolescentes e não se preocupando, de fato, com a problemática das relações sexuais desprotegidas e gravidez indesejada. Essa estratégia, segundo Lopes (2011), é semelhante a notícia do jornal *O Dia*, só que este já inicia a matéria com um histórico de teor negativo dos salões de baile funk e dá a entender que o “trenzinho do funk” é o culpado.

O funk era, portanto, alvo da mídia de acusações de ligações com os mais variados crimes e comportamentos considerados vulgares e ofensivos para a sociedade vigente.

Uma interessante indagação levantada por Valesca Popozuda no que tange essa perseguição ao funk é a crítica ao ritmo ser o eixo das acusações e difamações. No documentário de Denise Garcia, *Sou feia mas tô na moda* (2005), Valesca, que na época ainda fazia parte da Gaiola das Popozudas, frisa que o funk possui letras de duplo sentido assim como diversos outros tipos de estilos musicais (CAETANO, 2015).

[...] no carnaval, a mulher bota o peito de fora, todo mundo tá vendo. No funk, ninguém vai lá em cima do palco e bota a bunda de fora, o peito de fora. No forró tem o duplo sentido também. [...] o hip hop também vem com duplo sentido, quer dizer, o funk também é um duplo sentido. Só que não é pornografia, todo mundo tem o seu ritmo, o seu jeito de fazer música e colocar pro mundo. (VALESCA POPOZUDA, 2005)⁶²

No mesmo documentário, o funkeiro Mr. Catra, considerado rei do funk e falecido em 2018, levantou o ponto de que em novelas que são transmitidas na televisão também há cenas de sexo, porém não sofrem críticas da mídia da mesma forma que acontece com o funk.

Um coroa comendo uma criancinha na novela das oito não é sacanagem, tá ligado? (...) O cara trepado em cima da mulher oito horas da noite na TV Globo não é sacanagem. O funk é que é sacanagem? (...). Todo mundo gosta de fazer amor, todo mundo gosta de gozar gostoso. (MR. CATRA, 2005)⁶³

Deize Tigrone também faz sua crítica à perseguição do funk, afirmando que a maior vítima são as pessoas da comunidade, os verdadeiros alvos:

O problema não é o sexo. O problema não é que eles tão discriminando o funk. O problema é que eles tão discriminando o pessoal da comunidade, que eles não querem ver subir de jeito nenhum. (DEIZE TIGRONE, 2005)⁶⁴

Como parte da cultura negra que já é por si só contraditória, conforme afirma Stuart Hall (2003), o funk também se estabelece dentro de contranarrativas trazendo elementos de discursos que são diferentes da cultura hegemônica e é feito por pessoas que possuem vivência de uma realidade excluída e marginalizada pelo Estado.

Por definição, a cultura popular negra é um espaço contraditório. É um local de contestação estratégica. Mas ela nunca pode ser simplificada ou explicada nos termos das simples oposições binárias habitualmente usadas para mapeá-la: alto ou baixo, resistência versus cooptação, autêntico versus inautêntico, experiencial versus formal, oposição versus homogeneização. Sempre existem posições a serem conquistadas na cultura popular, mas nenhuma luta consegue capturar a própria cultura popular para o nosso lado ou o deles. Por que isso acontece? Que consequências isso traz para as

⁶² Valesca Popozuda para o documentário “Sou feia mas tô na moda” (Direção de Denise Garcia), 2005.

⁶³ Mr. Catra para o documentário “Sou feia mas tô na moda” (Direção de Denise Garcia), 2005.

⁶⁴ Deize Tigrone para o documentário “Sou feia mas tô na moda” (Direção de Denise Garcia), 2005.

estratégias de intervenção nas políticas culturais? Como isso muda as bases de uma crítica cultural negra? (HALL, 2003, p. 341-342)

Hall ainda assegura que essa contradição é vista até nas diversas modalidades da cultura popular *mainstream*:

Não importa o quão deformadas, cooptadas e inautênticas sejam as formas como os negros e as tradições e comunidades negras parecem ou sejam representadas na cultura popular, nós continuamos a ver nessas figuras e repertórios, aos quais a cultura popular recorre, as experiências que estão por trás delas. Em sua expressividade, sua musicalidade, sua oralidade e na sua rica, profunda e variada atenção a fala; em suas inflexões vernaculares e locais; em sua rica produção de contranarrativas; e, sobretudo, em seu uso metafórico do vocabulário musical, a cultura popular negra tem permitido trazer à tona, até nas modalidades mistas e contraditórias da cultura popular *mainstream*, elementos de um discurso que é diferente — outras formas de vida, outras tradições de representação. (HALL, 2003, p. 342)

No caso de Valesca, a construção da sua imagem na mídia sempre deu muita atenção ao seu corpo e às suas roupas curtas e coladas. Em 2009, diversas matérias publicadas no site *EGO*, evidenciavam seu físico ou a vestimenta da funkeira, sempre associando a imagem da mesma à erotização e à sensualidade.

Figura 9 – Manchetes publicadas no *EGO* sobre Valesca Popozuda durante o ano de 2009

30/01/09...14h13 - Atualizado em 30/01/09...14h13

Valesca Popozuda causa rebulição em motel com sessão de fotos

Vocalista da 'Gaiola das Popozudas' atrai atenção de casais que deixam namoro de lado para gritar seu nome. Que prestígio...

Do EGO, no Rio

21/04/09...09h07 - Atualizado em 21/04/09...09h20

De microssaia, Valesca Popozuda se apresenta em baile funk carioca

Cantora esteve no Castelo das Pedras, na Zona Oeste do Rio, nesta segunda-feira, 20

Do EGO, no Rio

01/07/09...01h38 - Atualizado em 01/07/09...02h37

Com vestidos curtos, Viviane Araújo e Valesca Popozuda vão a evento no Rio

Sorteio da ordem das escolas de samba cariocas foi realizado na Cidade do Samba

Do EGO, no Rio

07/11/09...01h46 - Atualizado em 07/11/09...04h10

Com roupa curtíssima, Valesca Popozuda se acaba de sambar em ensaio

Funkeira é rainha de bateria da Porto da Pedra

23/11/09...03h41 - Atualizado em 23/11/09...03h42

Valesca Popozuda deixa calcinha à mostra em ensaio de escola de samba

Funkeira esteve na quadra da Água de Ouro, em São Paulo

Do EGO, em São Paulo

Fonte: Compilação da autora/*EGO*⁶⁵

Em 2010, a Gaiola das Popozudas lançou a intitulada música “My Pussy é o Poder”⁶⁶ que também deu o que falar na mídia. Em referência a música, o jornal *O Dia* publicou a matéria com o título “Ops! Valesca Popozuda usará piercing com brilhantes, avaliado em R\$ 3 mil, nas partes íntimas”⁶⁷ (figura 10), em que a artista conta que um fã rico decidiu presenteá-la com

⁶⁵ Manchetes publicadas no *EGO* sobre Valesca Popozuda durante o ano de 2009. Disponíveis em <http://ego.globo.com/Gente/Noticias/0,,MUL979411-9798,00-VALESCA+POPOZUDA+CAUSA+REBULICO+EM+MOTEL+COM+SESSAO+DE+FOTOS.html>; <http://ego.globo.com/Gente/Noticias/0,,MUL1092612-9798,00-DE+MICROSSAIA+VALESCA+POPOZUDA+SE+APRESENTA+EM+BAILE+FUNK+CARIOCA.html>; <http://ego.globo.com/Gente/Noticias/0,,MUL1214175-9798,00-COM+VESTIDOS+CURTOS+VIVIANE+ARAUJO+E+VALESCA+POPOZUDA+VAO+A+EVENTO+NO+RIO.html>; <http://ego.globo.com/Gente/Noticias/0,,MUL1370163-9798,00-COM+ROUPA+CURTISSIMA+VALESCA+POPOZUDA+SE+ACABA+DE+SAMBAR+EM+ENSAIO.html>; <http://ego.globo.com/Gente/Noticias/0,,MUL1388422-9798,00-VALESCA+POPOZUDA+DEIXA+CALCINHA+A+MOSTRA+EM+ENSAIO+DE+ESCOLA+DE+SAMBA.html>. Acesso em 28 dez. 2021.

⁶⁶ GAIOLA DAS POPOZUDAS. *My Pussy é o Poder*. Rio de Janeiro: Galerão Records: 2010. Disponível em https://youtu.be/pXcZxiv_5Qs. Acesso em 28 dez. 2021.

⁶⁷ OPS! VALESCA Popozuda usará piercing com brilhantes, avaliado em R\$ 3 mil, nas partes íntimas. *Meio Norte*, 25 nov. 2010. Disponível em <https://www.meionorte.com/entretenimento/presente-de-fa-valesca->

uma joia de brilhantes para as partes íntimas, que custou em torno de R\$ 3 mil. No mesmo ano, a repercussão midiática de Valesca foi marcada por uma de suas principais transformações estéticas, um implante de 550ml de silicone nas nádegas e um seguro para as próteses, avaliado em torno de R\$ 5 milhões segundo sua assessoria: “meu bumbum faz parte do meu nome artístico. Qualquer problema com ele afeta diretamente a minha carreira”⁶⁸, justifica a funkeira ao *EGO*. A partir disso, ela virou a sensação do “bumbum grande” no país e referência a tudo que se via sobre o tema (CAETANO, 2015).

Figura 10 – Manchete do jornal *Meio Norte* sobre aplicação de piercing feito por Valesca

Ops! Valesca Popozuda usará piercing com brilhantes, avaliado em R\$ 3 mil, nas partes íntimas

“Agora, eu posso dizer que, além de ser o poder, minha ‘pussy’ brilha também”, disse ela

Curtir



Valesca Popozuda | DWilgaglo

Fonte: *Meio Norte*⁶⁹

[popozuda-usara-piercing-com-brilhantes-avaliado-em-r-3-mil-nas-partes-intimas-116407](http://www.meionorte.com/entretenimento/presente-de-fa-valesca-popozuda-usara-piercing-com-brilhantes-avaliado-em-r-3-mil-nas-partes-intimas-116407). Acesso em 28 dez. 2021.

⁶⁸ FECHADO: seguro do bumbum de Valesca Popozuda será mesmo de R\$ 5 milhões. *EGO*, 8 nov. 2010. Disponível em <http://ego.globo.com/Gente/Noticias/0,,MUL1617815-9798,00-FECHADO+SEGURO+DO+BUMBUM+DE+VALESCA+POPOZUDA+SERA+MESMO+DE+R+MILHOES.html>. Acesso em 28 dez. 2021.

⁶⁹ OPS! VALESCA Popozuda usará piercing com brilhantes, avaliado em R\$ 3 mil, nas partes íntimas. *Meio Norte*, 25 nov. 2010. Disponível em <https://www.meionorte.com/entretenimento/presente-de-fa-valesca-popozuda-usara-piercing-com-brilhantes-avaliado-em-r-3-mil-nas-partes-intimas-116407>. Acesso em 28 dez. 2021.

Antes do silicone, a maioria das matérias circuladas em jornais e revistas já evidenciavam o corpo de Valesca Popozuda e sua forma de se vestir, muito menos do que falavam sobre suas músicas e trabalhos. De acordo com os estudos de Pierre Bourdieu sobre a percepção social do corpo, o corpo é um produto social que, de todas as manifestações de um indivíduo, é a que menos se deixa modificar provisória ou definitivamente. No entanto, simultaneamente, é a parte que mais é socialmente encarregada de significados, ao funcionar como “uma linguagem que fala de nós mais do que falamos sobre nós” (BOURDIEU, 2014, p. 247). Segundo Goldenberg e Ramos (2007) o corpo passou a ter maior exibição pública e a ser mais exaltado, exigindo não somente controle biológico por parte dos indivíduos, mas também um controle de sua aparência imposto pelos corpos padrões divulgados pela mídia. Existe uma construção cultural do corpo que valoriza determinados atributos em detrimento de outros, assim como comportamentos, produzindo, assim, um corpo característico para cada sociedade (SAUERBRONN; TONINI, 2013). Dessa forma, na tentativa de encaixar seus corpos dentro desses padrões, as funkeiras realizam cirurgias estéticas compreensíveis, tendo em vista que seus corpos são “instrumentos de trabalho”, conforme declarado por Valesca Popozuda anteriormente, sendo o corpo, portanto, um capital lucrativo e “um reflexo do estilo de vida dos indivíduos, um símbolo de distinção que pode conferir a eles uma posição de destaque em relação a outros” (CAETANO, 2015, p. 112).

Torna-se perceptível, dessa forma, a importância do corpo e aparência das funkeiras para a mídia. O trabalho de Valesca Popozuda, durante a época da Gaiola das Popozudas, sempre apareceu na mídia com muito destaque para seu corpo e seu estilo e, a partir das análises supracitadas, é possível afirmar também que, o número de matérias que falam sobre seu trabalho musical sem citar ou fazer qualquer objetificação sobre o seu físico é extremamente baixo.

6 DE MC BEYONCÉ À LUDMILLA: A IMAGEM DA MULHER NEGRA DE SUCESSO

Nascida e criada em Duque de Caxias, Ludmilla Oliveira da Silva, mais conhecida atualmente como Ludmilla, canta desde os 8 anos de idade em festas de família e com o grupo de pagode de seu ex-padrasto na época. Ela iniciou a carreira em 2012, quando tinha 17 anos e sua música “Fala Mal de Mim”⁷⁰ viralizou no *YouTube*, alcançando milhares de visualizações em questão de dias, e ainda tinha como nome artístico de MC Beyoncé. Em 2018, Ludmilla contou no programa *Tamanho Família*⁷¹, da *Globo*, apresentado por Márcio Garcia, que era muito fã da Beyoncé e queria ser uma artista grande como a cantora internacional, e seu então produtor e empresário, MC Roba Cena, havia dito que “MC Ludmilla” seria um nome muito fraco, adotando, portanto, o nome artístico de “MC Beyoncé”. O sucesso da música foi tão grande que ela foi convidada para participar em programas de televisão como *Esquenta*, *Encontro com Fátima Bernardes*, *De Frente com Gabi*, *Domingo Legal*, entre outros.

No entanto, cerca de um ano depois do seu primeiro sucesso, em julho de 2013 Ludmilla publicou um vídeo⁷² em que disse que estava sendo ameaçada por Roba Cena e, por isso, decidira abandonar a carreira. Horas depois, a cantora surgiu com um novo vídeo⁷³ pedindo desculpas e dizendo que foi um mal-entendido, porém, três meses depois ela declarou o fim de vez de MC Beyoncé, justificando que era um nome artístico que pertencia ao seu antigo empresário, MC Roba Cena, mas que continuaria sua carreira com o nome MC Ludmilla.

Em 2014, Ludmilla assinou o contrato com a gravadora Warner Music Brasil e ainda em janeiro lançou seu primeiro single com o nome MC Ludmilla, intitulado “Sem Querer”⁷⁴. No mesmo mês, Ludmilla promoveu a música no Encontro com Fátima Bernardes, em que apareceu com um visual renovado, com cabelo encaracolado, com mechas loiras e estilo diferente do que costumava usar quando era MC Beyoncé. No lugar dos cordões dourados e roupas curtas da estética do funk ostentação estavam vestimentas mais elegantes, como blazer

⁷⁰ LUDMILLA. Fala Mal de Mim. Rio de Janeiro: Galerão Records: 2012. Disponível em <https://youtu.be/dgmJL5uLdKs>. Acesso em 30 dez. 2021.

⁷¹ LUDMILLA relembra início da carreira como MC Beyoncé. Tamanho Família. Rio de Janeiro: TV Globo, 2 set. 2018. Programa de TV. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/6991018/>. Acesso em 30 dez. 2021.

⁷² MC BEYONCE eh ameaçada de morte e desiste de ser funkeira. [S. l.], 2013. 1 vídeo (1 min). Publicado pelo canal Imperador do Funk. Disponível em <https://youtu.be/VWL-1pJgCJU>. Acesso em 30 dez. 2021.

⁷³ MC BEYONCE E ROBA CENA - ESCLARECIMENTO DO VÍDEO DE FIM DE CARREIRA. [S. l.], 2013. 1 vídeo (1 min). Publicado pelo canal Imperador do Funk. Disponível em <https://youtu.be/uSmktnjZCC4>. Acesso em 30 dez. 2021.

⁷⁴ LUDMILLA. Sem Querer. Rio de Janeiro: Warner Music Brasil: 2014. Disponível em https://youtu.be/gqFDr_jz09I. Acesso em 30 dez. 2021.

e acessórios mais delicados. Em abril do mesmo ano, ela lançou o EP “Fala Mal de Mim”⁷⁵, que além de músicas regravadas, conta com os sucessos “Sem Querer” e “Hoje”⁷⁶, música que daria título ao álbum seguinte, lançado em agosto de 2014. No mesmo contexto aconteceu a retirada do “MC” do nome de Ludmilla, por recomendação da gravadora, devido ao preconceito existente com a sigla, além da limitação de que ela só poderia cantar funk e não outros estilos musicais, segundo declaração da cantora em entrevista no programa *De Frente com Gabi*⁷⁷. Essa é uma situação recorrente quando artistas que ganharam fama no funk assinam contratos com gravadoras: Anitta, que também fazia parte da Warner Music Brasil na época, retirou o MC de seu nome que já havia sido MC Larissa e MC Anitta; Kevinho, que antes era MC Kevinho, e POCAH, que anteriormente era MC Pocahontas, são exemplos dessa mudança.

Figura 11 – De MC Beyoncé a Ludmilla: veja as transformações no visual da cantora



Fonte: *Extra*⁷⁸

Com 18 anos, Ludmilla começou a mudar ainda mais seu visual e iniciou suas transformações estéticas: a primeira foi uma rinoplastia, em que ela disse em entrevista à revista *Contigo!*⁷⁹ que tinha vontade de fazer desde os seus 14 anos. Em 2015 ela também realizou uma

⁷⁵ LUDMILLA. Fala Mal de Mim (EP). Rio de Janeiro: Warner Music Brasil: 2014. Disponível em https://youtube.com/playlist?list=OLAK5uy_kBh6bsn0chEA3wgY_b0h-RTioLzbG33AA. Acesso em 30 dez. 2021.

⁷⁶ LUDMILLA. Hoje. Rio de Janeiro: Warner Music Brasil: 2014. Disponível em <https://youtu.be/Rvq7R9dwJ3U>. Acesso em 30 dez. 2021.

⁷⁷ DE FRENTE com Gabi - MC Ludmilla (Ex - MC Beyonce). De Frente com Gabi, São Paulo: SBT, 2 nov. 2014. Programa de TV. Disponível em <https://youtu.be/Oaf8nKU2p84>. Acesso em 30 dez. 2021.

⁷⁸ DE MC BEYONCÉ a Ludmilla: veja as transformações no visual da cantora. *Jornal Extra*, 3 nov. 2019. Disponível em <https://extra.globo.com/famosos/de-mc-beyonce-ludmilla-veja-as-transformacoes-no-visual-da-cantora-rv1-1-24056754.html>. Acesso em 30 dez. 2021.

⁷⁹ APÓS lipo e cirurgia no nariz, funkeira Ludmilla diz que hoje se sente mais segura: “Estou gatinha, dá pra pegar”. *Jornal Extra*, 23 out. 2015. Disponível em <https://extra.globo.com/famosos/apos-lipo-cirurgia-no-nariz->

lipoaspiração e declarou que, após as cirurgias, sente-se mais segura com a sua beleza. Em 2016, Ludmilla passou por uma nova cirurgia no nariz que, segundo sua assessoria, não foi por motivos estéticos, mas sim para reparar problemas de respiração. No entanto, algumas semanas depois, em entrevista ao *Programa do Porchat*⁸⁰, a cantora descartou que fez a plástica para melhorar a respiração e declarou que fez porque não gostava do jeito que seu nariz era, então o corrigiu.

Figura 12 - Ludmilla dá entrevista anestesiada após fazer bichectomia: 'Boca dormente'



Fonte: *Purepeople*⁸¹

Na mídia, suas transformações estéticas já eram destaque: em setembro de 2016, o site *Catraca Livre* publicou uma matéria com o título “Ludmilla faz plástica no nariz: autoestima ou exagero?”⁸², cujo texto aponta que após a artista receber questionamentos e críticas de fãs, “assumi de vez a vontade de mudar seu rosto”. No mesmo ano, uma matéria publicada pela

[funkeira-ludmilla-diz-que-hoje-se-sente-mais-segura-estou-gatinha-da-pra-pegar-17857125.html](https://www.funkeira.com.br/ludmilla-diz-que-hoje-se-sente-mais-segura-estou-gatinha-da-pra-pegar-17857125.html). Acesso em 30 dez. 2021.

⁸⁰ COM NOVAS plásticas, Ludmilla sofre para dar entrevista a Porchat. *Programa do Porchat*, São Paulo: RecordTV, 26 set. 2016. Programa de TV. Disponível em <https://youtu.be/Cf9p00dJAI>. Acesso em 30 dez. 2021.

⁸¹ BARROS, Rahabe. Ludmilla dá entrevista anestesiada após fazer bichectomia: 'Boca dormente'. *Purepeople*, 27 set. 2016. Disponível em https://www.purepeople.com.br/noticia/ludmilla-da-entrevista-anestesiada-apos-fazer-bichectomia-boca-dormente_a137451/1. Acesso em 30 dez. 2021.

⁸² LUDMILLA faz plástica no nariz: autoestima ou exagero?. *Catraca Livre*, 7 set. 2016. Disponível em <https://catracalivre.com.br/saude-bem-estar/ludmilla-faz-plastica-no-nariz-autoestima-ou-exagero/>. Acesso em 30 dez. 2021.

*Jovem Pan*⁸³ aponta que a cantora estava sendo comparada ao Michael Jackson após a cirurgia e cita o comentário “tá muito feio esse nariz, na moral! Tá muito a cara do Michael Jackson” deixado por um internauta em uma foto publicada por ela no *Instagram*.

É perceptível que quando se trabalha dentro de restrições de uma estética racista, em que a imagem da mulher branca, loira, com cabelo liso ou ondulado e nariz fino é a que mais traz visibilidade, dinheiro, fama e atenção, principalmente na cultura popular, facilita que imagens libertadoras, que valorizam a negritude, sejam jogadas para escanteio (HOOKS, 2019b). Consoante hooks (2019b, p. 23), estrelas de cinema, artistas e cantores passaram a adotar uma aparência que sugere a seguinte ideia: “se não posso ser uma mulher branca, posso pelo menos parecer uma cópia da coisa real”, o que abriu caminho para que Beyoncé, por exemplo, atingisse o auge da fama e riqueza como nenhuma outra mulher negra o fez. Para promover o seu segundo álbum, chamado “A danada sou eu”⁸⁴, em 2016, também foi perceptível novas mudanças na estética de Ludmilla, em que ela apareceu com *front e full laces*, uma versão contemporânea e mais natural das perucas, muito utilizadas por artistas norte-americanas, no lugar dos implantes capilares observados na era do disco “Hoje”. Na capa de “A Danada sou eu” a artista aparece com uma *lace* lisa, preta e escorrida. Em 2017, Ludmilla publicou em seu *Instagram* um antes e depois da fama em que a legenda constava a *hashtag* “#evoluirsempre”.

Figura 13 – Ludmilla mostra seu antes e depois de ficar famosa e diz: "Evoluir sempre"



Fonte: TV e Famosos (*Uol*)⁸⁵

⁸³ LUDMILLA é comparada a Michael Jackson após cirurgia no nariz. *Jovem Pan*, 7 set. 2016. Disponível em <https://jovempan.com.br/entretenimento/musica/ludmilla-e-comparada-michael-jackson-apos-cirurgia-no-nariz.html>. Acesso em 30 dez. 2021.

⁸⁴ LUDMILLA. A Danada Sou Eu. Rio de Janeiro: Warner Music Brasil: 2016. 1 CD (47min). Disponível em https://youtube.com/playlist?list=OLAK5uy_mISJvSd4MfVb7QXNZDT0tgTq-2ZhsUHcQ. Acesso em 2 jan. 2022.

⁸⁵ Ludmilla mostra seu antes e depois de ficar famosa e diz: "Evoluir sempre". *Uol*, 30 jul. 2017. Disponível em <https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2017/07/30/ludmilla-mostra-seu-antes-e-depois-de-ficar-famosa-e-diz-evoluir-sempre.htm>. Acesso em 2 jan. 2022.

Anos seguintes, a cantora continuou realizando alguns procedimentos estéticos como uma correção das próteses de silicone em 2020 e uma lipoaspiração de alta definição para ter o abdômen esculpido, conhecida como *LAD* ou *Lipo HD*, que fez junto de sua esposa, Brunna Gonçalves. Para bell hooks:

A aparente adoração e reverência por ideais de beleza que brotam de uma estética supremacista branca não é mais questionada. Aqueles indivíduos dissidentes que fizeram e dispararam críticas relacionadas a raça e representação, desafiando o consumo passivo e a aceitação dessas imagens, são desconsiderados por terem “uma visão estreita” ou por adotarem uma política de “respeitabilidade”. (HOOKS, 2019b, p. 23)

Ludmilla é a primeira cantora negra latina a acumular 1 bilhão de *streams* só no *Spotify*: “Pra uma mulher preta, que veio da Baixada, isso é muito. E saber que sou a primeira negra latina a fazer isso só me impulsiona”⁸⁶, escreve em uma publicação no *Instagram*. Em entrevista ao *podcast Mano a Mano*⁸⁷, de Mano Brown, Ludmilla revela que começou a fazer plásticas muito cedo por pressão social, e não porque realmente queria. “Muito contratante contrata, chegava no show e as pessoas viam quem era a MC Beyoncé. Falavam do meu nariz, da minha perna, do meu cabelo, e eu cantando e ouvindo aquilo”, declara. Ela também afirmou que o racismo sempre esteve presente na sociedade, mas que encontrou na música um porto seguro contra o preconceito: “A gente aprendeu na escola que preto era feio, que cabelo crespo era horrível, que nariz largo é horrível, que beirão grande era feio. Antigamente a gente não falava sobre racismo assim, abertamente, em todo lugar com as pessoas, aí, então, a gente ia vivendo e esse era o certo”.

No mesmo *podcast*, ela conta que começou a ser mais seletiva em entrevistas que ela dá para não ficar vulnerável, pois a mídia distorce tudo que é falado e a faz entrar em muitas polêmicas desnecessárias. Uma matéria publicada pela *Istoé* em abril de 2021, por exemplo, intitulada “Ludmilla é denunciada por fã após chamá-lo de racista em mensagem privada”⁸⁸ esconde que a denúncia trata-se, na verdade, de uma acusação de racismo reverso por parte da cantora, em que ela respondeu um fã que tinha foto com Val Marchiori – acusada de racismo

⁸⁶ Disponível em https://www.instagram.com/p/CEod33ngvEg/?utm_source=ig_embed&ig_rid=6991b215-1465-4928-a6cb-905b876b947f. Acesso em 2 jan. 2022.

⁸⁷ MANO a Mano | Mano Brown recebe Ludmilla. Entrevistada: Ludmilla. Entrevistador: Mano Brown. [S. l.]: Mugshot; Boogie Naípe, 27 out. 2021. Podcast. Disponível em: https://open.spotify.com/episode/4TKOvp0YZrIjNCWWJd43w6?si=eb6bLY_qRwmzr7l7gaE5gQ. Acesso em 2 jan. 2022.

⁸⁸ LUDMILLA é denunciada por fã após chamá-lo de racista em mensagem privada. *Istoé Gente*, 24 abr. 2021. Disponível em <https://istoe.com.br/ludmilla-e-denunciada-por-fa-apos-chamar-eleludmilla-de-racista-em-mensagem-privada/>. Acesso em 2 jan. 2022.

contra a cantora ao falar que o cabelo dela parecia um bombril, no programa *Bastidores do Carnaval 2016*, transmitido pela *RedeTV*⁸⁹, durante um desfile do Salgueiro – chamando-o de “racista albino”. É válido ressaltar que, conforme aponta Ribeiro (2018) em um dos seus ensaios para a *Carta Capital*, “falar em racismo reverso é como acreditar em unicórnios”, uma vez que a estética branca não é estigmatizada e o que pode ocorrer é de pessoas negras, cansadas de sofrerem racismo durante toda sua trajetória, rejeitarem de modo direto a branquitude como uma reação à opressão, o que não configura racismo.

Também em 2021, quando Ludmilla cancelou sua participação no Prêmio Multishow ao apontar as dificuldades de ser uma artista negra no Brasil e denunciar o boicote sofrido ao não ser indicada na categoria “Cantora do Ano”, mesmo com seu *hit* “Rainha da Favela”⁹⁰ ficando meses entre as músicas mais tocadas nas paradas e ter lançado o projeto “Numanice Ao Vivo”⁹¹ que revolucionou o mercado musical do pagode de um jeito jamais visto, foi acusada por um usuário do *Twitter* de tudo não ter passado de uma estratégia de marketing, conforme noticiado pela matéria do portal *PurePeople* (figura 14). A notícia classifica a denúncia de boicote de Ludmilla como “polêmica” e, no decorrer do texto fala sobre a desconfiança dos internautas quando Ludmilla anunciou dias depois o lançamento de seu documentário “Rainha da Favela”⁹², no *Globoplay*.

Figura 14 – Manchete no *Purepeople* sobre acusação de golpe de Ludmilla



Fonte: *Purepeople*⁹³

⁸⁹ VAL MARCHIORI diz que cantora Ludmilla tem cabelo de Bombril. *Bastidores do Carnaval 2016*, São Paulo: RedeTV, 8 fev. 2016. Programa de TV. Disponível em: <https://youtu.be/v9WXYGKjvBk>. Acesso em 2 jan. 2022.

⁹⁰ LUDMILLA. *Rainha da Favela*. Rio de Janeiro: Warner Music Brasil: 2020. Disponível em <https://youtu.be/DWH349RfD7E>. Acesso em 2 jan. 2022.

⁹¹ LUDMILLA. *Numanice Ao Vivo*. Rio de Janeiro: Warner Music Brasil: 2021. 1 CD (56min) Disponível em https://youtube.com/playlist?list=PLj6s80N1H0IRWZTFes0-IK_bp6Dp-xNUo. Acesso em 2 jan. 2022.

⁹² LUDMILLA *Rainha da Favela*. Direção de Tatiana Issa e Guto Barra. [S.l.]: 2021 Disponível em: <https://globoplay.globo.com/ludmilla-rainha-da-favela/t/szDqJqFM2w/>. Acesso em 2 jan. 2022.

⁹³ QUEIROZ, Matheus. Após polêmica, Ludmilla anuncia projeto com o Multishow e é acusada de dar golpe de marketing. *Purepeople*, 25 out. 2021. Disponível em https://www.purepeople.com.br/noticia/ludmilla-e-acusada-de-dar-golpe-de-marketing-com-multishow_a329409/1. Acesso em 3 jan. 2022.

No mesmo ano, matérias como “Desafetos da Ludmilla: Relembre algumas brigas que a cantora já se envolveu”⁹⁴ e “Ludmilla se vinga de Anitta após briga e toma atitude impressionante”⁹⁵ foram publicadas pelos sites *JC*, da *Uol*, e *RDI*, do portal *Terra*. As duas destacam brigas em que a cantora já se envolveu: a primeira faz um compilado de polêmicas de Ludmilla com outros artistas, como Anitta, e Pocah, e com ex-funcionários, como seu antigo advogado Wanderlei Costa e Juliana Mattoni, sua ex-assessora. A segunda deixa explícita no título que Ludmilla se vingou de Anitta ao retirá-la da capa de seu single “Favela Chegou” após um desentendimento entre as duas, além de mostrar no decorrer do texto críticas de seguidores contra Ludmilla, como se ela fosse a grande vilã da história.

Figura 15 – Manchete sobre possível rixa entre Ludmilla e Anitta

Ludmilla se vinga de Anitta após briga e toma atitude impressionante

Alvaro Penerotti em 04/11/2021 - 18:08



Fonte: *RDI*⁹⁶

A vilanização de pessoas negras é mapeada por Stuart Hall em *Cultura e Representação* (2016), em que o autor analisa um caso da revista *The Sunday Times Magazine* que colocou como legenda “Heróis e Vilões” na foto de capa que era uma imagem de atletas negros. Mesmo quando mostrados no auge de suas carreiras, em uma de suas conquistas, ainda é levantado o questionamento de “será que eles conseguirão sustentá-las?”, surgindo o fascínio pelas “diferenças” e “alteridades” que costumam serem destacadas repetidas vezes com figuras

⁹⁴ NASCIMENTO, Rakeche. Desafetos da Ludmilla: Relembre algumas brigas que a cantora já se envolveu. *JC*, 30 ago. 2021. Disponível em <https://jc.ne10.uol.com.br/social1/2021/08/13035898-desafetos-da-ludmilla-relembre-algumas-brigas-que-a-cantora-ja-se-envolveu.html>. Acesso em 3 jan. 2022.

⁹⁵ PENEROTTI, Álvaro. Ludmilla se vinga de Anitta após briga e toma atitude impressionante. *RDI*, 4 nov. 2021. Disponível em <https://rd1.com.br/ludmilla-se-vinga-de-anitta-apos-briga-e-toma-atitude-impressionante/>. Acesso em 3 jan. 2022.

⁹⁶ *Ibidem*.

representacionais semelhantes (HALL, 2016). Nesse sentido, entre as imagens de controle midiáticas provenientes do pensamento colonial levantadas por Collins (2002) está a da mulher negra associada a agressividade, sendo reforçada e validada principalmente quando o contexto é de comparação com mulheres brancas, como na notícia do *RDI*. Essa definição é denominada de *Sapphire* e é caracterizada por prepotência, hostilidade e expansividade exageradas, sendo uma imagem negativa da mulher negra para a branquitude (CARRERA; CARVALHO, 2020). Segundo Hall (2016), o uso desses estereótipos em pessoas negras sempre foi tão comum que cartunistas e outros artistas conseguiam reunir em suas obras uma gama de “tipos negros” que reduziam os negros a características simplificadas, redutoras e essencializadas.

Apesar de sofrer muitos ataques, desde o início da sua carreira Ludmilla segue sem medo de se posicionar em suas redes sociais. Suas músicas, mesmo que tenham sofrido um intenso processo de transformação para o pop, dentro de uma conjuntura de glamourização de ex-funkeiros que tentam cada vez mais se estabelecer no cenário musical brasileiro, ainda tem, no fundo, a essência do funk, além de outros ritmos como o *afrobeat*, no qual ela passou a incorporar em seu sucesso “Socadona”⁹⁷, lançado em novembro de 2021 com participação da estadunidense Mariah Angeliq, que conta uma combinação de música iorubá, *jazz*, *highlife* e funk.

⁹⁷ LUDMILLA et al. Socadona. Brasil: Warner Music Brasil: 2021. Disponível em https://youtu.be/15wVHmz_Aag. Acesso em 3 jan. 2022.

7 A GLAMOURIZAÇÃO DO FUNK CARIOCA

Apesar da marginalização e demonização dos funkeiros cariocas até aqui apresentada, o discurso midiático também apresenta outra face quando o assunto é funk. No fim dos anos 90, Freire Filho e Herschmann (2009) explicam que os discos de Latino, dos MCs Claudinho & Bochecha e coletâneas como *Funk Brasil* e *Furacão 2000* foram sucesso de vendas e o estilo musical conseguiu desenvolver programas diários de rádio FM, *fanzines*, programas semanais de TV, entre outros veículos exclusivamente dedicados ao funk em alguns momentos de sua trajetória. Os autores ainda comentam que o prestígio conquistado em 2003 com a “Lei do Funk” (RIO DE JANEIRO, 2003), que indicava que a organização dos bailes devia ser dividida entre os produtores culturais e as entidades contratantes foi motivo de celebração entre importantes atores sociais, autoridades, especialistas e DJs, com matérias publicadas nos principais jornais do país.

O discurso midiático oscila, como vimos, entre a demonização e certa glamourização dos excluídos; na medida em que os torna “visíveis”, permite-lhes, de certa forma, denunciar a condição de “proscritos” e reivindicar cidadania, trazendo à tona, para o debate na esfera pública, a discussão do lugar do pobre, ou melhor, o direito ao discurso, ao lazer e à cidade, pondo em pauta as contradições do processo de “democratização” do país e suas tensões sociais. (FREIRE FILHO; HERSCHMANN, 2003, p. 69)

Segundo Lopes (2011) essa suposta glamourização do funk parece começar a acontecer porque os seus fãs e consumidores passaram a ser também jovens provenientes de classe média e das elites. A autora ainda traz como exemplo uma matéria veiculada na revista *Manchete* em 1995, intitulada de “O funk chegou para abalar: sangue bom na classe média” e constituída por relatos de jovens de classe média que se declaram funkeiros e fãs de funk. Nesse sentido, Lopes (2011) analisa que quando as reportagens falam de jovens de camada média ou alta, eles são classificados como “sangue bom” e “juventude dourada”, diferente de como é classificado o funkeiro que mora no subúrbio, classificado como “inimigo público número 1”.

Até então confinado aos subúrbios cariocas, o funk rompe os limites dos bairros populares e começa a conquistar **a juventude dourada** da Zona Sul. Mais emergente do que nunca, o ritmo desafia o preconceito e parte para a ofensiva, embalando os bairros nobres e as boates chiques. Como o Rio, inevitavelmente, exporta comportamento, a onda começa a alcançar outras capitais. Com uma estratégia ousada, faz a cabeça de jovens abastados, carentes de Beatles, dos Rolling Stones, do Nirvana, etc. “O funk é a bola da vez. Atravessou as barreiras das favelas e a classe média aderiu. Não dava para esconder cinco mil pessoas dançando no subúrbio”,

comemora a funkeira sangue bom, Fernanda Abreu.⁹⁸ (MANCHETE, 1995 apud. LOPES, 2011, p. 43, grifo da autora)

No entanto, apesar da mídia ser um espaço que muitas vezes difunde o “pânico moral” e atua como um ambiente regulador, é evidente que ela também produz brechas que possibilitam que o “outro” emergja, tornando-se um espaço fundamental para a percepção das diferenças (FREIRE FILHO; HERSCHMANN, 2009). Nesse cenário, as movimentações do funk passaram a atrair a atenção de gravadoras e até mesmo do mercado internacional, fazendo com que artistas estrangeiros, como a cantora britânica de origem tâmil, M.I.A., e o produtor internacional, Diplo, que lançaram em 2005 a música *Bucky Done Gun*⁹⁹ com o *sample* de “Funk da Injeção”¹⁰⁰, originalmente produzido por DJ Marlboro e interpretado por Deize Tigrona, apresentando uma mistura distinta de *house*, *hip hop* e funk carioca na música (MCNALLY, 2017).

Nesse sentido, por mais que o gênero musical atualmente já esteja ocupando o *mainstream* e muitos artistas já sejam contratados por grandes gravadoras, é notório que muitos sucessos surgiram e continuam a surgir do improviso proveniente da falta de recursos existente na realidade das favelas cariocas (ARNOLDT, 2019). Nos dias de hoje, esse sucesso se dá principalmente com a facilidade de disseminação de conteúdos por meio das redes sociais, onde produções independentes são lançadas todos os dias e, quando caem no gosto do público consumidor, viralizam.

A partir de 2011, enquanto o funk ostentação alavancava com grandes produções e clipes de luxo em São Paulo ganhando notoriedade na cena nacional, o funk do Rio de Janeiro que estava em alta na mesma época passava a conceber uma roupagem mais pop, com o sucesso de Naldo Benny, com o álbum *Na Veia Tour*¹⁰¹ que incluía sucessos do funk *melody*, e o início do fenômeno Anitta. Em 2010, Anitta ainda tinha contrato assinado com a gravadora Furacão 2000 e no fim do mesmo ano lançou o single promocional “Eu Vou Ficar”¹⁰² e, em 2011, a música “Fica só olhando”¹⁰³, que já tinham elementos do pop hibridizados com o funk. Mas foi em 2012 que ela passou a ganhar ainda mais fama com o lançamento do clipe de “Meiga e

⁹⁸ O FUNK chegou para abalar: sangue bom na classe média. **Manchete**, 23 dez. 1995.

⁹⁹ M.I.A. Bucky Done Gun. London: XL Recordings: 2005. Disponível em <https://youtu.be/VNJ96imMskk>. Acesso em 3 jan. 2022.

¹⁰⁰ DEIZE TIGRONA. Injeção. Rio de Janeiro: DJ Marlboro: 2002. Disponível em <https://youtu.be/l6JsbY8h2y0>. Acesso em 3 jan. 2022.

¹⁰¹ BENNY, Naldo. Na Veia Tour. Rio de Janeiro: DeckDisc: 2011. 1 DVD. Disponível em <https://youtu.be/3QdHjYnpYPY>. Acesso em 4 jan. 2022.

¹⁰² ANITTA. Eu Vou Ficar. Rio de Janeiro: Furacão 2000: 2010. Disponível em https://youtu.be/vDoeoOFCa_U. Acesso em 4 jan. 2022.

¹⁰³ ANITTA. Fica Só Olhando. Rio de Janeiro: Furacão 2000: 2011. Disponível em <https://youtu.be/KCcvx--NhSs>. Acesso em 4 jan. 2022.

Abusada”¹⁰⁴, que apresentou um estilo bem diferente dos clipes de funk da época, sendo gravado em partes em Las Vegas, com um investimento de 40 mil reais de sua nova empresária, Kamilla Fialho. Além de sair da Furacão 2000, a artista tirou o MC do nome, assim como diversos outros ex-funkeiros também fizeram, e ganhou projeção nacional aproximando-se do pop e investindo em uma imagem mais aceitável para o grande público (LEAL, 2014). O sucesso foi tanto que fez com que a cantora assinasse em 2013 com a Warner Music e, em abril do mesmo ano, lançou o clipe “Show das Poderosas”¹⁰⁵, que se tornou o vídeo mais assistido do *Youtube* naquele mês. No *podcast Corredor 5*¹⁰⁶, em episódio publicado em junho de 2021, Fialho conta que há menos de uma década atrás, as gravadoras não abriam espaço para conversar com ela sobre os MCs, porém, atualmente as mesmas brigam pelos artistas de funk, em razão da revolução que trouxe a mistura do ritmo com a música pop, fazendo com que os artistas se tornassem mais concorridos.

Diferentemente de Valesca Popozuda e de outras funkeiras da década de 2000, Anitta afastava-se do discurso de liberdade sexual e mantinha uma imagem mais recatada, uma vez que seu grande público ainda apresentava uma imagem conservadora no início de sua carreira com relação à liberdade sexual das mulheres e o objetivo da cantora já era desde então ser uma “cantora para todos os públicos” (LEAL, 2014). Sua estética já adotava desde o início características da música pop e se afastava cada vez mais da essência do funk carioca. As coreografias, por exemplo, tinham similaridade com as de Beyoncé, e a música “Show das Poderosas” foi mais um reforço do despontamento da artista no cenário pop brasileiro. A própria mídia e os fãs já comparavam a artista com a estrela internacional: segundo uma matéria publicada no ano de 2016 pela *Gazeta do Povo*, o jornal *New York Times* comparou a brasileira com a Beyoncé e nessa competição quem venceu foi Anitta.

¹⁰⁴ ANITTA. Meiga e Abusada. Rio de Janeiro: Furacão 2000: 2012. Disponível em <https://youtu.be/IB14O2exar4>. Acesso em 4 jan. 2022.

¹⁰⁵ ANITTA. Show das Poderosas. Rio de Janeiro: Warner Music Brasil: 2013. Disponível em <https://youtu.be/FGViL3CYRwg>. Acesso em 4 jan. 2022.

¹⁰⁶ Kamilla Fialho | Empresária K2L | Podcast de Música. Entrevistada: Kamilla Fialho. Entrevistador: Clemente Magalhães. [S. l.]: Corredor 5, 7 jun. 2021. Podcast. Disponível em: <https://youtu.be/34TS18WiIc>. Acesso em: 4 jan. 2022.

Figura 16 – Manchete que traz comparativo entre Anitta à Beyoncé

O 'New York Times' comparou Anitta com Beyoncé. Não adianta, a brasileira é melhor

O jornal comparou a cantora carioca à diva americana em texto sobre abertura das Olimpíadas. Mas a brasileira ganha essa disputa. Saiba por quê

Por Angela Corrêa 11/08/2016 09:59



Beyoncé já se apresentou na abertura de uma Olimpíada? Não! Foto: Ricardo Moraes (Beyoncé)/Raul Aragão (Anitta)

Fonte: *Gazeta do Povo*¹⁰⁷

Enquanto isso, o funk das favelas continuava a se esforçar para emplacar novos sucessos. Desde 2008, no início da implementação das Unidades de Polícia Pacificadora no Rio de Janeiro, até as Olimpíadas em 2016, o funk carioca encontrava-se em declínio devido à grande proibição de bailes em razão das UPPs, além do fato de o funk ostentação paulista ocupar as paradas nacionais na época. Foi então a partir de 2015, com a vertente 150bpm começando a aparecer nos bailes, sendo o DJ Polyvox um dos percussores, que o funk carioca voltou a ganhar força. O novo ritmo fez o estilo musical reinventar-se como não fazia há muito tempo e sua popularidade fez com que DJs, que antes não eram o foco da cena, como o DJ Rennan da Penha, ganhassem popularidade, até mesmo mais que os MCs. Em entrevista ao *Correio*

¹⁰⁷ CORRÊA, Angela. O 'New York Times' comparou Anitta com Beyoncé. Não adianta, a brasileira é melhor. *Gazeta do Povo*, 11 ago. 2016. Disponível em <https://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/musica/one-w-york-times-comparou-anitta-com-beyonce-nao-adianta-a-brasileira-e-melhor-83lqln8z9lyswx5nlewjwdg59/>. Acesso em 4 jan. 2022.

Braziliense, Kevin O Chris, consagrado hoje um dos maiores artistas da nova vertente, afirma: “É a revolução do movimento. Hoje a elite quer escutar o que a favela tem para dizer”¹⁰⁸.

7.1 Rennan da Penha segue o baile

Mesmo com os obstáculos encontrados durante a carreira, Rennan da Penha ganhou ainda mais notoriedade e fama como consequência do seu nome ocupando espaço em jornais televisivos e portais *online* com sua condenação já abordada no capítulo 4. De forma similar com o que acontecia com os arrastões na década de 1990, em que a mídia dava brechas para que os funkeiros emergissem ao serem culpabilizados e ocupassem espaço nos jornais, os veículos de comunicação também ajudaram indiretamente Rennan da Penha a estar nos holofotes nacionais, ainda que de forma estigmatizada inicialmente e, após a sua soltura, passou a noticiar seus projetos, conquistas e sua arte no geral. Consoante a Herschmann (2005), o espaço midiático não é homogêneo, ele se constitui numa “arena” que abriga diversas perspectivas e até mesmo posições contraditórias. Nesse sentido, é coerente afirmar que “o discurso que demoniza o funk e o hip-hop é o mesmo que assenta as bases para a sua glamourização” (HERSCHMANN, 2005, p. 91).

A ascensão de Rennan da Penha antes mesmo de ser preso já havia proporcionado uma grande mudança em seu estilo de vida. O Baile da Gaiola já chegou a atrair 25 mil pessoas numa única noite e era vitrine principal do DJ, que começou a expandir o evento para todo o país quebrando barreiras com o 150bpm. Quando ele foi preso, uma matéria da *Folha de S. Paulo* destacou a diferença no cachê do DJ no início de sua carreira até o início de sua ascensão:

O 150BPM nem sempre encontrou portas abertas no funk, e Rennan, com 11 anos de carreira, passou anos tocando por cachês de R\$ 50 (0,25% do passe atual: R\$ 20 mil) e ouvindo da velha escola do funk que sua geração seria “assassina do tamborzão”. (FOLHA DE S. PAULO, 2019)¹⁰⁹

Em 2018 e 2019, Rennan colaborou com grandes nomes do funk: Nego do Borel, Ludmilla, MC Livinho e Rebecca. Aos 25 anos, rompeu as fronteiras da zona norte carioca, conquistou um programa na *FM O Dia* e realizava cerca de 60 apresentações por mês. Com os sucessos e agenda cheia, Rennan se mudou para uma mansão no Recreio, junto de sua então

¹⁰⁸ IZEL, Adriana. 'A elite quer escutar o que a favela diz', analisa funkeiro Kevin O Chris. **Correio Braziliense**, 7 ago. 2019. Disponível em https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2019/08/07/interna_diversao_arte.775843/entrevista-com-kevin-o-chris.shtml. Acesso em 5 jan. 2022.

¹⁰⁹ O QUE Rennan da Penha conquistou em sua escalada funkeira até a ordem de prisão. **Folha de S. Paulo**, 7 abr. 2019. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/04/o-que-rennan-da-penha-conquistou-em-sua-escalada-funkeira-ate-a-ordem-de-prisao.shtml>. Acesso em 5 jan. 2022.

namorada, Lorena Vieira, e os dois, juntos, chegaram a fazer cinco viagens internacionais, entre elas para o Egito e Cancun. Com a vida glamourizada, Rennan também renovou seu estilo, utilizando roupas de marca e cordões de ouro, mas na mídia hegemônica ele só foi ganhar visibilidade após seu mandado de prisão com as diversas notícias expostas nos capítulos anteriores, principalmente quando ganhou o Prêmio Multishow de Canção do Ano enquanto ainda estava em regime fechado. Ainda preso, Rennan da Penha também foi indicado ao maior prêmio de música latina da atualidade, o Grammy Latino, pela produção musical da música “Me solta” de Nego do Borel, mas não chegou a ganhar.

Após a soltura, além de ter firmado contrato com a Sony Music, ele também foi convidado para realizar uma parceria musical em conjunto com a cantora Ludmilla e com a rapper internacional Cardi B. A mídia, por sua vez, passou a noticiar de forma mais positiva os feitos do DJ: o próprio jornal *Extra*, que anteriormente havia publicado uma matéria de conotação racista ao expor a vida de luxo do artista ligando à acusação de associação ao tráfico de drogas, divulgou que Rennan anunciou a data de gravação do seu DVD (figura 17). No decorrer do texto aponta o sucesso da carreira e um breve resumo de sua história, o colocando como criador do 150bpm. O jornal também abriu espaço para que Rennan, 20 dias após ser solto, desse sua versão dos fatos e desabafasse sobre o que quer para o futuro, na matéria “Rennan da Penha fala de prisão, funk e filhos: ‘quero que tenham uma profissão digna’”¹¹⁰.

Figura 17 – Manchete de entrevista de Rennan da Penha ao *Extra*

Após sair da prisão, DJ Rennan da Penha
anuncia data de gravação de DVD no Rio



Fonte: *Extra*¹¹¹

¹¹⁰ RENNAN da Penha fala de prisão, funk e filhos: ‘quero que tenham uma profissão digna’. *Extra*, 15 dez. 2019. Disponível em <https://extra.globo.com/famosos/rennan-da-penha-fala-de-prisao-funk-filhos-quero-que-tenham-uma-profissao-digna-24137179.html>. Acesso em 5 jan. 2022.

¹¹¹ APÓS sair da prisão, DJ Rennan da Penha anuncia data de gravação de DVD no Rio. *Extra*, 18 dez. 2019. Disponível em <https://extra.globo.com/tv-e-lazer/apos-sair-da-prisao-dj-rennan-da-penha-anuncia-data-de-gravacao-de-dvd-no-rio-24145843.html>. Acesso em 5 jan. 2022.

Na onda da internacionalização do ritmo com cantores como Kevin O Chris realizando parcerias com celebridades como Drake e Post Malone, Rennan da Penha mostrou-se animado ao jornal *O Globo*¹¹² e reconheceu que o funk está mais pop atualmente, porém afirma também que sua essência continua sendo da comunidade e que os maiores sucessos do ritmo saíram de lá. Ademais, é colocado na mesma matéria como “estrela do 150bpm”.

Em janeiro de 2020, com a gravação do DVD “Segue o Baile”, o DJ ganhou mais uma vez elogio e visibilidade nos portais: a matéria “Segue o Baile: Rennan da Penha lança primeiro DVD após prisão” da *Metrópoles*¹¹³ inicia seu texto caracterizando o DJ como “idealizador do Baile da Gaiola e produtor de hits de sucesso”. Em agosto do mesmo ano, Rennan inaugurou o seu escritório denominado Hitzada, em conjunto com os empresários Leonardo Gomes e Lucas Santos, para gerir sua própria carreira e revelar novos artistas ao mercado fonográfico. No fim do ano, lançou mais um hit, desta vez em parceria com Rafinha RSQ na produção e com participação de Luísa Sonza, Anitta e Pablo Vittar, “Modo Turbo” invadiu as rádios do país estreando em primeiro lugar do *Spotify* Brasil, sendo o primeiro passo do DJ para uma revitalização do funk carioca trazendo batidas do *afrobeat* e do *afrohouse*, ritmos que revelou ter conhecido dentro da prisão.

Figura 18 – Rennan da Penha anuncia lançamento do selo Hitzada



Fonte: *Uol*¹¹⁴

¹¹² OLIVEIRA, Lucas. Rennan da Penha lamenta repressão a bailes: 'O funk está mais pop, mas a essência dele é a comunidade'. *O Globo*, 12 dez. 2019. Disponível em <https://oglobo.globo.com/cultura/rennan-da-penha-lamenta-repressao-bailes-funk-esta-mais-pop-mas-essencia-dele-a-comunidade-24135757>. Acesso em 5 jan. 2022.

¹¹³ BARBOSA, Juliana. Segue o Baile: Rennan da Penha lança primeiro DVD após prisão. *Metrópoles*, 17 jul. 2020. Disponível em <https://www.metropoles.com/entretenimento/musica/segue-o-baile-rennan-da-penha-lanca-primeiro-dvd-apos-prisao>. Acesso em 5 jan. 2022.

¹¹⁴ LUVIZOTTO, Debora. Rennan da Penha anuncia lançamento do selo Hitzada e parceria com Lexa. *Uol*, 17 ago. 2020. Disponível em <https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2020/08/17/rennan-da-penha-lanca-selo-hitzada-e-anuncia-parceria-com-lexa.htm>. Acesso em 5 jan. 2022.

Em 2021, Rennan da Penha lançou mais uma música com a participação de Anitta, em 170bpm, com o mesmo objetivo de revolucionar o gênero, trazendo mais melodia, instrumentos novos e sem esquecer do “tempero da favela”, como comenta em entrevista ao jornal *O Globo*. O artista também declarou que considera sua prisão um ato de racismo: “na minha opinião, foi um ato de racismo mesmo. (...) Tem um monte de gente fazendo e soltando conteúdo com arma, a rapaziada do *trap* mesmo. Então o problema é o funk.”¹¹⁵

No mesmo ano, Rennan foi homenageado na Câmara Municipal do Rio de Janeiro com uma Moção de Louvor e Reconhecimento pelos serviços prestados à Juventude da sociedade junto com outros 11 jovens também homenageados. O artista foi indicado pela vereadora Tainá de Paula e o documento recebido ressalta a importância de ele popularizar a nova fase do funk carioca e conseguir reunir mais de 20 mil pessoas de diversas regiões da cidade em seus eventos. Ao ocupar ainda mais espaço na mídia, Rennan da Penha foi destaque na revista *Vogue* no mês da Consciência Negra e falou sobre os desafios enfrentados por artistas negros no cenário musical, principalmente por questões de oportunismo, desigualdade e falta de oportunidade, além de ressaltar sobre a importância de a comunidade negra ocupar lugares de destaque na sociedade:

Acredito que é da natureza humana lutar. Fomos programados para persistir e fazer de tudo para não desistir. Acredito que essa característica se eleva à máxima potência quando falamos do povo negro. Está no nosso sangue, pois a adversidade vem tatuada no DNA de nossa história assim que nascemos. Quando um vence, todos vencemos, nossos ancestrais se orgulham e a história tem pelo menos uma pequena reparação. Queremos vencer e nos reconhecer nas posições mais altas do pódio. Assim mudaremos nosso legado para não apenas uma história de luta, mas de vitória!¹¹⁶
(RENNAN DA PENHA, 2021)

¹¹⁵ OLIVEIRA, Lucas. Rennan da Penha lança música com Anitta, diz que quer voltar aos bailes e chama Dennis DJ de 'covarde'. *O Globo*, 15 jul. 2021. Disponível em <https://oglobo.globo.com/cultura/musica/rennan-da-penha-lanca-musica-com-anitta-diz-que-quer-voltar-aos-bailes-chama-dennis-dj-de-covarde-25110444>. Acesso em 5 jan. 2022

¹¹⁶ Rennan da Penha para CHURCHILL (2021).

Figura 19 – Rennan da Penha para a *Vogue*



Foto: Felipe Braga/Hitzada

Vale ressaltar ainda a capacidade de resiliência da cultura negra carioca, consoante a Herschmann (2021), por sua disposição para continuar a realizar eventos, persistindo de forma tática e submersa a se adaptar à condição de clandestinidade, como foi o caso de Rennan que encontrou uma maneira de resistir à supressão do Estado ao criar o Baile das Estrelas, na mesma rua do antigo Baile da Gaiola, proibido pelas autoridades, conforme citado anteriormente.

Com outros diversos *hits* de lá para cá, em parceria com grandes nomes como Pablio Vittar, Rennan da Penha seguiu o baile e consagrou-se como o DJ que revolucionou e trouxe novamente o fôlego do funk carioca, representando a luta de milhares de jovens negros de comunidades que são desafiados diariamente a provarem seus potenciais para não serem associados ao crime e, muito menos, virarem estatísticas da violência na cidade.

7.2 A revolução do Beijinho no Ombro de Valesca Popozuda

Após o ano de 2011, com a participação da artista na quarta edição do *reality show* “A Fazenda”, Valesca passou por uma grande transformação em sua imagem ao surpreender a todos por não ter se envolvido em nenhuma briga, ser simpática e muito generosa, quebrando o estigma imposto nas funkeiras. Uma notícia divulgada no site *EGO* após a participação dela no *reality*, intitulada “Para Valesca, mudar fama de vulgar vale mais do que R\$ 2 milhões”, conta a revelação da cantora sobre a oportunidade que teve de romper com a antiga reputação: “por causa do funk, muitas pessoas me viam como barraqueira, vulgar. Essas pessoas tiveram

a oportunidade de saber quem é a Valesca de verdade. Conheceram meu lado mãe, meu lado filha. Isso vale mais do que 2 milhões de reais”. Essa “limpeza de imagem” fez ela passar por diversas transformações, tanto estéticas quanto comportamentais, que agradaram mais a parcela da sociedade que estereotipa as funkeiras como barraqueiras, uma vez que Valesca passou a buscar mais o gênero pop em vez do funk e teve seu estilo moldado de forma bem diferente do que era quando iniciou sua carreira, com roupas menos coladas e consideradas mais comportadas.

Figura 20 – Manchete no portal *EGO* sobre mudanças estéticas de Valesca

Para Valesca, mudar fama de vulgar vale mais do que R\$ 2 milhões

Funkeira participou da gravação dos clipes de carnaval da TV Globo, nesta quarta-feira, 19, em São Paulo.

Fonte: *EGO*¹¹⁷

Toda essa mudança de Valesca está atrelada a um processo de elitização e embranquecimento da artista. O site *Mídia Ninja* (Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação), rede reconhecida por ser uma alternativa à imprensa tradicional, analisa a realidade do funk no cenário brasileiro no contexto de embranquecimento cultural, no texto de Ágata Pauer (2021). Nele, a autora ressalta que a estética de um corpo branco reproduzindo a mesma coreografia de uma cultura empretecida se faz mais consumível do que a de um preto, com a classe dominante em contraponto a classe dominada utilizando de seu poder para se favorecer e negar de onde vem tal conteúdo – dos bailes de favela. Pauer (2021) ainda aponta que é provocada, para além desse contexto, uma higienização que decorre desde os empresários até os consumidores brancos e burgueses. Kamilla Fialho, que empresariou Valesca na sua fase de mudança, comenta que a artista mudou o corte de cabelo e o jeito de se vestir, mas que ainda precisava transformar-se de dentro para fora, com necessidade de terapia, por exemplo, visto que ela foi uma mulher que passou a vida inteira representando um símbolo e um objeto, posições estas que ela mesmo se colocou e, por isso, era muito respeitada. A empresária ainda

¹¹⁷ GALLO, Odara. Para Valesca, mudar fama de vulgar vale mais do que R\$2 milhões. *EGO*, 19 out. 2011. Disponível em <http://ego.globo.com/famosos/noticia/2011/10/para-valesca-mudar-fama-de-vulgar-vale-mais-do-que-r-2-milhoes.html>. Acesso em 12 jan. 2022.

afirma que, da noite para o dia, Valesca transformou-se numa “uma mulher classuda, vestindo grifes, com cabelo alinhadíssimo e estando no Serginho Groisman discutindo política”¹¹⁸.

No mesmo contexto de Anitta surgindo no cenário musical como uma nova “diva pop”, o afastamento da identidade de Valesca e outras ex-MCs na cultura do funk foi perceptível. Em prol de uma imagem mais enriquecida e elitizada, que condiz com os valores morais da sociedade que julga o funk como vulgar, Valesca em sua carreira solo buscou por um cabelo sem apliques, vestimentas mais longas e passou a lançar músicas com teor menos erótico. Como marco dessa nova Valesca Popozuda, a cantora lançou a música “Beijinho no Ombro”¹¹⁹ em 2013, com um videoclipe superproduzido que lhe rendeu um dos maiores destaques de sua carreira e atualmente possui mais de 107 milhões de visualizações no *YouTube*. O *EGO* divulgou que a cantora gastou quase meio milhão de reais para a produção do clipe, gravado no Castelo de Itaipava na Região Serrana do Rio de Janeiro, que foi inspirado na nobreza medieval e que a intenção do figurino utilizado pela artista era para transmitir “força” e “disposição”.

Figura 21 - Novo clipe de Valesca Popozuda custou quase meio milhão de reais



Fonte: Pardal Produções/*EGO*¹²⁰

O gesto de beijar o ombro e a música viraram referência nacional e Valesca estrelou diversas campanhas publicitárias, como a “Beijinho no ombro e camisinha no bolso” promovida

¹¹⁸ Kamilla Fialho | Empresária K2L | Podcast de Música. Entrevistada: Kamilla Fialho. Entrevistador: Clemente Magalhães. [S. l.]: Corredor 5, 7 jun. 2021. Podcast. Disponível em: https://youtu.be/_34TS18WiIc. Acesso em: 4 jan. 2022.

¹¹⁹ VALESKA POPOZUDA. Beijinho no Ombro. Rio de Janeiro: Pardal Records: 2013. Disponível em <https://youtu.be/73sbW7giBeo>. Acesso em 12 jan. 2022.

¹²⁰ NOVO clipe de Valesca Popozuda custou quase meio milhão de reais. *EGO*, 28 dez. 2013. Disponível em <http://ego.globo.com/famosos/noticia/2013/12/novo-clipe-de-valesca-popozuda-custou-quase-meio-milhao-de-reais.html>. Acesso em 12 jan. 2022.

pela Secretaria Municipal de Saúde de Rio de Janeiro para conscientização sobre o uso de preservativos durante o carnaval.

Figura 22 - Beijinho No Ombro & Rala Preconceito



Fonte: CEDS Rio¹²¹

Além disso, a cantora também foi convidada para uma propaganda dos supermercados Mundial na campanha “Beijinho no Ombro”, em comemoração aos 71 anos da rede, em que ela faz uma paródia da letra da música para divulgar as ofertas e qualidades do Mundial. No vídeo, Valesca aparece em um cenário semelhante ao de seu videoclipe, utiliza um vestido colado, mas não muito decotado nem curto, faz a coreografia da música e encerra com o gesto marcante.

Figura 23 - Supermercados Mundial - Aniversário 2014 - Campanha Beijinho no Ombro



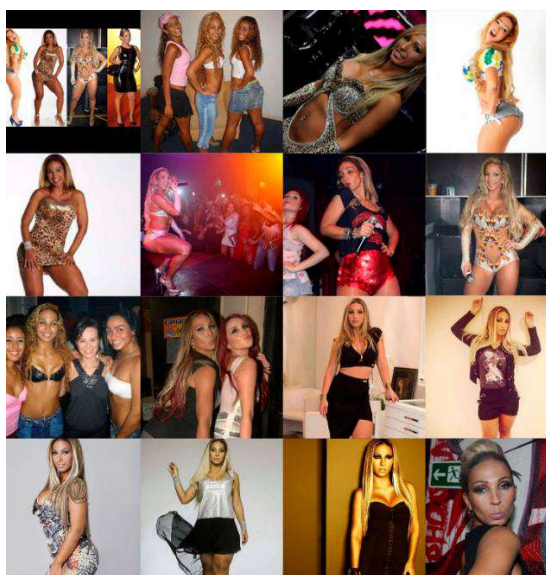
Fonte: 3AW Brasil¹²²

¹²¹ BEIJINHO no ombro e rala preconceito (Official Video). Rio de Janeiro: canal CEDS Rio, 2014. 1 vídeo (45 seg). Disponível em <https://youtu.be/vxPMDmnDA1Y>. Acesso em 12 jan. 2022.

¹²² SUPERMERCADOS Mundial – Aniversário 2014 – Campanha Beijinho no Ombro. Rio de Janeiro: canal 3AW Brasil. 1 vídeo (1 min). Disponível em https://youtu.be/7JBBR_4JukI. Acesso em 12 jan. 2022.

No mesmo ano, uma notícia intitulada “Cadê a Valesca Popozuda que estava aqui? Funkeira está cada vez menos periguete” foi publicada no portal *R7* com imagens que ilustram o início da carreira de Valesca, ainda em sua fase “piriguete”, como o texto coloca, até a fase da mudança, destacando que a artista sofreu uma “evolução” em sua carreira, como se sua fase mais ousada fosse menos digna. De acordo com Corrêa, Lana e Rosa (2012), o termo “piriguete” pode ser definido como a mulher que apresenta certo perigo para a sociedade, por ameaçar valores morais e condutas sexuais fora de um relacionamento estável ou socialmente aceito. A análise das autoras observa que o termo é usado pejorativamente para descrever o caso de uma mulher chamada Melissa, que foi inscrita pelo próprio namorado no programa *Esquadrão da Moda*, do *SBT*, por vestir roupas justas, curtas e decotadas consideradas vulgares por ele, de modo semelhante ao que o *R7* utilizou para caracterizar Valesca na época da Gaiola das Popozudas. Nessa perspectiva, é interessante observar que o termo apenas se refere às mulheres e não há uma palavra com a mesma conotação que corresponda ao comportamento sexual heterossexual masculino ou à maneira de se vestir do homem, uma vez que ter relações com muitas mulheres ou chamar a atenção delas é algo valorizado socialmente (CORRÊA; LANA; ROSA, 2012).

Figura 24 – Cadê a Valesca Popozuda que estava aqui? Funkeira está cada vez menos periguete



Fonte: Compilado da autora/*R7*¹²³

¹²³ Fotos retiradas da matéria “Cadê a Valesca Popozuda que estava aqui? Funkeira está cada vez menos periguete.” *R7*, 7 abr. 2014. Disponível em <https://entretenimento.r7.com/musica/fotos/cade-a-valesca-popozuda-que-estava-aqui-funkeira-esta-cada-vez-menos-periguete-06102019>. Acesso em 12 jan. 2022.

A primeira foto da matéria é um compilado de quatro imagens que mostram a cantora de shorts curtos e roupas coladas até a última imagem, que é ela com um vestido quase na altura do joelho e cabelos presos. A legenda da segunda foto, em que a artista posa com as primeiras integrantes da Gaiola das Popozudas, aponta para a transformação em seu corpo antes da fama: “quase nem dá para reconhecer Valesca com esse corpo magrinho, o cabelo enrolado e o bumbum, ou melhor, a falta de bumbum, assim que assumiu o lado funkeira”. Já a legenda da terceira imagem caracteriza o visual da cantora: “roupas sexies, silicones nos seios e, principalmente, no bumbum fizeram da loira famosa no mundo do pancadão” e as demais legendas até a sexta foto possuem com comentários do mesmo tipo seguindo uma linha do tempo.

Na sétima foto, nota-se uma observação na mudança de postura e figurino de Valesca Popozuda, com destaque para a frase “entre o ousado e chique” colocada no texto para resumir o início da mudança no estilo da cantora, que passou a usar elementos da moda e “dosar ao máximo sua ousadia”. A legenda da oitava foto afirma que “Valesca está menos perigete até mesmo nos shows” ao contratar um *personal stylist* para ajudá-la a deixar a extravagância de lado. As demais imagens também evidenciam que as amigas da artista mudaram: na época do início de sua carreira “era cercada pelas amigas popozudas do funk e alguns famosos” e, com a mudança, “agora Valesca tem amigas internacionais”. Pelas fotos, é notório que as antigas amigas destacadas pela matéria são em sua maioria negras e, as novas, com quem Valesca posa em fotos, como Gisele Bündchen e Dulce María, citadas na legenda, são brancas. Ademais, ao seguir uma linha do tempo “evolutiva” durante toda a matéria, o texto apresenta implicitamente que as amigas de antes não eram tão palatáveis como as atuais. Já na legenda da foto 12 é apontado que “a fase de poses mais apelativas está fora da seleção atual da loira” em comparação com as antigas fotos que tinham posições mais sensuais e roupas ousadas. Nas fotos seguintes, as legendas indicam que apesar de Valesca estar mais elegante, não deixará de cantar funk proibidão, mas sim que pretende abrir o leque para outros estilos e públicos, como ela revelou. Por fim, o texto encerra demonstrando que a cantora está irreconhecível, mas somente até o funk proibidão começar a tocar: “se colocar uma Valesca do lado da outra, em nada elas se parecem. Isso até começar o pancadão pornográfico que só Valescão sabe fazer. Até por isso, Mister Catra apelidou a loira de rainha do funk”.¹²⁴

¹²⁴ CADÊ a Valesca Popozuda que estava aqui? Funkeira está cada vez menos perigete. **R7**, 7 abr. 2014. Disponível em <https://entretenimento.r7.com/musica/fotos/cade-a-valesca-popozuda-que-estava-aqui-funkeira-esta-cada-vez-menos-perigete-06102019>. Acesso em 12 jan. 2022.

Em 2014, a cantora lançou mais um clipe de destaque: dessa vez foi o da música “Eu sou a diva que você quer copiar”¹²⁵, que atualmente conta com mais de 16 milhões de visualizações. A música, com ritmo mais pop e alguns elementos de funk, fez Valesca Popozuda tornar-se embaixadora da marca de produtos de limpeza “Veja”, lançando uma nova versão da música para comemorar os 45 anos de Veja com direito a clipe especial para a campanha “Toda faxina é uma festa”¹²⁶, ocupando, dessa forma, cada vez mais espaço não só na mídia tradicional, mas também na publicidade.

Figura 25 – Campanha Toda faxina é uma festa – Veja 2014



Fonte: *Blog Pausa Dramática*¹²⁷

Em dezembro de 2014, apesar de Valesca ter se declarado funkeira inúmeras vezes, o portal de música da *Uol* a elegeu como a diva pop daquele ano, na matéria “Feminista e mais “bem-vestida”, Valesca Popozuda foi a diva pop de 2014” escrita por Tiago Dias. O texto aponta uma Valesca vitoriosa e coloca suas conquistas como “o topo do Everest para a então menina do bairro do Irajá”. O último parágrafo da notícia, antes de apresentar a declaração da artista de que não sente mais preconceito na rua, mas que já sofreu por ser favelada e pobre, salienta que agora ela está no “posto de destaque do pop”, demonstrando implicitamente que os ataques surgiam quando ela ainda era apenas do funk, o que não deixa de ser uma verdade.

¹²⁵ VALESKA POPOZUDA. Eu sou a diva que você quer copiar. Rio de Janeiro: K2L e Pardal Produções: 2014. Disponível em <https://youtu.be/ZomN7cC7Sko>. Acesso em 13 jan. 2022.

¹²⁶ VALESKA Popozuda – Eu sou a diva que você quer copiar (Versão Veja). [S. l.], 2014. 1 vídeo (2 min). Publicado pelo canal Fábio Borges. Disponível em <https://youtu.be/f8rCcWMWhYA>. Acesso em 13 jan. 2022.

¹²⁷ TEIXEIRA, Renato. Valesca Popozuda lança clipe com patrocínio dos produtos Veja. *Pausa Dramática*, 18 ago. 2014. Disponível em <https://pausadramatica.com.br/2014/08/18/valesca-popozuda-lanca-clipe-com-patrocínio-dos-produtos-veja/>. Acesso em 13 jan. 2022.

Figura 26 – Manchete sobre Valesca Popozuda eleita a diva pop de 2014

Feminista e mais "bem vestida", Valesca Popozuda foi a diva pop de 2014



Fonte: *Uol*¹²⁸

Em mais uma campanha publicitária, em junho de 2015, Valesca anunciou que estaria presente com o elenco da série original da Netflix “Orange Is The New Black”, de sucesso mundial, na Parada LGBTQIA+ de São Paulo naquele ano. Para promover a ação, a artista participou de um vídeo promocional que faz uma paródia da música “Minha pussy é o poder” adaptando para “Minha Poussey é o poder”, fazendo um trocadilho entre a palavra “pussy” e “Poussey”, nome de uma das personagens da série.

Figura 27 – Valesca Popozuda - Minha Poussey é o Poder



Fonte: Netflix/YouTube¹²⁹

¹²⁸ DIAS, Tiago. Feminista e mais ‘bem vestida’, Valesca Popozuda foi a diva pop de 2014. *Uol*, 22 dez. 2014. Disponível em <https://musica.uol.com.br/noticias/redacao/2014/12/22/feminista-e-mais-bem-vestida-valesca-popozuda-foi-o-icone-pop-de-2014.htm?foto=1>. Acesso em 13 jan. 2022.

¹²⁹ VALESKA Popozuda – Minha Poussey é o poder [Clipe Oficial]. [S. l.], 2015. 1 vídeo (1 min). Publicado pelo canal Netflix Brasil. Disponível em <https://youtu.be/dLYRjWljjuo>. Acesso em 13 jan. 2022.

No mesmo ano, em entrevista para a coluna *Cultura e Lazer*, do site *GZH*¹³⁰, Valesca declarou que acredita que atualmente tudo é pop e faz música para todos os tipos de públicos, e que sua mudança no visual e nas letras de músicas foi um reflexo do mercado: “hoje, com a facilitação da internet, os proibições perderam audiência”, afirma. Quando questionada sobre a glamourização do funk, a estrela diz que fica muito feliz em ver a popularização do estilo musical e completa “pra mim, música é interação, então, quanto mais próxima do público estiver, melhor. É democracia!”.

Apesar de procurar abrir o leque para as suas músicas e aproximar-se mais do pop, a cantora sempre afirmou que nunca deixou de ser uma artista do funk. Em fevereiro de 2019, num cenário em que o funk 150bpm estava em seu auge no Rio de Janeiro e o Baile da Gaiola já havia se popularizado, Valesca voltou às origens e lançou o EP “De volta para a Gaiola”¹³¹, com letras de funk eróticas e ousadas. Ainda mais presente na televisão, em 2021, Valesca Popozuda também aceitou o desafio de participar do *reality show* “A Ilha”, da *TV Record*, com outros diversos artistas.

Desde sua chegada na carreira solo, Valesca continuou sendo consagrada a “rainha do funk” e lança músicas híbridas, tanto com funk, tanto com pop, em parcerias com artistas como Rebecca e Heavy Baile, além de sempre evidenciar seu posicionamento político e agradecer o carinho do público durante toda sua carreira. Torna-se evidente, portanto, que apesar de todas as problemáticas discutidas acerca da elitização cultural sofrida por Valesca, é inegável que a glamourização e sua busca por amadurecimento fizeram com que a carreira da artista impulsionasse, uma vez que “as mudanças são reflexo do mercado”, como ela já disse, que procura sempre adequar uma cultura aos gostos da elite, mesmo sendo ela marginalizada como o funk.

7.3 Ludmilla dá “Hello” para o mundo e segue sua carreira numa “Nice”

Após o lançamento dos álbuns “Hoje” (2014) e “A Danada Sou Eu” (2016), Ludmilla já estava totalmente inserida no cenário musical do pop nacional. Apesar de sua carreira ser marcada por diversas polêmicas e ataques racistas, a cantora já era figurinha carimbada em diversos programas de televisão e premiações.

¹³⁰ SCALEI, Vanessa. Valesca Popozuda: ‘Fico muito feliz em ver a popularização do funk’. *GZH*, *Cultura e Lazer*, 2 out. 2015. Disponível em <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/noticia/2015/10/valesca-popozuda-fico-muito-feliz-em-ver-a-popularizacao-do-funk-4861511.html>. Acesso em 13 jan. 2022.

¹³¹ VALESCA POPOZUDA. De volta para a Gaiola. Rio de Janeiro: [S.l.], 2019. 1 EP (10min). Disponível https://open.spotify.com/album/1cNjXqmFY6ASskQ3h3Ue1O?si=3drp_Co1QGi8ckcPc8CxTg. Acesso em 13 jan. 2022.

Em 2017, para o pré-lançamento de uma campanha de produtos capilares da Salon Line, Ludmilla passou a assumir o seu cabelo natural, após passar por alisamentos desde pequena e utilizar apliques durante sua carreira. Em um vídeo para a campanha, publicado em 25 de abril de 2017, a artista aparece com um aplique de cabelos cacheados cantando uma música intitulada “Festa das Cacheadas”¹³² a favor do discurso de celebração do cabelo natural e de incentivo para assumir os cachos, em que um dos trechos é “Mila na ação, não tenho medo não, eu vou mostrar meus cachos, eu vou para a transição. Assumo quem eu sou, assumo meu black, agora eu tô de cachos, I’ll never go back (eu nunca vou voltar)”.

Figura 28 - Ludmilla - Festa das Cacheadas #todecacho



Fonte: KondZilla/YouTube¹³³

Para o Dia das Mães do mesmo ano, Ludmilla estrelou mais uma propaganda. A cantora foi a porta-voz da Riachuelo na campanha publicitária “Dia das Mães da Riachuelo”, que teve como principal peça para o digital um clipe da música “Sou Eu” adaptada para o vídeo. Nele, a artista aparece de cabelos trançados, ainda sem revelar como está o seu cabelo durante a transição capilar. Assim como a campanha da Salon Line, com a Riachuelo a cantora utilizou novamente um dos seus hits de forma brilhante para enaltecer todos os tipos de mãe, objetivo da ação.

¹³² LUDMILLA. Festa das Cacheadas. São Paulo: Kondzilla: 2017. Disponível em <https://youtu.be/mX-Lxf7pisA>. Acesso em 15 jan. 2022.

¹³³ Ibidem.

Figura 29 - Dia das Mães Riachuelo com Ludmilla - Riachuelo



Fonte: Lojas Riachuelo/YouTube¹³⁴

Em 2017, a matéria “Full lace: a peruca que permite que Ludmilla seja quem ela quiser” publicada pelo *R7* descreve a artista como “uma “camaleoa” quando o assunto é madeixas” ao noticiar que a cantora compareceu no evento da Beauty Fair com uma *full lace* azul.

Figura 30 – Full lace: a peruca que permite que Ludmilla seja quem ela quiser



Fonte: *R7*¹³⁵

¹³⁴ DIA DAS mães Riachuelo com Ludmilla – Clipe completo. [S. l.], 2017. 1 vídeo (1 min). Publicado pelo canal Riachuelo. Disponível em <https://youtu.be/5WPMSQ5q2FM>. Acesso em 15 jan. 2022.

¹³⁵ TEGA, Isadora. Full lace: a peruca que permite que Ludmilla seja quem ela quiser. *R7*, 14 set. 2017. Disponível em <https://lifestyle.r7.com/beleza/full-lace-a-peruca-que-permite-que-ludmilla-seja-quem-ela-quiser-22082019>. Acesso em 15 jan. 2022.

Em 1º de dezembro do mesmo ano, mais uma ação da Salon Line foi lançada: um vídeo em que a artista aparece com os cabelos naturais após passar meses durante sua transição, assumindo seus cachos para o mundo.

Figura 31 - Ludmilla: cabelo natural com #todecacho



Fonte: todecacho/YouTube¹³⁶

Na mídia, Ludmilla já era destaque por mostrar prévias de como seu cabelo natural estava ficando após passar pela transição: a estrela foi capa da edição de dezembro de 2017 da revista *Cosmopolitan* e em entrevista desabafou que alisava seu cabelo desde os 7 anos por conta do preconceito sofrido na escola particular em que estudava, em que ela disse que se sentia diferente e complementou “as pessoas tinham preconceito comigo. Foi quando eu comecei a perturbar a minha mãe para fazer progressiva”¹³⁷.

Figura 32 – Ludmila grava *single* e estampa capa de revista com o cabelo 100% natural



Fonte: *Popline*¹³⁸

¹³⁶ LUDMILLA: cabelo natural com #todecacho. [S. l.], 2017. 1 vídeo (35 seg). Publicado pelo canal todecacho. Disponível em <https://youtu.be/d9cSg1OyacQ>. Acesso em 15 jan. 2022.

¹³⁷ ROMBINO, Anna. Ludmilla mostra seu cabelo natural pela primeira vez. *Estadão*, 24 dez. 2017. Disponível em <https://emails.estadao.com.br/noticias/moda-e-beleza,ludmilla-mostra-seu-cabelo-natural-pela-primeira-vez,70002096081>. Acesso em 15 jan. 2022.

¹³⁸ FARIA, Amanda. Ludmila grava novo single e estampa capa de revista com o cabelo 100% natural. *Popline*, 1 dez. 2017. Disponível em <https://portalpopline.com.br/ludmila-grava-novo-single-e-estampa-capa-de-revista-com-o-cabelo-100-natural/>. Acesso em 15 jan. 2022.

O racismo sofrido por Ludmilla desde sua infância deixa evidente que o cabelo do negro na sociedade brasileira é uma das principais expressões do conflito racial no país, demonstrado quando entendemos que o cabelo do negro é visto como “ruim” e o do branco como “bom” e, como consequência disso, surge a tentativa do negro de sair desse lugar de inferioridade por meio da mudança de cabelo (GOMES, 2019), com intervenções como o alisamento, por exemplo. Para bell hooks (2005), o alisamento ainda é um assunto sério e era “claramente um processo no qual as mulheres negras estavam mudando a sua aparência para imitar a aparência dos brancos [...] relacionada com um desejo de triunfar no mundo branco”. Nesse contexto, é importante refletir como a publicidade e os veículos midiáticos ajudam a impulsionar as discussões sobre os padrões estéticos, trazendo principalmente a questão da representatividade para aqueles que passaram por toda a sua infância acreditando que o cabelo crespo não é um cabelo digno através de violências simbólicas do racismo.

Dessa forma, consoante a Arantes e Theodoro (2020), observa-se que as mídias não são homogêneas, elas possuem um caráter descontínuo e contraditório, pois ao mesmo tempo que propagam e realizam a manutenção desses padrões hegemônicos, elas possibilitam também brechas para a resistência, emergindo portanto as lutas pelo reconhecimento da diferença. De acordo com Hall (2003), dentro da cultura popular negra, a marginalidade nunca foi tão produtiva como atualmente, e isso se dá não somente por essas rupturas midiáticas supracitadas, mas principalmente pelo resultado das lutas em torno da diferença. A resistência e a luta, portanto, produzem novas identidades e a aparição de sujeitos que passam a ocupar um espaço privilegiado na mídia hegemônica e ajudam a levantar pautas minoritárias que antes eram invisibilizadas, como foi o caso da campanha que mostrou a transição capilar de Ludmilla, um assunto que era tão íntimo para a artista, mas que inspirou na época outras diversas mulheres a assumirem a forma natural de seus cabelos.

O sucesso e o estabelecimento da cantora como uma artista *mainstream* lhe renderam outras conquistas e ainda mais espaço nos cadernos culturais. Também em 2017, Ludmilla tornou-se embaixadora da marca esportiva Puma e foi escolhida com o objetivo de fazer o público se inspirar em sua história de vida vitoriosa, motivando a confiança nas mulheres a serem protagonistas de suas próprias vidas. Em 2018, Ludmilla estreou no carnaval de rua com o primeiro desfile do seu bloco “Fervo da Lud”, com um público de 630 mil pessoas. Por arrastar multidões, a cantora foi destaque na televisão com cobertura do bloco realizada por diversas emissoras como a *Globo*.

Figura 33 - Ludmilla estreia o bloco Fervo da Lud, no Centro do Rio



Fonte: Marcelo Regua/Agência *O Globo*¹³⁹

Mesmo sem lançar um álbum, a artista foi destaque no ano por lançar cinco músicas que se tornaram hits: “Din din din”¹⁴⁰, “Solta a batida”¹⁴¹, “Não encosta”¹⁴², “Jogando sujo”¹⁴³ e “Clichê”¹⁴⁴, que foi tema do casal protagonista da novela “O sétimo guardião”, da *Globo*. As músicas “Din din din” e “Não encosta” já anunciavam um resgate da cantora ao funk carioca, com elementos do funk 150bpm que estava começando a ficar em alta na cidade na época. Esta última foi lançada com o nome “Não encosta no meu baseado” informalmente no canal do *Youtube* do DJ Rennan da Penha e, ao viralizar, ganhou a versão *light* (sem palavrões e associação à droga) para ser tocada nas rádios de todo o país. Todo esse sucesso foi ainda sem contar com as suas composições de funk proibidão que foram vendidas ou doadas para novos MCs, como MC Rebecca, que estourou com a letra de Ludmilla em “Cai de Boca”¹⁴⁵ e MC Mazzoni com “Vem amor, bate e não para”¹⁴⁶.

¹³⁹ SANTOS, Ana Carolina. Ludmilla estreia o bloco Fervo da Lud, no Centro do Rio. *O Globo*, 13 fev. 2018. Disponível em <https://oglobo.globo.com/rio/ludmilla-estrela-bloco-fervo-da-lud-no-centro-do-rio-22393675>. Acesso em 15 jan. 2022.

¹⁴⁰ LUDMILLA. Din Din Din. Rio de Janeiro: Warner Music Brasil: 2018. Disponível em <https://youtu.be/FrJlBHIxsl>. Acesso em 15 jan. 2022.

¹⁴¹ LUDMILLA. Solta a Batida. Rio de Janeiro: Warner Music Brasil: 2018. Disponível em <https://youtu.be/MTIfex2L0zE>. Acesso em 15 jan. 2022.

¹⁴² LUDMILLA. Não Encosta. Rio de Janeiro: Warner Music Brasil: 2018. Disponível em <https://youtu.be/e-AoPTU6UfI>. Acesso em 15 jan. 2022

¹⁴³ LUDMILLA. Jogando Sujo. Rio de Janeiro: Warner Music Brasil: 2018. Disponível em https://youtu.be/Jb5oD_tfnOI. Acesso em 15 jan. 2022

¹⁴⁴ LUDMILLA. Clichê. Rio de Janeiro: Warner Music Brasil: 2018. Disponível em <https://youtu.be/nS2Jya20yOs>. Acesso em 15 jan. 2022

¹⁴⁵ MC REBECCA. Cai de Boca. Rio de Janeiro: Gravadora Independente: 2018. Disponível em https://youtu.be/ccuxsje2b_E. Acesso em 15 jan. 2022.

¹⁴⁶ MC MAZZONI. Vem amor, bate e não para. Rio de Janeiro: Warner Music Brasil: 2018. Disponível em <https://youtu.be/IlgPjbrmu-o>. Acesso em 15 jan. 2022.

Em razão da vontade da cantora de ainda trabalhar muito com o funk, ela fundou junto do seu empresário um escritório de gerenciamento artístico denominado “Sem Querir Produções” para conseguir lançar suas composições de funk através de outros artistas além de poder também os ajudar com suas carreiras, uma vez que sua condição de cantora pop não a deixava ter tantas oportunidades de cantar funk. “Eu tenho muita música de funk que eu faço e não consigo lançar. Eu precisava achar uma pessoa pra ser essa parte de mim que eu não consigo mais ser e colocar essas músicas para pista, porque as pessoas precisam ouvir”¹⁴⁷, revela Ludmilla ao *Popline*.

Em 2019, Ludmilla lançou o DVD “Hello, mundo”¹⁴⁸, o primeiro álbum ao vivo da cantora, gravado na Jeunesse Arena, no Rio de Janeiro. A produção conta com 24 faixas, sendo algumas delas inéditas e lançadas posteriormente em versão estúdio, como a música “Onda Diferente”¹⁴⁹, em parceria com Anitta, Snoop Dog e Papatinho, que lhe rendeu o prêmio de Cantora do Ano e Música Chiclete no Prêmio Multishow 2019. No entanto, apesar do estrelato, a artista foi vaiada ao receber o prêmio de Música Chiclete com insultos racistas, supostamente pelos fãs de Anitta, devido ao desentendimento das duas cantoras pela autoria de “Onda Diferente”. Isso evidencia que, ainda que estejam em lugares de privilégio, artistas negros não estão e nunca estiveram isentos de sofrer racismo, mesmo que estejam no auge da glamourização de suas vidas, pois o racismo não distingue negros ricos de pobre, ele é estrutural. Conforme Silvio de Almeida elenca em sua obra *Racismo Estrutural* (2019):

Ainda que essencial, a mera presença de pessoas negras e outras minorias em espaços de poder e decisão não significa que a instituição deixará de atuar de forma racista. (...) O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção. O racismo é parte de um processo social que ocorre “pelas costas dos indivíduos e lhes parece legado pela tradição”. Nesse caso, além de medidas que coíbam o racismo individual e institucionalmente, torna-se imperativo refletir sobre mudanças profundas nas relações sociais, políticas e econômicas. (ALMEIDA, 2019, p. 49)

¹⁴⁷ ESCRITÓRIO de gerenciamento artístico da Ludmilla já tem três artistas: “Empreguei os meus amigos!”. *Popline*, 5 dez. 2018. Disponível em <https://portalpopline.com.br/escritorio-de-gerenciamento-artistico-da-ludmilla-ja-tem-tres-artistas-empreguei-os-meus-amigos/>. Acesso em 16 jan. 2022.

¹⁴⁸ LUDMILLA. *Hello Mundo*. Rio de Janeiro: Warner Music Brasil: 2019. 1 DVD (90min). Disponível em https://youtube.com/playlist?list=PLj6s80N1H0IQam3CNnTEV_6QUbrPIfxek. Acesso em 16 jan. 2022.

¹⁴⁹ LUDMILLA; ANITTA; SNOOP DOGG. *Onda Diferente*. Brasil: Warner Music Brasil: 2019. Disponível em <https://youtu.be/syL7R25GOWk>. Acesso em 16 jan. 2022.

Figura 34 - Prêmio Multishow: Ludmilla ganha como 'cantora do ano' e é vaiada ao receber prêmio por 'Onda Diferente'



Fonte: *G1*¹⁵⁰

Em abril de 2020, Ludmilla se insere no mundo do pagode com o lançamento do seu EP “Numanice”¹⁵¹ com 6 faixas inéditas, que alcançou quase 1 milhão de plays iniciais, totalizando 818 mil reproduções no dia da estreia¹⁵². Leo Dias, em sua coluna no *Metrópoles*, escreve “em novo projeto, cantora invade universo dominado pelos homens e mostra que seu talento está nos mais diversos estilos”¹⁵³. Em novembro do mesmo ano, após vencer mais uma edição do Prêmio Multishow, Ludmilla consagrou-se a rainha da favela ao lançar o clipe da música com participação de pioneiras do funk carioca como MC Carol, Tati Quebra Barraco, MC Katia e Valesca Popozuda. Em fevereiro de 2021, segundo o site *Mundo Negro*¹⁵⁴, a versão ao vivo do *Numanice* já tinha alcançado 25 milhões de *streams* e atualmente conta com mais de 80 milhões de *plays* somente no *Spotify*.

¹⁵⁰ PRÊMIO Multishow: Ludmilla ganha como 'cantora do ano' e é vaiada ao receber prêmio por 'Onda Diferente'. *G1*, 30 out. 2019. Disponível em <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/2019/10/30/premio-multishow-ludmilla-ganha-como-cantora-do-ano-e-e-vaiada-ao-receber-premio-por-onda-diferente.ghtml>. Acesso em 16 jan. 2022.

¹⁵¹ LUDMILLA. *Numanice*. Rio de Janeiro: Warner Music Brasil: 2020. 1 EP (18min). Disponível em https://youtube.com/playlist?list=OLAK5uy_nvBHXesOgPH7Qgwus6j8beB-8hVfp9HMs. Acesso em 16 jan. 2022.

¹⁵² CONFIRA debute de “Numanice” no Spotify, o EP de pagode da Ludmilla. *Portal Famosos*, 26 abr. 2020. Disponível em <https://portalfamosos.com.br/confira-debute-de-numanice-no-spotify-o-ep-de-pagode-da-ludmilla/>. Acesso em 16 jan. 2022.

¹⁵³ DIAS, Leo. Ludmilla grava DVD de pagode e diz: “Falta voz feminina em todas as áreas”. *Metrópoles*, 25 nov. 2020. Disponível em <https://www.metropoles.com/colunas/leo-dias/ludmilla-grava-dvd-de-pagode-e-diz-falta-voz-feminina-em-todas-as-areas>. Acesso em 16 jan. 2022.

¹⁵⁴ NASCIMENTO, Rakeche. Ludmilla bate 25 milhões de streams com seu novo álbum de pagode “Numanice”. *Mundo Negro*, 2 fev. 2021. Disponível em <https://mundonegro.inf.br/ludmilla-bate-25-milhoes-de-streams-com-seu-novo-album-de-pagode-numanice/>. Acesso em 16 jan. 2022.

Figura 35 - Após vencer Prêmio Multishow, Ludmilla lança ‘Rainha da favela’



Fonte: Rodolfo Magalhães/*Correio Braziliense*¹⁵⁵

Na mídia, seus feitos são celebrados: a coluna *GZH Música* divulga “Ludmilla se torna a segunda brasileira com mais ouvintes em plataforma de *streaming*”¹⁵⁶ na matéria publicada em 23 de março de 2021, revelando que a cantora ficou atrás apenas de Anitta. Já a *Folha de S. Paulo* publicou no mesmo mês a matéria “Pagode de Ludmilla não é obra-prima, mas vai bem com um churrasco”, apesar de ter recheado o texto de elogios ao álbum da cantora. Entretanto, no fim de 2021 o jornal já se contradizia, ao noticiar que Ludmilla esgotou ingressos no show na zona norte de São Paulo assim como já havia feito no Rio de Janeiro, na matéria intitulada “Volta dos shows: Ludmilla retorna ao palco consagrada como uma estrela do pagode”, em que o texto conta sobre a “energia de catarse” do público ovacionando a cantora e, por fim, afirma que Ludmilla entrou na pandemia como uma estrela do funk e do pop e começou a sair dela como “uma referência do pagode”.

A cantora, que entrou na pandemia como uma estrela do pop e do funk, começa a sair dela também como uma referência do pagode, que inclui histórias de amor entre mulheres no mapa do ritmo musical e apresenta para um público jovem clássicos da música brasileira que não chegaram a alcançar parte da geração Z. Como diria seu próprio bordão, é mais uma canetada da Lud. (LEWER, 2021)

¹⁵⁵ APÓS vencer Prêmio Multishow, Ludmilla lança ‘Rainha da favela’. *Correio Braziliense*, 12 nov. 2020. Disponível em <https://www.correiobraziliense.com.br/diversao-e-arte/2020/11/4888366-apos-vencer-premio-multishow-ludmilla-lanca---rainha-da-favela.html>. Acesso em 16 jan. 2022.

¹⁵⁶ LUDMILLA se torna a segunda brasileira com mais ouvintes em plataforma de streaming. *GZH Música*, 9 mar. 2021. Disponível em <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/musica/noticia/2021/03/ludmilla-se-torna-a-segunda-brasileira-com-mais-ouvintes-em-plataforma-de-streaming-ckm18bnjs00dd0198pn1j26ln.html>. Acesso em 17 jan. 2022.

Nesse sentido, torna-se evidente portanto que a estética e sonoridade de Ludmilla alcançou a glamourização através da entrada da artista no cenário pop brasileiro, afastando-se inicialmente do funk, com os discos “Hoje” e “A danada sou eu”. No entanto, a cantora não deixa de esconder seu lado funkeira e, assim como Valesca Popozuda, voltou a agregar elementos do funk em suas composições, mas sempre dosando para manter seu status quo de artista pop. Percebe-se, assim, que a glamourização de artistas que iniciaram suas carreiras como MCs só começa a ser possível e visível principalmente quando os mesmos passam pelo processo de hibridização e, por fim, estabelecimento no estilo pop, fazendo com que suas músicas sejam mais respeitadas, cheguem às elites e conquistem um público ainda mais amplo.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com raízes no *soul* e *blues*, o movimento do funk surgiu no Rio de Janeiro a partir da década de 70, mas foi só a partir da década de 90 que o ritmo começou a ter muita visibilidade ao ganhar a atenção da mídia e o prestígio da juventude carioca, com produções nacionais como o lançamento do CD *Funk Brasil* de DJ Marlboro, que marcou o início da consolidação do movimento no país.

Na imprensa, é sabido que o funk desde os seus primórdios é estigmatizado e muitas vezes criminalizado. Para visualizar um exemplo prático disso, basta lembrar que o estilo musical ganhou visibilidade na imprensa através da associação que a grande mídia fez dos funkeiros às crescentes ondas de violência e arrastões nas praias da zona sul carioca. Apesar disso, foram nessas brechas de destaque ao funk dadas pelos jornais que o movimento emergiu e conseguiu consolidar-se nacionalmente, com aparições em programas de televisão e diversas produções audiovisuais, destacando o sucesso das vendagens do gênero e revelando diversos artistas. Dessa forma, ao cair até no gosto das elites, o funk que antes tinha públicos mais suburbanos, passou a chamar a atenção da indústria fonográfica que passou a se beneficiar e lucrar com os novos MCs, impactando na cultura urbana local que teve sua moda revolucionada, principalmente nas periferias, em que os fãs do movimento tentavam aproximar-se dos estilos dos cantores e DJs.

No entanto, ainda que popularizado, a mídia de massa e o Estado tiveram papel fundamental para disseminar o pânico moral sobre o movimento de modo a tentar criminalizá-lo. Dentre as reações, estiveram a criação de leis para a proibição dos bailes de comunidade e eventos de funk na cidade, as associações dos jovens ao tráfico e à desordem, além da perseguição do lazer periférico sobretudo, visto que nas festas de classes mais altas o funk continuava a ser um sucesso, sendo recebido como um estilo descolado e divertido. Aliado a isso, estava o racismo escancarado que grandes jornais escreviam em suas notícias ao caracterizar o funkeiro negro e favelado de modo pejorativo diferentemente do jovem branco de classe média que também ouvia o ritmo, demonizando suas formas de lazer e classificando a música como uma escória. Desse modo, tornou-se perceptível que a mídia glamouriza o funk quando ele passa a penetrar as camadas da elite, enquanto o demoniza na medida em que ele se situa nas periferias.

Com o passar dos anos, na década de 2000 o funk produziu novas vertentes e conseqüentemente novos artistas, entre eles o funk *melody* e o funk *proibidão*. Os MCs, principalmente de funk *melody*, passaram a ter ainda mais espaço e aclamação na televisão,

ascendendo socialmente e conquistando um lugar de privilégio na sociedade. No entanto, isso nunca os isentou de sofrer racismo e outros tipos de preconceitos pelo ritmo cantado e por suas origens, que muitas vezes era proveniente de zonas marginalizadas. A perseguição cultural contra o gênero e sua criminalização fez com que, até os dias atuais, a mídia não mostrasse adequadamente o funk como gênero musical artístico e poderoso que ele é, que apresenta uma incrível diversidade de temas contra hegemônicos, políticos e sociais desde o início de sua história. Ademais, é um movimento que revela talentos da periferia que jamais teriam conquistado certa ascensão social a não ser pela música.

Ao analisar os casos de Rennan da Penha, Valesca Popozuda e Ludmilla, torna-se notório que, antes de se consolidarem como artistas de sucesso, passaram e continuam a passar por situações de estigmatização, preconceito e estereótipos raciais, além de terem como estilo musical de origem o funk carioca de favela. Rennan da Penha, um dos pioneiros da vertente 150bpm do funk carioca, revolucionou o funk carioca com o Baile da Gaiola e músicas num ritmo acelerado que antes jamais havia sido visto, expandindo-o nacionalmente. Ao atingir o que parecia ser o seu auge em 2018 até o início de 2019, com uma condição financeira bem diferente da do início da carreira, passou a ser alvo de acusações como associação ao tráfico apenas por realizar seu trabalho dentro das favelas e foi condenado à regime fechado, com um processo repleto de controvérsias e coberturas completas em grandes emissoras, jornais e revistas. Isso tornou perceptível que toda essa visibilidade dada ao DJ passou a acontecer somente quando ele foi preso e, o fato dele ainda ser um artista preto muito ligado à favela que estava alcançando sucesso e riqueza, incomodou o poder público e a imprensa, que passaram a investigar todos os passos de Rennan, o qual não foi um caso isolado, posto que outros funkeiros de mesma raça, cor e origem social também foram vítimas do sistema penal midiático que é historicamente fundamentado pelos parâmetros de pureza e limpeza social, sendo consequentemente os corpos negros tratados como alvos preferenciais.

A dicotomia midiática entre a demonização e a glamourização do funk discutida durante todo este trabalho foi notável, portanto, quando o DJ foi solto. Da Penha passou a ganhar muitos prêmios, assinou contratos com grandes gravadoras e, pela alta repercussão sobre seu caso na grande mídia, tornou-se um artista de alcance nacional que colabora com nomes de sucesso no cenário musical e segue consolidando sua carreira com muito sucesso, sem abandonar seu “funk raiz”. Nesse sentido, a mídia, apesar de tê-lo evidenciado de forma negativa inicialmente, acabou por dar ainda mais destaque e *glamour* para Rennan da Penha, que reverteu o jogo, “seguiu o baile” e ganhou um alcance nacional ainda maior para a sua carreira, fazendo com

que o 150bpm fosse escutado por todo o país e o funk carioca voltasse a estar no topo das paradas.

Valesca Popozuda, por sua vez, desde o início de sua carreira foi rotulada como uma mulher vulgar e barraqueira por fazer parte do grupo musical Gaiola das Popozudas, que teve 13 anos de sucesso. Todavia, mesmo sendo estereotipada desse jeito, Valesca foi essencial para a história do funk carioca e para a revolução feminina no contexto musical da época em que surgiu. Com músicas que visavam ainda que indiretamente o empoderamento feminino, junto de letras de música que inspiravam mulheres a denunciarem a violência doméstica e abuso de seus parceiros, Valesca rompeu com um sistema patriarcal que inviabiliza e não legitima a voz da mulher, além de cantar o funk proibidão colocando a liberdade sexual feminina, que ainda é um tabu, em evidência, numa época em que o feminismo estava sendo mais discutido nas academias do que na população em geral. Na mídia, as aparições de Popozuda eram apenas para destacar seu físico e suas roupas sempre caracterizadas como de “piriguete”, com textos cercados pelo machismo e preconceito cultural contra o funk, de forma a demonizá-lo por ser muito “erotizado”.

Mas foi a partir de sua participação no *reality A Fazenda* que Valesca ganhou prestígio do grande público, que pôde romper com os estereótipos e perceber que a cantora sempre foi uma mulher carinhosa e generosa. Em busca de tal limpeza de imagem, veio a nova roupagem para o seu estilo e para a sua música: concebeu, então, o pop como um gênero musical presente em suas músicas e lançou um dos seus maiores sucessos que foi “Beijinho no Ombro”. Desde então, seu sucesso decolou, passou por um processo intenso de glamourização e, diferentemente de antes, a cantora passou a ser muito respeitada e aclamada pela imprensa de modo geral, participando de diversas ações publicitárias e alavancando sua carreira desde então. Tal acontecimento indica que, ainda que continuasse lançando músicas híbridas com elementos do funk, Valesca mesmo com tantos anos de caminhada, só conseguiu ganhar o prestígio da mídia e impulsionar de vez seu sucesso com músicas mais pops e com menos palavrões, além de adotar para si uma forma de se vestir e se comportar palatável para o grande público.

Já Ludmilla precisou, durante toda sua carreira, ter sua aparência e estilo moldados para que finalmente conseguisse se inserir no cenário musical brasileiro. Assim como Valesca e Rennan, trata-se de uma artista negra, de origem periférica que iniciou sua arte no funk carioca. No entanto, ao assinar contrato com gravadoras, assumiu uma roupagem totalmente pop em suas músicas além de passar por inúmeras transformações estéticas diretamente em seus traços negros, como o não uso de seu cabelo natural (crespo) e cirurgias para deixar o nariz mais fino para ser mais aceita socialmente, dado que os ideais de beleza impostos pela sociedade têm

como padrão uma estética supremacista branca, consoante ao que é colocado pelas obras da teórica bell hooks. Além disso, precisou tirar o MC do nome para que fosse socialmente mais aceita e tivesse a flexibilidade para entrar em novos ritmos, aqueles que realmente possuem alcance nacional, não se limitando apenas ao funk.

Mesmo com a carreira já glamourizada, Ludmilla não ficou isenta também do preconceito e da perseguição pela mídia, que sempre a envolveu em polêmicas e, muitas vezes, a colocava como vilã e uma mulher negra raivosa. Contudo, seu sucesso como uma diva pop a estabeleceu na música nacional e a fez ser uma das artistas mais ouvidas do país. Posto isso, é possível dizer que sua glamourização também foi alcançada através de sua entrada no pop, semelhante ao caso de Valesca Popozuda, uma vez que é um ritmo mais aceito pelo grande público, incluindo as elites.

A partir de todo o panorama ilustrado neste trabalho, foi possível observar que a mídia e o Estado, portanto, continuam a ter esse tipo de comportamento de demonização do funk para promover a manutenção da ordem social, colocando em prática a exclusão e perseguição do lazer periférico marginalizando cada vez mais as populações mais pobres que são, sobretudo, negras. Isso porque, conforme analisado anteriormente, a cultura negra é contraditória e possui uma riqueza de discursos contra hegemônicos, que ajudam a romper com estruturas passadas que antes proporcionavam “segurança” no mundo social. O funk, por sua vez, como parte desta cultura, ajuda a propagar, dessa forma, essas contranarrativas que fazem surgir resistências e discursos que o Estado e a mídia de massa não querem ouvir, por não serem benéficos para os detentores de poder. Ademais, entende-se que, embora existam problemáticas acerca da elitização cultural sofrida por esses artistas, é indubitável que sua ascensão social e glamourização é impulsionada a partir da entrada no *mainstream*, sendo estes a partir da visibilidade positiva ou negativa fornecida pela mídia.

Dessa forma, vale ressaltar que, para disseminar o conhecimento sobre a cultura popular carioca não só academicamente, é recomendado para os futuros estudos o debate aprofundado sobre esse histórico insistente de criminalização da cultura negra e a compreensão do processo em que o funk proveniente das favelas é assimilado como um produto da indústria cultural sobretudo quando é concebido com uma roupagem pop, fazendo, assim, com que essas contranarrativas continuem presentes na cena cultural.

9 REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, GG. O que o caso do DJ Rennan da Penha diz sobre estado atual do Judiciário brasileiro. **Vice**, 24 abr. 2019. Disponível em: <https://www.vice.com/pt/article/7xgvvz/o-que-o-caso-do-dj-rennan-da-penha-diz-sobre-estado-atual-do-judiciario-brasileiro>. Acesso em 4 dez. 2021.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Pólen Livros, 2019.

ARANTES, Dariane; THEODORO, Hadriel. Corpo, mídia e subjetividade: lutas por reconhecimento na trajetória da cantora Ludmilla. **Ação Midiática – Estudos em Comunicação, Sociedade e Cultura**, [S.l.], p. 157-176, jul. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/acaomidiatica/article/view/68811>. Acesso em: 14 jan. 2022.

ARAÚJO, Maria Paula; RODRIGUES, Adriana. O racismo institucional como violação dos direitos humanos. **Revista Ciências Humanas**, v. 14, n. 1, p. 2021, 26 abr. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-0259.2021.e77586>. Acesso em 4 dez. 2021.

ARNOLDT, Jason Patrick. **Transformações no funk carioca (1980-2017): cenário sócio-histórico e cultural, hibridismos e principais personagens**. Dissertação (Pós-graduação em Música). Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 26 abr. 2019.

BARBOSA, Jorge Luiz. A favela na cena da cultura urbana do Rio de Janeiro. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, p. 217-234, jul-dez. 2014 Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/18935>. Acesso em: 07 nov. 2021.

BARROS, Miguel de; LIMA, Redy Wilson; MARTINS, Rosana. Cultura de rua e políticas juvenis periféricas: aspectos históricos e um olhar ao hip-hop em África e no Brasil. **Revista FAMECOS**, v. 22, n. 1, p. 59-80, 25 maio 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2015.1.20134>. Acesso em 7 nov. 2021.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo II - A experiência vivida**. 2. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Pólen Livros, 2019.

BORGES JÚNIOR, Aldo Nonato et al. O movimento funk e sua influência no empoderamento feminino. **XXI Semana de Mobilização Científica – SEMOC**, 2018. Disponível em: <http://ri.ucsal.br:8080/jspui/bitstream/prefix/1054/1/O%20movimento%20funk%20e%20sua%20influ%C3%Aancia%20no%20empoderamento%20feminino%20.pdf>. Acesso em 25 dez. 2021.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BOURDIEU, Pierre. Notas provisórias sobre a percepção social do corpo. **Pro-Posições**, 2014, v. 25, n. 1, p. 247–256. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-73072014000100014>. Acesso em: 26 dez. 2021.

BRAGANÇA, Juliana da Silva. **“Porque o funk está preso na gaiola” (?): A criminalização**

do funk carioca nas páginas do Jornal do Brasil (1990-1999). Dissertação (Mestrado em História). Rio de Janeiro: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 29 jun. 2017. Disponível em: <https://tede.ufrrj.br/jspui/handle/jspui/2195>. Acesso em: 07 nov. 2021.

BUITRAGO, Hugo Alexander Carvajal. Una mirada sobre el feminismo del Funk carioca. **Ciencia Política**. Colombia: Universidad Nacional de Colombia, v. 9, n. 18, p. 16, 2014. Disponível em: <https://www.proquest.com/scholarly-journals/una-mirada-sobre-el-feminismo-del-funk-carioca/docview/1801851180/se-2>. Acesso em: 27 dez. 2021.

CAETANO, Mariana Gomes. **MY PUSSY É O PODER - Representação feminina através do funk: identidade, feminismo e indústria cultural.** Dissertação (Mestrado em Cultura e Territorialidades). Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2015.

CARRERA, Fernanda; CARVALHO, Denise. Algoritmos racistas: a hiper-ritualização da solidão da mulher negra em bancos de imagens digitais. In: **Galáxia**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica. São Paulo: n. 43, jan-abr. 2020, p. 99-114. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-25532020141614>. Acesso em: 03 jan. 2022.

CHURCHILL, Paola. "Acredito que é da natureza humana lutar", diz Rennan da Penha. **Vogue**, 22 nov. 2021. Disponível em <https://vogue.globo.com/lifestyle/cultura/Musica/noticia/2021/11/acredito-que-e-da-natureza-humana-lutar-diz-rennan-da-penha.html>. Acesso em 6 jan. 2022

COLLINS, Patricia Hill. **Black Feminist Thought**. 2 ed. Nova Iorque e Londres: Routledge, 2002.

CORRÊA, Laura; LANA, Ligia; ROSA, Maitê. A cartilha da mulher adequada: ser piriguete e ser feminina no Esquadrão da Moda. **Revista Contracampo**, n. 24, p. 120–139, 7 ago. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/contracampo.v1i24.176>. Acesso em 12 jan. 2022.

COSTA, Natália Cristine. As funkeiras, o funk e um discurso que só elas podem fazer. In: **XVI Encontro Estadual de História da ANPUH - SC**, p. 1–29, 2016.

COUTINHO, Tamires. **Cai de boca no meu buetão: o funk como potênica do empoderamento feminino.** Rio de Janeiro: Claraboia Editora, 2020.

EM NOTA, OAB/RJ manifesta preocupação com prisão do funkeiro Rennan da Penha. **OAB/RJ**, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em <https://www.oabRJ.org.br/noticias/nota-oabRJ-manifesta-preocupacao-prisao-funkeiro-rennan-penha>. Acesso em 4 dez. 2021.

FACINA, Adriana. “Não me bate doutor”: funk e criminalização da pobreza. In: **V Enecult: Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**, p. 1–10, 2009. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19190.pdf>. Acesso em 07 nov. 2021.

FACINA, Adriana; LOPES, Adriana Carvalho. Cidade do funk: expressões da diáspora negra nas favelas cariocas. **Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro**, v. 6, p. 193–206, 2012. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/wordpress/24340.pdf>. Acesso em 7 nov. 2021.

FACINA, Adriana. Cultura como crime, cultura como direito a luta contra a resolução 013 no Rio de Janeiro. In: JÚNIOR, J. (org.). **Discussões epistemológicas: as Ciências Humanas sob**

uma ótica interdisciplinar. 1. ed. São Luís: EDUFMA, 2014. p. 1–19.

FARIA, Débora. Da favela para o mundo: articulações entre o local e o global no funk brasileiro. **Brasiliana: Journal for Brazilian Studies**, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 55–81, 2015. Disponível em: <https://tidsskrift.dk/bras/article/view/206571>. Acesso em: 6 nov. 2022.

FERNANDES, Cíntia Sanmartin; HERSCHMANN, Micael. **Resiliência e polinização da música negra que vem ocupando os espaços urbanos do Rio de Janeiro.** In: **Galáxia.** São Paulo: n. 46, v. 1, 2021, p. 1-17. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-2553202148336>. Acesso em: 09 fev. 2022.

FERRONATO, Priscilla Boff; PERINI, Anerose. Rolezeiros e funk ostentação: Urban tribes of social and cultural movement and its interference in the formation of aesthetics from current fashion. In: **Dossiê: Moda como expressão de cultura.** Strategic Design Research Journal, v. 8, n. 3, p. 139–144, 19 nov. 2015. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/sdrj/article/view/sdrj.2015.83.04/5172>. Acesso em 7 nov. 2021.

FLAUZINA, Ana Luiza Pinheiro. **Corpo negro caído no chão: o sistema penal e o projeto genocida do Estado Brasileiro.** Dissertação (Mestrado em Direito). Brasília: Universidade de Brasília, p. 145, 2006.

FLICK, Uwe. **Introdução à Pesquisa Qualitativa.** 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREIRE FILHO, João; HERSCHMANN, Micael. Mídia, "Pânico Moral" e o funk carioca. In: FREIRE FILHO, João; HERSCHMANN, Micael (Orgs.). **Comunicação, Cultura e Consumo.** Rio de Janeiro: E-papers, 2005.

FREIRE FILHO, João; HERSCHMANN, Micael. Funk carioca: entre a condenação e a aclamação na mídia. **Revista ECO-Pós**, [S. l.], v. 6, n. 2, 2009. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/1133. Acesso em: 9 jan. 2022.

GAIOLA DAS POPOZUDAS. **Agora virei puta.** Rio de Janeiro: 2005. Disponível em <https://www.letras.mus.br/gaiola-das-popozudas/1350205/>. Acesso em 27 dez. 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 6 ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2008.

GOLDENBERG, Mirian; RAMOS, Marcelo S. A civilização das formas: O corpo como valor. In: GOLDENBERG, M. (org.). **Nu e Vestido.** Dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. 2 ed. (p. 19-40). Rio de Janeiro: Record, 2007.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolo da identidade negra.** Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

GUNTER, Barrie. **The quantitative research process.** In: JENSEN, K. (Ed.). A handbook of media and communication research. Londres: Routledge, 2002. p. 209-234.

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e Mediações Culturais.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio e Editora Apicuri, 2016.

HERSCHMANN, Micael. **O Funk e o Hip-Hop invadem a cena**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

HOOKS, bell. Alisando o nosso cabelo. In: **Revista Gazeta de Cuba**, 2005. Tradução de Lia Maria dos Santos. Disponível em: <https://coletivomarias.blogspot.com/2008/05/alisando-o-nosso-cabelo.html>. Acesso em 15 jan. 2022.

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo**. 15 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

HOOKS, bell. **Olhares negros: raça e representação**. [s.l.]: Elefante Editora, 2019.

KEENAN, Elizabeth. Who are you calling “Lady”? Femininity, sexuality, and third-wave feminism. **Journal of Popular Music Studies**, v. 20, n. 4, p. 378–401, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1533-1598.2008.00170.x>. Acesso em 26 dez. 2021.

LEAL, Tatiane. O show das poderosas: Anitta e a performance do sucesso feminino. In: **CiberLegenda**. Revista do Programa de Pós-graduação em Cinema e Audiovisual, n. 31, p. 110–121, 10 dez. 2014. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/ciberlegenda/article/view/36967/21542>. Acesso em 3 jan. 2022.

LEWER, Laura. Volta dos shows: Ludmilla retorna ao palco consagrada como uma estrela do pagode. **Folha de S. Paulo**, 18 dez. 2021. Disponível em <https://folha.com/o1k8rn0y>. Acesso em 17 jan. 2022

LOPES, Adriana Carvalho. **Funk-se quem quiser: no batidão negro da cidade carioca**. Rio de Janeiro: Editora Bom Texto, 2011.

MAIA JÚNIOR, Flávio Marcílio. TikTok e Música Pop: relações entre mídia, plataformas e produção de conteúdo no meio digital. **Tropos: Comunicação, Sociedade e Cultura**. [S. l.]: v. 10, n. 1, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/tropos/article/view/4978>. Acesso em: 7 nov. 2021.

MALTA, Jairo. Pagode de Ludmilla não é obra-prima, mas vai bem com um churrasco. **Folha de S. Paulo**, 29 mar. 2021. Disponível em <https://folha.com/jethbgz9>. Acesso em 17 jan. 2022.

MC Bola de Fogo. Tá de Chico. Rio de Janeiro: 2005. Disponível em <https://www.letras.mus.br/bola-de-fogo/292205/>. Acesso em 26 dez. 2021.

MCNALLY, James. Favela Chic: Diplo, Funk Carioca, and the Ethics and Aesthetics of the Global Remix. **Popular Music and Society**, v. 40, n. 4, p. 434–452, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/03007766.2015.1126100>. Acesso em 3 jan. 2022.

MEDEIROS, Janaína. **Funk carioca: crime ou cultura? O som do medo e do prazer**. São Paulo: Terceiro Nome, 2006.

MIZRAHI, Mylene. Cabelos como extensões: relações protéticas, materialidade e agência na estética funk carioca. **Textos Escolhidos de Cultura e Arte Populares**, v. 9, n. 2, 1 nov. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/tecap.2012.10265>. Acesso em 7 nov. 2021.

MIZRAHI, Mylene. A institucionalização do funk carioca e a invenção criativa da cultura. **Antíteses**, v. 8, n. 15, p. 398, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5433/1984-3356.2015v8n15p398>. Acesso em 7 nov. 2021.

O QUE Rennan da Penha conquistou em sua escalada funkeira até a ordem de prisão. **Folha de S. Paulo**, 7 abr. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/04/o-que-rennan-da-penha-conquistou-em-sua-escalada-funkeira-ate-a-ordem-de-prisao.shtml>. Acesso em 5 jan. 2022.

PAUER, Ágata. FUNK: “falsa cultura” ou a quebra de uma cultura estética colonial?. **Mídia Ninja**, 26 ago. 2021. Disponível em: <https://midianinja.org/agatapauer/funk-falsa-cultura-ou-a-quebra-de-uma-cultura-estetica-colonial>. Acesso em 12 jan. 2022.

PEREIRA, Treicy Pâmela de Castro. Identidade, gênero e empoderamento: a (des)construção do feminino nas letras de funk. **ALED BRASIL**, v. 2, n. 4, 10 dez. 2016. Disponível em <http://www.revistaaledbr.ufscar.br/index.php/revistaaledbr/article/view/199>. Acesso em 9 nov. 2021.

RANGEL, Patricia Luisa Nogueira. O funk no Rio de Janeiro: identidade étnica, cultural e social na Baixada Fluminense. **Periferia**, v. 5, n. 2, p. 113–130, 26 dez. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/periferia.2013.15370>. Acesso em 7 nov. 2021.

RIBEIRO, Djamila. **Quem Tem Medo do Feminismo Negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RIO DE JANEIRO (Estado). Lei nº 1075/99, de 9 de novembro de 1999. Dispõe que Fica proibida a realização de bailes e/ou quaisquer eventos do tipo funk no território fluminense. Disponível em: <http://alerjln1.alerj.rj.gov.br/scpro99.nsf/dae85f46f020c57003256bc60068cf57/8a595689bd00e85303256825007b7f16?OpenDocument>. Acesso em: 7 nov. 2021.

RIO DE JANEIRO (Estado). Lei nº 4264, de 30 de dezembro de 2003. Regulamenta os baile funk como atividade cultural de caráter popular, e dá outras providências. Disponível em: <https://gov-rj.jusbrasil.com.br/legislacao/136141/lei-4264-03>. Acesso em: 3 jan. 2022.

RIO DE JANEIRO (Estado). Lei nº 5543, de 22 de setembro de 2009. Dispõe que o funk é um movimento cultural e musical de caráter popular. Disponível em: <http://alerjln1.alerj.rj.gov.br/contlei.nsf/f25571cac4a61011032564fe0052c89c/78ae3b67ef30f23a8325763a00621702?OpenDocument>. Acesso em: 6 nov. 2021.

SAUERBRON, João Felipe Rammelt Sauerbronn; TONINI, Karla Andrea Dulce. Mulheres cariocas e seus corpos: uma investigação a respeito do valor de consumo do corpo feminino. **ReMark - Revista Brasileira de Marketing**, v. 12, n. 3, p. 77–101, 6 dez. 2013.

SODRÉ, Muniz. **Samba, o dono do corpo**. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

SOU feia mas tô na moda. Direção de Denise Garcia. Rio de Janeiro: 2005. Disponível em: <https://youtu.be/7TEGmeETANE>. Acesso em 27 dez. 2021

TROTTA, Felipe da Costa O funk no Brasil contemporâneo: Uma música que incomoda. **Latin American Research Review**, v. 51, n. 4, p. 86–101, 2016. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/639906>. Acesso em 13 dez. 2021.

VENTURA, Zuenir. **Cidade partida**. São Paulo. Companhia das Letras, 1994.

VIANNA, Hermano. **O Mundo Funk Carioca**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1988.

VIANNA, Hermano. Funk e cultura popular carioca. **Estudos Históricos**, v. 3, n. 6, p. 244–253, 1990. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2304>. Acesso em 6 nov. 2021.

YIN, R. K. **Estudo de Caso: Planejamento e Método**. 2 ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.